



vida pastoral

REVISTA BIMESTRAL PARA SACERDOTES E AGENTES DE PASTORAL



TEMAS PASTORAIS

A sonorização nas igrejas — Helena N. Ribeiro
Crépin – p. 3

**Palestra que a Dra. Zilda Arns preparou para
apresentar no Haiti** — Dra. Zilda Arns Neumann –
p. 5

16º Congresso Eucarístico Nacional — Dom João
Braz de Aviz – p. 11

O futuro da eucaristia visto da América Latina —
Pe. Francisco Taborda, sj – p. 13

**Desafios da catequese no cenário da pós-
modernidade** — Solange Maria do Carmo – p. 16

**Por uma espiritualidade encarnada: reflexões
sobre a espiritualidade do(a) agente de pastoral
à luz do Documento de Aparecida** — Rodrigo
Borgheti – p. 25

O papel da assessoria pastoral nas CEBs — Pe.
Nelito Dornelas, Pedro A. Ribeiro de Oliveira e
Tereza P. Cavalcanti – p. 29

**Os padres e a sexualidade na visão de um
psicoterapeuta** — Ênio Brito Pinto – p. 35

Roteiros homiléticos — Celso Loraschi – p. 40

Aos nossos leitores e leitoras

Graça e Paz!

Algumas semanas antes do fechamento desta edição ocorreu a tragédia no Haiti, a qual ceifou a vida de dezenas de milhares de haitianos e na qual veio a falecer a dra. Zilda Arns, durante ato relacionado à grandiosa missão que desenvolveu ao longo de mais de 26 anos à frente da Pastoral da Criança, fundada por ela.

O terremoto chamou a atenção da comunidade internacional para a tragédia permanente em que vive o país: a pobreza. Lembramos que há alguns anos, quando se iniciou a missão brasileira por lá, vários dos países mais ricos do globo e a ONU prometeram fundos para a reestruturação nacional. Entretanto, isso, em grande parte, ficou apenas na promessa, ao passo que escandalosas somas foram direcionadas para a guerra no Iraque.

No Haiti, a pobreza, que amplia os efeitos da catástrofe geológica, não subsiste por acaso. O país é vítima de séculos de domínio europeu e estadunidense. Inicialmente foram os espanhóis, que dizimaram e escravizaram grande parte da população nativa; depois os franceses, que ali tiveram uma das suas mais prósperas colônias. Em 1794, o Haiti tornou-se o primeiro país do mundo a abolir a escravidão, por meio de uma revolta de escravos, embora muitas enciclopédias e livros de história digam que o primeiro país a abolir a escravidão tenha sido a Inglaterra. Como forma de retaliação, em 1804, Estados Unidos e Europa passaram a submeter o país a bloqueio comercial, que durou 60 anos. Ao final deste período, cercado por frota de navios da ex-metrópole, o Haiti foi forçado a pagar 150 milhões de francos a título de indenização, o que exauriu sua economia. Posteriormente,

foi invadido por tropas estadunidenses em duas ocasiões. Também sofreu sob ditadura apoiada pelos EUA, na qual a oposição foi exterminada e a Igreja católica perseguida.

Tendo presente essa difícil realidade, aumenta ainda mais nosso carinho e gratidão para com dona Zilda, que foi àquele país levar o alento da Pastoral da Criança, cuja atuação tem salvado e dignificado a vida de tantas crianças e mães em mais de 40 mil comunidades do Brasil e já se expandiu para diversos outros países. Queremos render-lhe nossa homenagem e agradecer-lhe seu testemunho de fé cristã que chega a resultados concretos. Ela também nos deu testemunho de que a mulher, quando encontra abertura e oportunidade, pode fazer muito pela Igreja. Foi líder de um batalhão de voluntárias da Pastoral da Criança, mensageiras do evangelho da vida e construtoras do reino de Deus.

Todos lamentamos sua morte, mas o comentário de seu irmão, dom Paulo Evaristo Arns, aponta-nos o sentido profundo de sua partida: “Teve uma morte bonita, pois estava defendendo o que acreditava”. Recordamos também a afirmação dos padres do período patristico: “O sangue dos mártires é semente de novos cristãos”. Se a vida é compreendida e experienciada de maneira não egoísta, aberta a Deus e ao próximo, reveste-se de pleno sentido, mesmo após o fim da experiência terrena. Com certeza o testemunho de dona Zilda continuará sendo semente que dará muitos frutos à Igreja e à humanidade, particularmente à Pastoral da Criança. Que todos nós possamos também dar nosso testemunho de fé cristã comprometida com a transformação da realidade.

Pe. Jakson Ferreira de Alencar, ssp
Editor

Editora PIA SOCIEDADE DE SÃO PAULO

Diretor Pe. Zolferino Tonon

Editor Pe. Jakson F. de Alencar – MTB MG08279JP

Equipe de redação Pe. Zolferino Tonon, Pe. Darci Luiz Marin, Pe. Valdêz Dall'Agnese, Pe. Paulo Bazaglia, Pe. Jakson F. de Alencar, Pe. Manoel Quinta

Editoração PAULUS

ASSINATURAS assinaturas@paulus.com.br
(11) 3789.4000 • FAX: 3789.4004
Cx. Postal 2534 • CEP 01060-970 • São Paulo/SP

Redação © PAULUS - São Paulo (Brasil) • ISSN 0507-7184
vidapastoral@paulus.com.br

12570-000 - APARECIDA/SP
Centro de Apoio aos Romeiros - Lojas 44,45,78,79
T.: (12) 3104.1145 • aparecida@paulus.com.br

49010-000 - ARACAJU/SE
Rua Laranjeiras, 319 • T.: (79) 3211.2927
aracaju@paulus.com.br

66019-100 - BELÉM/PA
Rua 28 de setembro, 61 - Campina • T.: (91) 3212.1195
belem@paulus.com.br

30160-906 - BELO HORIZONTE/MG
Rua da Bahia, 1136 - Ed. Arcângelo Maleta
T.: (31) 3274.3299 • bh@paulus.com.br

70304-900 - BRASÍLIA/DF
SCS - Q.1 - Bloco I - Edifício Central - Loja 15 - Asa Sul
T.: (61) 3225.9847 • brasilia@paulus.com.br

13015-002 - CAMPINAS/SP
Rua Barão de Jaguara, 1163 • T.: (19) 3231.5866
campinas@paulus.com.br

79002-205 - CAMPO GRANDE/MS
Av. Calógeras, 2405 - Centro • T.: (67) 3382.3251
campogrande@paulus.com.br

95010-005 - CAXIAS DO SUL/RS
Av. Júlio de Castilho, 2029 • T.: (54) 3221.7797
caxias@paulus.com.br

78005-420 - CUIABÁ/MT
Rua Antônio Maria Coelho, 180 • T.: (65) 3623.0207
cuiaba@paulus.com.br

80010-030 - CURITIBA/PR
Pça. Rui Barbosa, 599 • T.: (41) 3223.6652
curitiba@paulus.com.br

88010-030 - FLORIANÓPOLIS/SC
Rua Jerônimo Coelho, 119 • T.: (48) 3223.6567
florianopolis@paulus.com.br

60025-130 - FORTALEZA/CE
Rua Floriano Peixoto, 523 • T.: (85) 3252.4201
fortaleza@paulus.com.br

74023-030 - GOIÂNIA/GO
Rua Seis, 201 - Centro • T.: (62) 3223.6860
goiania@paulus.com.br

58010-670 - JOÃO PESSOA/PB
Praça Dom Aduauto, S/N - Junto à Cúria - Centro
T.: (83) 3221.5108 • joaopessoa@paulus.com.br

36016-311 - JUIZ DE FORA/MG
Av. Barão do Rio Branco, 2590 • T.: (32) 3215.2160
juizdefora@paulus.com.br

69010-210 - MANAUS/AM
Rua Itamaracá, nº 21, Centro • T.: (92) 3622.7110
manaus@paulus.com.br

59025-260 - NATAL/RN
Rua Cel. Cascudo, 333 - Cidade Alta • T.: (84) 3211.7514
natal@paulus.com.br

90010-090 - PORTO ALEGRE/RS
Rua Dr. José Montauray, 155 - Centro • T.: (51) 3227.7313
portoalegre@paulus.com.br

50020-000 - RECIFE/PE
Av. Dantas Barreto, 1000 B • T.: (81) 3224.9637
recife@paulus.com.br

14015-040 - RIBEIRÃO PRETO/SP
Rua São Sebastião, 621 • T.: (16) 3610.9203
ribeiraopreto@paulus.com.br

20031-145 - RIO DE JANEIRO/RJ
Rua México, 111-B • T.: (21) 2240.1303
riodejaneiro@paulus.com.br

40060-001 - SALVADOR/BA
Av. 7 de Setembro, 80 - Rel. de S. Pedro • T.: (71) 3321.4446
salvador@paulus.com.br

09015-200 - SANTO ANDRÉ/SP
Rua Campos Sales, 255 • T.: (11) 4992.0623
stoandre@paulus.com.br

65020-450 - SÃO LUÍS/MA
Rua da Paz, 121 - Centro - T.: (98) 3231.2665
saoluis@paulus.com.br

15015-110 - SÃO JOSÉ DO RIO PRETO/SP
Rua XV de Novembro, 2826 • T.: (17) 3233.5188
riopreto@paulus.com.br

29010-120 - VITÓRIA/ES
Rua Duque de Caxias, 121 • T.: (27) 3323.0116
vitoria@paulus.com.br

PAULUS EM SÃO PAULO

01001-001 - PRAÇA DA SÉ
Praça da Sé, 180 • T.: (11) 3105.0030
pracase@paulus.com.br

05576-200 - RAPOSO TAVARES
Via Raposo Tavares, Km 18,5 • T.: (11) 3789.4005
raposotavares@paulus.com.br

01060-970 - ASSINATURAS / DISTRIBUIÇÃO
Via Raposo Tavares, Km 18,5
caixa postal 2534 • São Paulo/SP
T.: (11) 3789.4000 • Fax: 3789.4004 • assinaturas@paulus.com.br

04117-040 - VILA MARIANA
Rua Dr. Pinto Ferraz, 207 - Metrô Vila Mariana
T.: (11) 5549.1582 • vilamariana@paulus.com.br

A SONORIZAÇÃO NAS IGREJAS

Helena N. Ribeiro Crépin*

Vivemos na era da comunicação e por conseguinte, nos principais congressos, assembleias, reuniões e planos de pastoral, a Igreja discute o que fazer, em grandes linhas, nessa área. Entretanto, às vezes descuidamos de coisas básicas e fundamentais para uma boa comunicação, como a adequada sonorização de nossos templos. Em época de tecnologias avançadas, os mais desinformados e relutantes acabam não conseguindo interagir bem com o mundo atual. Os ventos da globalização sopraram sobre nós e incendiaram a imaginação daqueles dispostos a investir na procura da melhoria da comunicação. Em todas as áreas surgiram novidades, tendo por objetivo o bem-estar e a qualidade de vida. Embora nem todos os problemas da humanidade tenham sido resolvidos – e alguns até tenham aumentado –, o mundo certamente evoluiu e quem ainda não se convenceu disso acabará ultrapassado ou remando contra a maré.

Em que pese a evolução das tecnologias e a nova forma de ser e viver do mundo moderno, a necessidade de uma vida espiritual plena continua acompanhando o ser humano. Estamos sedentos por descansar no sagrado para podermos enfrentar a correria do dia a dia e o materialismo dos tempos atuais. Assim, desejamos encontrar nos templos ambientes saudáveis, com temperatura agradável e boas acomodações, em que seja possível concentrar-se, rezar e celebrar bem, a fim de fortalecermos nossa fé e melhor orientarmos nosso caminho espiritual e nossa vida. A Igreja católica vive esse momento e precisa ser ouvida de forma clara e inteligível para responder à necessidade dos seus fiéis, levando em consideração que, na sociedade atual, muitas outras vozes sabem usar bem as

palavras e aliá-las ao uso de boas tecnologias, a fim de atrair as pessoas.

De fato, não adianta ser bom pregador se a palavra chega distorcida ou inaudível ao ouvido do fiel. A comunicação exige boa compreensão, e uma palavra mal ouvida pode ser mal interpretada. Em vez de ser considerado luxo, um som de boa qualidade é veículo indispensável à transmissão da palavra de Deus. Hoje em dia, é comum encontrar paróquias utilizando equipamentos inadequados por descuido ou por desconhecimento da especificidade da tecnologia acústica necessária a uma boa instalação, deixando o fiel incomodado pelos ruídos de microfonia ou até mesmo com dificuldade de ouvir pelo excesso do som, bem como pela ininteligibilidade da palavra, a ponto de sair da igreja com a sensação de que não ouviu nada.

Alguém pode ser músico, mas não entender nada de reverberação; alguém pode até ser um ótimo músico e não conhecer a diferença acústica entre música e palavra. A Igreja pode ser bela, mas sem acústica adequada. No entanto, a tecnologia hoje permite resolver a maioria dos problemas de som encontrados nas igrejas, o que pode ser feito com o auxílio de pessoas especializadas no assunto, a fim de direcionar da melhor maneira possível os recursos para o investimento na qualidade do som.

Desde 1957, a acústica encontrou uma solução para a transmissão da palavra e da música em ambientes de forte reverberação (persistência do som num espaço, após haver cessado a vibração da fonte que lhe deu origem; eco) ou de grande espaço, promovendo as chamadas ondas direcionadas: as caixas acústicas do tipo *line array* são o resultado dessa tecnologia. No

decorrer do tempo e assim que as aplicações evoluíram, chegaram as colunas acústicas do tipo *line array* compactas, equipando tanto os grandes santuários quanto as mais modestas igrejas do mundo inteiro.

Cada ambiente é específico; não existem soluções milagrosas para resolver todos os problemas acústicos. Existem apenas soluções mais bem adaptadas, permitindo a real inteligibilidade da palavra do pregador, dos cantos, das leituras... As ondas direcionadas geradas pelas colunas do tipo *line array* são as melhores até hoje e podem garantir real qualidade de audição. Porém, essas caixas não resolvem nada se não forem instaladas de forma adequada, com atenção à sua posição e à potência necessária à dimensão do templo religioso. Esses aparelhos são mais bem aproveitados se instalados de acordo com um projeto global realizado por um engenheiro, que poderá indicar a necessidade ou não de um tratamento acústico da igreja.

Entre o conhecimento e a especialização, são anos de estudo e de experiência, e o mundo religioso, ao contar com as possibilidades oferecidas pela tecnologia nesse campo, pode atingir melhor seus objetivos, não se esquecendo de considerar que a boa transmissão da palavra de Deus é indispensável para o bom desenvolvimento da espiritualidade e da pastoral junto aos fiéis.

* Formada em Comunicação, com especialização em Publicidade e Propaganda pela PUC-SP.
E-mail para contato: helenanribeiro@terra.com.br

Folheto O DOMINGO – Culto Dominical

O folheto *Culto Dominical* é um excelente subsídio para as celebrações litúrgicas nas comunidades sem padres. O folheto auxilia na preparação e na animação das celebrações da Palavra, trazendo as leituras, orações, comentários e dicas para a reflexão sobre as leituras, além de artigos para o enriquecimento catequético-pastoral e espiritual.

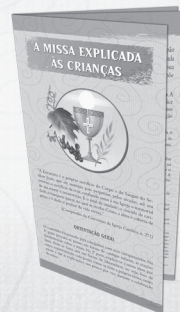
Assinaturas: (11) 3789-4000
Ou pelo e-mail: assinaturas@paulus.com.br

Entenda e participe com fervor da Celebração Eucarística.



**Missa
Entenda e participe**
Pe. Luiz Miguel Duarte
84 páginas

O objetivo central desta obra é oferecer auxílio ao leitor para maior entendimento da missa. O livro aborda os pontos referentes à sua dimensão litúrgica e o significado de cada parte desta tão importante celebração da Igreja.



**A missa explicada
às crianças**
Pe. Luiz Miguel Duarte
8 páginas

O conteúdo deste folheto foi pensado para catequistas e seus catequizandos. Dividido em duas partes, o material procura passar às crianças noções fundamentais sobre a missa, explicando-a parte por parte.

Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119



Criação PAULUS / A PAULUS se reserva o direito de retirar o produto do catálogo sem prévio aviso. Imagens meramente ilustrativas.

PALESTRA QUE A DRA. ZILDA ARNS PREPAROU PARA APRESENTAR NO HAITI

Dra. Zilda Arns Neumann

Leia abaixo a íntegra da palestra que a médica e fundadora da Pastoral da Criança, Zilda Arns, falecida no terremoto no Haiti em janeiro, preparou para apresentar naquele país em visita que fazia para divulgar o trabalho da pastoral. De acordo com o filho Nelson Arns Neumann, Zilda fazia sua palestra quando as paredes da igreja em que estava desabaram.

* * *

Agradeço o honroso convite que me foi feito. Quero manifestar minha grande alegria por estar aqui com todos vocês em Porto Príncipe, Haiti, para participar da assembleia de religiosos.

Como irmã de dois franciscanos e de três irmãs da Congregação das Irmãs Escolares de Nossa Senhora, estou muito feliz entre todos vocês. Dou graças a Deus por este momento.

Na realidade, todos nós estamos aqui, neste encontro, porque sentimos dentro de nós um forte chamado para difundir ao mundo a boa notícia de Jesus. A boa notícia, transformada em ações concretas, é luz e esperança na conquista da Paz nas famílias e nas nações. A construção da paz começa no coração das pessoas e tem seu fundamento no amor, que tem suas raízes na gestação e na primeira infância e se transforma em fraternidade e responsabilidade social.

A paz é uma conquista coletiva. Tem lugar quando encorajamos as pessoas, quando promovemos os valores culturais e éticos, as atitudes e práticas da busca do bem comum, que aprendemos com nosso mestre Jesus: “Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10).

Espera-se que os agentes sociais continuem, além das referências éticas e morais de nossa Igreja, a ser, como ela, mestres em orientar as famílias e comunidades, especialmente na área

da saúde, educação e direitos humanos. Deste modo, podemos formar a massa crítica das comunidades cristãs e de outras religiões em favor da proteção da criança desde a concepção – e mais excepcionalmente até os 6 anos – e do adolescente. Devemos nos esforçar para que nossos legisladores elaborem leis e os governos executem políticas públicas que incentivem a qualidade da educação integral das crianças e a saúde como prioridade absoluta.

O povo seguiu Jesus porque ele tinha palavras de esperança. Assim, nós somos chamados para anunciar as experiências positivas e os caminhos que levam as comunidades, famílias e pais a ser mais justos e fraternos.

Como discípulos e missionários, convidados a evangelizar, sabemos que a força propulsora da transformação social está na prática do maior de todos os mandamentos da Lei de Deus, o amor, expresso na solidariedade fraterna, capaz de mover montanhas: “amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos” significa trabalhar pela inclusão social, fruto da Justiça; significa não ter preconceitos, aplicar nossos melhores talentos em favor da vida plena, prioritariamente daqueles que mais necessitam. Somar esforços para alcançar os objetivos, servir com humildade e misericórdia, sem perder a própria identidade. Todo esse caminho necessita

de comunicação constante para iluminar, animar, fortalecer e democratizar nossa missão de fé e vida. cremos que essa transformação social exige um investimento máximo de esforços para o desenvolvimento integral das crianças. Esse desenvolvimento começa quando a criança se encontra ainda no ventre sagrado da sua mãe. As crianças, quando estão bem cuidadas, são sementes de paz e esperança. Não existe ser humano mais perfeito, mais justo, mais solidário e sem preconceitos que as crianças.

Não é por nada que disse Jesus: “se vocês não ficarem iguais a estas crianças, não entrarão no reino dos céus” (Mt 18,3). E “deixem que as crianças venham a mim, pois delas é o reino dos céus” (Lc 18,16).

Hoje vou compartilhar com vocês uma verdadeira história de amor e inspiração divina, um sonho que se fez realidade. Como ocorreu com os discípulos de Emaús (Lc 24,13-35): “Jesus caminhava todo o tempo com eles. Ele foi reconhecido a partir do pão”, símbolo da vida. Em outra passagem, quando o barco no mar da Galileia estava prestes a afundar sob violentas ondas, ali estava Jesus com eles, para acalmar a tormenta (Mc 4,35-41).

Com alegria vou contar o que “eu vi e o que tenho testemunhado” há mais de 26 anos desde a fundação da Pastoral da Criança, em setembro de 1983.

Aquilo que era uma semente, que começou na cidade de Florestópolis, Estado do Paraná, no Brasil, se converteu no Organismo de Ação Social da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, presente em 42 mil comunidades pobres e nas 7 mil paróquias de todas as dioceses do Brasil.

Por força da solidariedade fraterna, uma rede de 260 mil voluntários, dos quais 141 mil são líderes que vivem em comunidades pobres e 92% são mulheres, participa permanentemente da construção de um mundo melhor, mais justo e mais fraterno, a serviço da vida e da esperança. Cada voluntário dedica em média 24 horas ao mês a esta missão transformadora de educar as mães e famílias pobres, compartilhar o pão da fraternidade e gerar conhecimentos para a transformação social.

O objetivo da Pastoral da Criança é reduzir as causas da desnutrição e a mortalidade infantil, promover o desenvolvimento integral das crianças, desde sua concepção até os 6 anos de idade.

A primeira infância é uma etapa decisiva para a saúde, a educação, a consolidação dos valores culturais, o cultivo da fé e da cidadania, com profundas repercussões por toda a vida.

Um pouco de história

Sou a 12ª de 13 irmãos, cinco deles são religiosos: três irmãs religiosas e dois sacerdotes franciscanos. Um deles é dom Paulo Evaristo, o cardeal Arns, arcebispo emérito de São Paulo, conhecido por sua luta em favor dos direitos humanos, principalmente durante os 20 anos da ditadura militar no Brasil.

Em maio de 1982, ao voltar de uma reunião da Organização das Nações Unidas (ONU) em Genebra, dom Paulo me chamou pelo telefone à noite. Naquela reunião, James Grant, então diretor executivo da Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância), falou com insistência sobre o soro oral. Considerado como o maior avanço da medicina no século passado, esse soro era capaz de salvar milhões de crianças que poderiam morrer por desidratação devido à diarreia, uma das principais causas da mortalidade infantil no Brasil e no mundo. James Grant conseguiu convencer d. Paulo para que motivasse a Igreja católica a ensinar as mães a preparar e administrar o soro oral. Isto podia salvar milhares de vidas.

Viúva fazia cinco anos, eu estava, naquela noite histórica, reunida com os cinco filhos, entre 9 e 19 anos, quando recebi a chamada telefônica do meu irmão d. Paulo. Ele me contou o que havia passado e me pediu que refletisse sobre isso. Como tornar realidade a proposta da Igreja de ajudar a reduzir a morte das crianças? Eu me senti feliz diante desse novo desafio. Era o que mais desejava: educar as mães e famílias para que soubessem cuidar melhor de seus filhos!

Creio que Deus, de certo modo, havia me preparado para esta missão. Baseada na minha experiência como médica pediatra e especialista em saúde pública e nos muitos anos de direção dos serviços públicos de saúde materno-infantil, compreendi que, além de melhorar a qualidade dos serviços públicos e facilitar às mães e crianças o acesso a eles, o que mais falta fazia às mães pobres era o conhecimento e a solidariedade fraterna, para que pudessem colocar em prática algumas medidas básicas simples e capazes de salvar seus filhos da desnutrição e da morte, como,

por exemplo, a educação alimentar e nutricional para as grávidas e seus filhos, a amamentação materna, as vacinas, o soro caseiro, o controle nutricional, além dos conhecimentos sobre sinais e sintomas de algumas doenças respiratórias e como as prevenir.

Vem-me à mente então a metodologia que utilizou Jesus para saciar a fome de 5 mil homens, sem contar as mulheres e as crianças. Era noite e tinham fome. Os discípulos disseram a Jesus que o melhor era que deixassem suas casas, mas Jesus ordenou: “Dai-lhes vós de comer”. O apóstolo Filipe disse a Jesus que não tinham dinheiro para comprar comida para tanta gente. André, irmão de Simão, sinalou uma criança que tinha dois peixes e cinco pães. E Jesus mandou que se sentassem em grupos de 50 a cem pessoas (em pequenas comunidades). Então pensei: Por que morrem milhões de crianças por motivos que podem facilmente ser prevenidos? O que faz com que eles se tornem criminosos e violentos na adolescência?

Recordei o início da minha carreira, quando me desafiei a querer diminuir a mortalidade infantil e a desnutrição. Vieram à minha mente milhares de mães que trocaram o leite materno pela mamadeira diluída em água suja. Outras mães que não vacinavam seus filhos, quando não havia ainda cesta básica no Centro de Saúde. Outras mães que limpavam o nariz de todos os seus filhos com o mesmo pano, ou pegavam seus filhos e os humilhavam quando faziam xixi na cama. E ainda mais triste, quando o pai chegava em casa bêbado. Ao ouvir o grito de fome e carinho de seus filhos, os venciam mesmo quando eram muito pequenos. Sabe-se, segundo resultados de pesquisas da OMS (Organização Mundial da Saúde), cuja publicação acompanhei em 1994, que as crianças maltratadas antes de 1 ano de idade têm uma tendência significativa para a violência e com frequência fazem crimes antes dos 25 anos.

*A Igreja, que somos todos nós,
que deveríamos fazer?*

Tive a seguridade de seguir a metodologia de Jesus: organizar as pessoas em pequenas comunidades; identificar líderes, famílias com grávidas e crianças menores de 6 anos. Os líderes que se dispusessem a trabalhar voluntariamente nessa missão de salvar vidas seriam capacitados, no

espírito da fé e vida, e preparados técnica e cientificamente em ações básicas de saúde, nutrição, educação e cidadania. Seriam acompanhados em seu trabalho para que não desanimassem. Teriam a missão de compartilhar com as famílias a solidariedade fraterna, o amor, os conhecimentos sobre os cuidados com as grávidas e as crianças, para que estas sejam saudáveis e felizes. Assim como Jesus ordenou que considerassem se todos estavam saciados, tínhamos de implantar um sistema de informações, com alguns indicadores de fácil compreensão, inclusive para líderes analfabetos ou de baixa escolaridade. E vi diante de mim muitos gestos de sabedoria e amor aprendidos com o povo.

Senti que ali estava a metodologia comunitária, pois podia se desenvolver em grande escala pelas dioceses, paróquias e comunidades. Não somente para salvar vidas de crianças, mas também para construir um mundo mais justo e fraterno. Seria a missão do “Bom Pastor”, que está atento a todas as ovelhas, mas dá prioridade àquelas que mais necessitam: os pobres e os excluídos.

Naquela maravilhosa noite, desenhei no papel uma comunidade pobre, onde identifiquei famílias com grávidas e filhos menores de 6 anos e líderes comunitários, tanto católicos como de outras confissões e culturas, para levar adiante ações de maneira ecumênica, pois Jesus veio para que “todos tenham Vida e Vida em abundância” (Jo 10,10). Isto é o que precisa ser feito aqui no Haiti: fazer um mapa das comunidades pobres, identificar as crianças menores de 6 anos e suas famílias e líderes comunitários que desejam trabalhar voluntariamente.

Desde a primeira experiência, a Pastoral da Criança cultivou a metodologia de Jesus, que é aplicada em grande escala. No Brasil, em mais de 40 mil comunidades, de 7 mil paróquias de todas as 272 dioceses e prelazias. Está se estendendo a 20 países. Estes são, na América Latina e no Caribe: Argentina, Bolívia, Colômbia, Paraguai, Uruguai, Peru, Venezuela, Guatemala, Panamá, República Dominicana, Haiti, Honduras, Costa Rica e México; na África: Angola, Guiné-Bissau, Guiné Conakry e Moçambique; na Ásia: Filipinas e Timor Leste.

Para organizar melhor e compartilhar as informações e a solidariedade fraterna entre as mães e famílias vizinhas, as ações se baseiam em três estratégias de educação e comunicação:

individual, de grupo e de massas. A Pastoral da Criança utiliza simultaneamente as três formas de comunicação para reforçar a mensagem, motivar e promover mudanças de conduta, fortalecendo as famílias com informações sobre como cuidar dos filhos, promovendo a solidariedade fraterna.

A educação e comunicação individual se fazem através da “visita domiciliar mensal nas famílias” com grávidas e filhos. Os líderes acompanham as famílias vizinhas nas comunidades mais pobres, nas áreas urbanas e rurais, nas aldeias indígenas e nos quilombos, e nas áreas ribeirinhas da Amazônia. Atravessam rios e mares, sobem e descem montes de encostas íngremes, caminham léguas, para ouvir os clamores das mães e famílias, para educar e fortalecer a paz, a fé e os conhecimentos. Trocam ideias sobre saúde e educação das crianças e das grávidas; ensinam e aprendem.

Com muita confiança e ternura, fortalecem o tecido social das comunidades, o que leva à inclusão social.

Motivada pela Campanha Mundial patrocinada pela ONU (Organização das Nações Unidas) em 1999, com o tema “Uma vida sem violência é um direito nosso”, a Pastoral da Criança incorporou uma ação permanente de prevenção da violência com o lema “A Paz começa em casa”. Utilizou como uma das estratégias de comunicação a distribuição de 6 milhões de folhetos com “10 mandamentos para alcançar a paz na família”; debatíamos nas comunidades e nas escolas, do norte ao sul do país.

As visitas, entre tantas outras ações, servem para promover a amamentação materna, uma escola de diálogo e compartilhar, principalmente quando se dá o leite materno como alimento exclusivo até os 6 meses e se continua dando como alimento preferencial além do 1 ano, inclusive além dos 2 anos, complementarmente com outros alimentos saudáveis. A sucção adapta os músculos e ossos para uma boa dicção, uma melhor respiração e uma arcada dentária mais saudável. O carinho da mãe acariciando a cabeça do bebê melhora a conexão dos neurônios. A psicomotricidade da criança que mama no peito é mais avançada. Tanto é assim que se senta, anda e fala mais rápido, aprende melhor na escola. É fator essencial para o desenvolvimento afetivo e proteção da saúde dos bebês, para toda a vida. A

solidariedade desponta, promovida pelas horas de contato direto com a mãe. Durante a visita domiciliar, a educação das mulheres e de seus familiares eleva a autoestima, estimula os cuidados pessoais e os cuidados com as crianças. Com esta educação das famílias, promove-se a inclusão social.

A educação e a comunicação grupal têm lugar em cada mês em milhares de comunidades. Esse é o Dia da Celebração da Vida, momento dedicado ao fortalecimento da fé e da amizade entre famílias. Além do controle nutricional, estão os brinquedos e as brincadeiras com as crianças e a orientação sobre a cidadania. Nesse dia, as mães compartilham práticas de aproveitamento adequado de alimentos da região de baixo custo e alto valor nutritivo. As frutas, folhas verdes, sementes e talos, que muitas vezes não são valorizados pelas famílias.

Outra oportunidade de formação de grupo é a Reunião Mensal de Reflexão e Evolução dos líderes da comunidade. O objetivo principal desta reunião é discutir e estabelecer soluções para os problemas encontrados.

Essas ações integram o sistema de informação da Pastoral da Criança para poder acompanhar os esforços realizados e seus resultados através de indicadores. A desnutrição foi controlada. De mais de 50% de desnutridos no começo, hoje está em 3,1%. A mortalidade infantil foi drasticamente reduzida e hoje está em 13 mortos por mil nascidos vivos nas comunidades com Pastoral da Criança. O índice nacional é 23, mas se sabe que o número de mortes em comunidades pobres, onde está a Pastoral da Criança, é maior que a média geral. Em 1982, a mortalidade infantil no Brasil foi de 82,8 por mil nascidos vivos. Estes resultados têm servido de base para conquistar entidades, como o Ministério da Saúde, Unicef, Banco HSBC e outras empresas. Elas nos apoiam nas capacitações e em todas as atividades básicas de saúde, nutrição, educação e cidadania. O custo criança/mês é de menos de US\$ 1.

Em relação à educação e à comunicação de massas, há três experiências concretas de como a comunicação é um instrumento de defesa dos direitos da infância:

Materiais impressos

O material impresso foi concebido especificamente para ajudar a formação do líder da Pastoral da Criança. Os instrutores e os multi-

plicadores servem como ferramenta de trabalho na tarefa de guiar as famílias e comunidades sobre questões de saúde, nutrição, educação e cidadania. Além do *Guia da Pastoral da Criança*, se colocaram em marcha publicações como o *Manual do facilitador, Brinquedos e brincadeiras, Alimentação e hortas caseiras, Educação de jovens e adultos e Mobilização social*.

O *Jornal da Pastoral da Criança*, com tiragem mensal de cerca de 280 mil, ou seja, 3 milhões e 300 mil exemplares por ano, chega a todos os líderes da Pastoral da Criança. É uma ferramenta para a formação contínua.

O boletim *Dicas* abarca questões relacionadas com a saúde e a educação para a cidadania. É especialmente concebido para os coordenadores e capacitadores da Pastoral da Criança. Cada publicação chega a 7 mil coordenadores.

Para ajudar na vigilância das mulheres grávidas, a Pastoral da Criança criou os laços de amor, cartões com conselhos sobre a gravidez e um parto saudável.

Outro material impresso de grande impacto social é o folheto com os “10 mandamentos para a paz na família”; 12 milhões de folhetos foram distribuídos nos últimos anos.

Além desses materiais impressos, são enviados para as comunidades da Pastoral da Criança material para o trabalho de pesagem das crianças, objetos como balanças e também colheres de medir para a reidratação oral, além de sacos de brinquedos para as crianças brincarem no dia da celebração da vida.

Material de som e vídeo

Outra área em que a Pastoral da Criança produz materiais é a de som e de produção de filmes educativos. O *Show ao vivo da Rádio da Vida*, produzido e gravado no estúdio da Pastoral da Criança, chega a milhões de ouvintes em todo o Brasil. Com os temas de saúde, de educação na primeira infância e a transformação social, o programa de rádio *Viva a vida* se transmite semanalmente 3.740 vezes. Estamos “no ar” 2.310 horas semanais em todo o Brasil. Além disso, o programa *Viva a vida* também se executa em vários tipos de sistemas de som de CD e aparatos nas reuniões de grupo.

A Pastoral da Criança também produz filmes educativos para melhorar e dar conhecimento de

seu trabalho nas bases. Atualmente, há 12 títulos produzidos que tratam da prevenção da violência contra as crianças, comida saudável, gravidez e participação dos Conselhos Municipais de Saúde, na prevenção da Aids e outros.

Campanhas

A Pastoral da Infância realiza e colabora em várias campanhas para melhorar a qualidade de vida das mulheres grávidas, famílias e crianças. Estes são alguns exemplos:

a. Campanhas de sais de reidratação oral.

b. Campanha de Certidão de Nascimento: a falta de informação, a distância dos cartórios e a burocracia fazem com que as pessoas fiquem sem Certidão de Nascimento. A mobilização nacional para o registro civil de nascimento, que une o Estado brasileiro e a sociedade, busca garantir a cada cidadão de pleno direito o nome e os direitos.

c. Campanha para promover o aleitamento materno: o leite materno é um alimento perfeito que Deus colocou à disposição nos primeiros anos de vida. Permanentemente, a Pastoral da Criança promove o aleitamento materno exclusivo até os 6 meses e, em seguida, continuar com outros alimentos. Isso protege contra doenças, desenvolve melhor e fortalece a criança.

d. Campanha de prevenção da tuberculose, pneumonia e hanseníase: as três doenças continuam a afetar muitas crianças e adultos em nosso país. A Pastoral da Criança prepara materiais específicos de comunicação para educar o público sobre sintomas, tratamento e meios de prevenção destas doenças.

e. Campanha de saneamento: o acesso a água potável e o tratamento de águas residuais contribuem para a redução da mortalidade infantil. A Pastoral da Criança, em colaboração com outros organismos, mobiliza a comunidade para a demanda por tais serviços junto a governos locais e usa os meios ao seu dispor para divulgar informações relacionadas ao saneamento.

f. Campanha de HIV/Aids e sífilis: o teste do HIV/Aids e sífilis durante o pré-natal permite a redução de 25% para 1% do risco de transmissão para o bebê. A Pastoral da Criança apoia a campanha nacional para o diagnóstico precoce destas doenças.

g. Campanha para a prevenção da morte súbita de bebês “Dormir de barriga para cima é mais seguro”: com a finalidade de alertar sobre os riscos e evitar até 70% das mortes súbitas na infância, a Pastoral da Criança lançou esta grande campanha, dirigida às famílias para que coloquem seus bebês para dormir de barriga para cima.

h. Campanha de prevenção do abuso infantil: com esta campanha, a Pastoral da Criança esclarece as famílias e a sociedade sobre a importância da prevenção da violência, espancamentos e abuso sexual. Esta campanha inclui a distribuição de folhetos com os dez mandamentos para a paz na família, como um incentivo para manter as crianças em uma atmosfera de paz e harmonia.

i. Campanha “20 de novembro, dia de oração e de ação para as crianças”: a Pastoral da Criança participa dos esforços globais para a assistência integral e proteção a crianças e adolescentes, em colaboração com a Rede Mundial de Religiões para a Infância (GNRC).

Em dezembro de 2009, completei 50 anos como médica e, antes de 2002, confesso que nunca tinha ouvido falar em qualquer programa da Unicef ou da Organização Mundial da Saúde (OMS), ou de outra agência da Organização das Nações Unidas (ONU), que estimulasse a espiritualidade como um componente do desenvolvimento pessoal. Como um dos membros da delegação do Brasil na Assembleia das Nações Unidas em 2002, que reuniu 186 países em favor da infância, tive a satisfação de ouvir a definição final sobre o desenvolvimento da criança, que inclui o seu “desenvolvimento físico, social, mental, espiritual e cognitivo”. Este foi um avanço e vem ao encontro do processo de formação e comunicação que fazemos na Pastoral da Criança. Neste processo, vê-se a pessoa de maneira completa e integrada em sua relação pessoal com o próximo, com o ambiente e com Deus.

Estou convencida de que a solução da maioria dos problemas sociais está relacionada com a redução urgente das desigualdades sociais, com a eliminação da corrupção, a promoção da justiça social, o acesso à saúde e à educação de qualidade, ajuda mútua financeira e técnica entre as nações, para a preservação e restauração do meio ambiente. Como destaca o recente documento do papa Bento 16, *Caritas in veritate* (Caridade na verdade), “a natureza é um dom de Deus e precisa ser usada com responsabili-

de”. O mundo está despertando para os sinais do aquecimento global, que se manifesta nos desastres naturais, mais intensos e frequentes. A grande crise econômica demonstrou a inter-relação entre os países.

Para não sucumbir, exige-se uma solidariedade entre as nações. É a solidariedade e a fraternidade aquilo de que o mundo precisa mais para sobreviver e encontrar o caminho da paz.

Final

Desde a sua fundação, a Pastoral da Criança investe na formação dos voluntários e no acompanhamento de crianças e mulheres grávidas, na família e na comunidade. Atualmente, existem 1.985.347 crianças, 108.342 mulheres grávidas de 1.553.717 famílias. Sua metodologia comunitária e seus resultados, assim como sua participação na promoção de políticas públicas com a presença em Conselhos de Saúde, Direitos da Criança e do Adolescente e em outros conselhos, levaram a mudanças profundas no país, melhorando os indicadores sociais e econômicos. Os resultados do trabalho voluntário, com a mística do amor a Deus e ao próximo, em linha com nossa mãe terra, que a todos deve alimentar, nossos irmãos, os frutos e as flores, nossos rios, lagos, mares, florestas e animais: tudo isso nos mostra como a sociedade organizada pode ser protagonista de sua transformação. Neste espírito, ao fortalecer os laços que ligam a comunidade, podemos encontrar as soluções para os graves problemas sociais que afetam as famílias pobres.

Como os pássaros, que cuidam de seus filhos ao fazer um ninho no alto das árvores e nas montanhas, longe de predadores, ameaças e perigos, e mais perto de Deus, deveríamos cuidar de nossos filhos como um bem sagrado, promover o respeito a seus direitos e protegê-los.

Muito obrigada!
Que Deus esteja convosco!

VIDA PASTORAL

Disponível também na internet,
em formato pdf.
www.paulus.com.br
www.paulinos.org.br

16º CONGRESSO EUCARÍSTICO NACIONAL

Brasília, 13-16 de maio de 2010

TEMA: Eucaristia, pão da unidade dos discípulos missionários
LEMA: Fica conosco, Senhor! (cf. Lc 24,29)

Palavra de Dom João Braz de Aviz*

No entardecer das atuais relações socioeconômicas e políticas, asfixiadas por sombras de egoísmos pessoais e coletivos; no entardecer do relativismo no âmbito do conhecimento e da ética, que sacrifica o amor, a verdade e o bem e produz o cientificismo e o desânimo; no entardecer de uma experiência religiosa insuficiente, marcada pelo tradicionalismo, pela ideologização e pelo moralismo, caminhamos em direção ao 16º Congresso Eucarístico Nacional, suplicando, como os discípulos de Emaús: “Fica conosco, Senhor!” (cf. Lc 24,29).

Como naquela inesperada, alegre e profunda experiência da proximidade serena do Senhor, que devolve a esperança aos seus discípulos no momento de partir o pão, somos convidados a recobrar o ânimo e retomar o caminho do discipulado, alegres no seguimento do Senhor.

Ancorados na força vitoriosa da eucaristia, pão da unidade dos discípulos missionários, não só voltaremos a experimentar a felicidade realizadora de nossa vida, como expandiremos a atração exercida pelo “mistério da fé” sobre os homens e as mulheres que buscam a aurora de um novo amanhecer da humanidade.

A Igreja em Brasília acolheu com alegria e gratidão a missão de preparar e sediar o 16º Congresso Eucarístico Nacional. Somos imensamente gratos à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), que aprovou unanimemente nosso pedido, motivado pela aproximação da data significativa do jubileu de ouro da cidade e da Arquidiocese de Brasília (21 de abril de 2010) e pela profunda consciência eucarística da Igreja em Brasília.

Estamos nos preparando com muito cuidado e carinho para acolher Jesus eucaristia, com toda a Igreja do Brasil, na Esplanada dos Ministérios, no coração de Brasília, cidade-símbolo da unidade de todo o povo brasileiro. As famílias brasilienses já começaram a se preparar para hospedar com muito amor os peregrinos e delegados das Igrejas particulares de todos os lugares deste nosso imenso território nacional, na semana do 16º CEN, de 13 a 16 de maio de 2010.

Agradecemos de coração à Arquidiocese de Florianópolis, na pessoa de seu arcebispo, dom Murilo, que fraternalmente colocou à nossa disposição todo o material do 16º CEN, a fim de facilitar a preparação e a realização desse tão esperado evento eclesial. Hoje a Comissão Central e mais dez Comissões Executivas estão trabalhando com afinco.

O texto-base ficou a cargo do padre Waldemar Passini Dalbello, do clero de Brasília, mestre em Sagrada Escritura e atual reitor do Seminário Interdiocesano São João Maria Vianney de Goiânia. O texto está à disposição do público desde março de 2009. Seu conteúdo está distribuído em três capítulos: I – Eucaristia, pão da unidade; II – Pão da unidade, vida dos discípulos missionários; III – Fica conosco, Senhor!

Na semana do 16º CEN, como é costume nestes eventos, realizar-se-á o Congresso Teológico-Espiritual, cuja publicação orientadora será o texto-base, com o propósito de aprofundar o tema e o lema do 16º CEN.



Sintetizamos na logomarca algumas realidades do 16º Congresso Eucarístico Nacional que nos parecem indispensáveis para explicitar o tema e o lema escolhidos:

- A cruz, contendo em seu centro a hóstia branca partida, nos chama para penetrar no mistério da eucaristia a partir do mistério pascal de Jesus. Sua paixão, morte e ressurreição são a fonte de onde nasce a eucaristia. A cruz transforma-se, pois, em ostensório que nos assegura a realidade das palavras de Jesus: “Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus irmãos”.
- A hóstia partida: Corpo e Sangue do Senhor, a eucaristia é a própria presença do Senhor vivo no meio de seu povo. Distribuído para todos, este pão constrói a unidade da Igreja, torna-se alimento que produz vida abundante e ensina os que a recebem a ser irmãos e irmãs que incluem os mais pobres, os mais fracos, os solitários, os doentes, os desiludidos e os excluídos.
- Os raios convergentes e divergentes, de diversas cores, sugerem a grandeza e a centralidade da eucaristia, “o mistério da fé”, e, ao mesmo tempo, apontam para a diversidade e a unidade dos discípulos de Cristo, os quais, quanto mais se aproximam da eucaristia, mais exprimem a unidade da Igreja, sem dissolver a riqueza de sua diversidade.
- As três figuras humanas lembram, em parte, os quatro evangelistas, obras de arte posi-

cionadas na frente da Catedral de Brasília. Lembram ainda a comunidade dos discípulos que está de frente para a eucaristia. Sugerem-nos também o grande mistério de Deus-Amor, a Santíssima Trindade, fonte de onde nasce o amor encarnado, nosso Senhor Jesus Cristo. Nesse mistério, a eucaristia nos torna semelhantes.

- A Catedral de Brasília: obra de arte reconhecida mundialmente, a que mais identifica a capital federal, ponto de unidade da Igreja particular, lembra a sede do 16º CEN e é um sinal da Igreja viva que se alimenta da eucaristia.
- As cores branca, dourada e vermelha são cores eucarísticas, indicando a hóstia consagrada, a divindade do Senhor e o seu sangue derramado por nosso amor.

Sentindo-nos, desde já, pela sagrada eucaristia, um só corpo com todos os irmãos e irmãs católicos de todo o Brasil, suplicamos o favor da oração para que a Santíssima Trindade realize seu desígnio sobre o 16º Congresso Eucarístico Nacional.

* Arcebispo de Brasília
(<http://www.arquidiocesedebrasil.org.br/cen2010/index.html>)

LITURGIA DIÁRIA

LITURGIA DIÁRIA facilita o contato com a Palavra de Deus e uma melhor participação e compreensão da liturgia.

Traz a liturgia do mês
(leituras e orações de cada dia),
partes fixas da missa, prefácios
em consonância com as festas litúrgicas
do mês, orações eucarísticas
para a missa diária, artigos
e esclarecimentos sobre a liturgia.

Para adquirir LITURGIA DIÁRIA,
basta escrever para a Cx. Postal 2534,
cep 01060-970, São Paulo-SP,
ou telefonar para (11) 3789-4000.
E-mail: assinaturas@paulus.com.br

O FUTURO DA EUCARISTIA VISTO DA AMÉRICA LATINA¹

Pe. Francisco Taborda, sj*

Desde o Vaticano II e sua releitura latino-americana na Conferência Episcopal de Medellín (1968), a *opção preferencial pelos pobres* tornou-se a marca característica da Igreja deste continente. Convém esclarecer que a opção pelos pobres não é meramente econômica, mas social, política, cultural, espiritual, ética, teológica. “A minha fome é um problema material; a fome dos outros, porém, é um problema espiritual” (Berdiaeff). Com o fim do “socialismo real”, não compreendendo a abrangência da opção, alguns quiseram considerá-la ultrapassada. Impossível pretensão. A opção preferencial pelos pobres é evangélica e, por isso, irrenunciável. Ademais, sob o império neoliberal tornou-se ainda mais urgente, por ter a situação dos pobres piorado.

O futuro da eucaristia na América Latina está intimamente relacionado com a opção pelos pobres. O simbolismo eucarístico do partir o pão e reparti-lo é sumamente sugestivo, quando tantos, sob vários pontos de vista, não têm lugar na mesa do banquete globalizado. Cristo quis fazer-se presente num simbolismo vital: a refeição. Não é possível partir e repartir o pão eucarístico sem um compromisso com os pobres que nos cercam. O futuro da eucaristia depende da coerência em torná-la verdade em nossa vida. E a verdade do símbolo eucarístico se expressa na partilha na vida de cada dia.

É comum referir-se à América Latina como um continente homogêneo por sua religião e cultura. Na verdade, porém, ela apresenta *rica gama de culturas*, a começar pelos povos autóctones e afro-americanos, sem esquecer os europeus e asiáticos de migração mais recente. O que, em tempos passados, estava oculto sob a capa

de uma cultura e religião hegemônicas aparece agora com toda sua riqueza. Indígenas e negros levantam sua voz, exigindo o reconhecimento de sua idiossincrasia.

Nos sulcos do Concílio Vaticano II, a afirmação do pluralismo eclesial trouxe para a discussão teológica e a prática pastoral a temática da *inculturação*. A eucaristia, que está no coração da Igreja, necessariamente será atingida por ela. A inculturação significa mais do que alguns retoques rituais na venerável liturgia romana. Em regiões da América Latina com mais forte identidade indígena, será preciso levantar a questão da própria matéria do sacramento. A eucaristia foi instituída com pão e vinho em meio à cultura mediterrânea, no contexto da civilização do trigo. Entre os povos autóctones da América Latina, o milho, principalmente nas regiões do altiplano andino, e a mandioca, dos Andes ao Atlântico, desempenham a função do trigo no mundo mediterrâneo e são alimento básico sob formas similares ao pão. O pão de trigo, por familiar que seja nas mesas citadinas, é estranho em muitas regiões rurais e, em outras partes, apenas complementa o emprego tradicional de massas de milho ou mandioca.

O uso do vinho é ainda mais restrito. Sua cultura em escala comercial foi implantada apenas desde o século passado por imigrantes italianos e espanhóis, em regiões bem delimitadas. Ultimamente tem aparecido em regiões sem tradição vinícola, mas está longe de ter criado raízes na maioria da população.

Seria possível celebrar a eucaristia com beiju (torta feita de mandioca) e chicha (bebida fermentada de milho)? A inculturação

não poderá passar ao largo dessa questão. O pão, na cultura mediterrânea, era o alimento básico, cotidiano; o vinho, a bebida festiva. Em outras culturas, outros são o alimento e a bebida que correspondem a esse significado. A “substância do sacramento” (cf. DS 1.728) estaria preservada só com o uso do pão e do vinho? Não bastaria o simbolismo de uma refeição?

Se a pluralidade cultural da América Latina já constitui um desafio prático e teórico, mais ainda sua *pluralidade religiosa*. Embora tenham aceito o cristianismo trazido pelo conquistador, os povos autóctones e os escravos africanos mantiveram na clandestinidade suas religiões de origem que hoje vêm à luz com força renovada e são aceitas também por descendentes de europeus ou os influenciam. Muitas vezes, verifica-se uma dupla pertença (ou prática) religiosa, a ponto de a participação na eucaristia ser eventualmente exigida em função do culto de outra religião.

Eis um aspecto da intercomunhão dificilmente contemplado na reflexão europeia ou de antemão desprezado como uso supersticioso. Será esta a única explicação, considerando que tais pessoas são batizadas e se consideram católicas? A afirmação da especificidade eclesial da América Latina exigirá uma reflexão que aborde tais questões, até agora nunca discutidas teologicamente.

A *religiosidade popular* herdada da colonização ibérica se caracteriza pela centralidade do culto aos santos. Desde o século passado, porém, religiosos vindos da Europa tentaram introduzir uma piedade eucarística calcada na prática do culto aos santos que, em alguns lugares, teve êxito. A hóstia consagrada passa a ser cultuada como um “santo” a mais. Esse tipo de piedade vem sendo ultimamente reforçado pela Renovação Carismática Católica, que em muitos cultos focaliza a devoção à eucaristia não como celebração, mas como presença real. O desafio é a maneira pela qual, a partir daí, levar os fiéis à centralidade da eucaristia como celebração do mistério pascal.

Uma compreensão da Igreja como comunhão de Igrejas locais, que se visibilizam na eucaristia presidida por seu bispo (cf. LG 23 e 26), traz consigo a exigência de uma *nova concretização dos ministérios eclesiais*.

Em nosso continente, a maior parte das comunidades está impossibilitada de celebrar cada semana a eucaristia por falta de presbítero que a presida, o que impede a maioria dos cristãos de ter experiência concreta da centralidade da eucaristia.

O problema real não é a falta de padres, mas a forma de seleção dos ministros a partir da concepção pós-tridentina de vocação ao ministério. Os presbíteros são retirados de seu meio ambiente, educados num seminário, providos de formação acadêmica, celibatários, encarregados de uma paróquia desconhecida deles. Ou vêm de fora cada domingo para celebrarem a eucaristia sem participarem da vida quotidiana das comunidades que presidem.

Ora, em todas as comunidades cristãs surgem hoje lideranças que, ocupadas profissionalmente em outras tarefas, dedicam o tempo livre a animar na gratuidade a vida da comunidade e, de fato, a presidem em lugar do padre. Muitas vezes não têm formação teológica, nem sequer acadêmica. Se essas pessoas pudessem ter o ministério que efetivamente exercem, reconhecido pela imposição das mãos do bispo, não haveria escassez de presbíteros e toda comunidade cristã poderia celebrar a páscoa dominical.

A formação teológica dos presbíteros é uma aquisição que não se deveria perder. No entanto, nas condições reais da América Latina, o analfabetismo ainda é uma realidade, o ensino público se deteriora a olhos vistos, nos ambientes pobres cada vez mais se fazem presentes “seitas” pentecostais cujos pastores são tomados do próprio povo, sem maior preparo. Uma alternativa viável seria que não fosse exclusivo o modelo de presbítero pós-tridentino. Estes continuariam a existir com a função de percorrer as comunidades, confirmando-as na fé e atualizando os presbíteros estáveis escolhidos dentre o povo, com suas características culturais e o nível de estudos exigido pelas circunstâncias de cada lugar. Só assim as comunidades não se veriam privadas da celebração dominical da eucaristia. O ministério em tempo parcial não é problema na América Latina, pois a fidelidade à fé cristã e católica da grande maioria das comunidades se manteve até hoje graças à ação de leigos socorrida pela visita esporádica de padres.

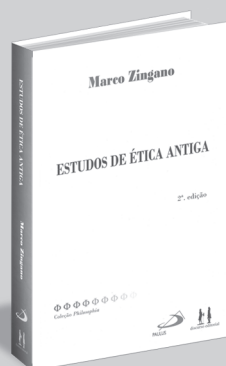
Eucaristia vivida no compromisso social, inculturada até no gesto simbólico central, presidida por presbíteros tomados do meio do povo que permanecem integrados na vida da comunidade a que pertencem, eis alguns dos aspectos do futuro a ser desejado para que se possa viver a centralidade da eucaristia na América Latina.

* Doutor em Teologia pela Westfälisch Wilhelms-Universität, Münster/Wesf. Professor de Teologia no Departamento de Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Faje), Belo Horizonte – MG, onde ministra, entre outras, a disciplina Eucaristia. Entre outras obras, publicou: *Sacramento, práxis e festa: para uma teologia latino-americana dos sacramentos*; *Nas fontes da vida cristã: para uma teologia do batismo-crisma*; *Matrimônio – aliança – reino: para uma teologia do matrimônio como sacramento*. Traduziu com esmero a monumental obra de Cesare Giraudo: *Num só corpo: tratado mistagógico sobre a eucaristia*. Publicou inúmeros artigos em revistas de teologia do Brasil e do exterior.

Nota de Vida Pastoral:

1. O artigo foi escrito em 1998 para a *Enciclopédia da Eucaristia*, publicada por Maurice Brouard, sss nas Éditions Du Cerf da França e traduzida pela Paulus no Brasil. Na edição brasileira, devido a engano, se publicou a tradução da tradução francesa e não o original em português. O autor nos forneceu agora o original. Apesar de ter sido escrito há 11 anos, tanto o autor como *Vida Pastoral* são da opinião que a problemática continua válida, embora, conforme afirma o autor, seus estudos ulteriores aconselhassem fazer alguns acréscimos. Especialmente válida – cada vez mais tragicamente válida – é a abordagem do contínuo drama da maioria das comunidades cristãs no Brasil, que não tem condições de celebrar cada semana a eucaristia por falta de ministros ordenados. Nenhuma sã teologia aceitará que as celebrações da Palavra com distribuição de comunhão possam substituir o santo sacrifício da missa. A pergunta não quer calar: não estamos impedindo a ação do Espírito para o acesso ao ministério ordenado, com condições da tradição humana – por venerável que seja – que impedem que as comunidades celebrem cada semana o memorial da páscoa do Senhor?

A ética antiga e o livro bíblico de Jó são assuntos de lançamentos da PAULUS.



Estudos de ética antiga
Marco Zingano
604 páginas

Os artigos reunidos no livro versam sobre a ética grega antiga e respondem a certas questões a respeito do fenômeno moral localizado no pensamento grego antigo, além de fazerem parte da reflexão sobre a ética enquanto disciplina filosófica.



A rota antiga dos homens perversos
René Girard
192 páginas

Dividido em cinco capítulos, este trabalho trata de um assunto a que a tradição concede pouca atenção: o livro bíblico de Jó. Obra inovadora e referência para pesquisas e estudos aprofundados.

Vendas: (11) 3789-4000
SAC: (11) 3789-4119



Criação PAULUS / A PAULUS se reserva o direito de alterar ou retirar o produto do catálogo sem prévio aviso. Imagens meramente ilustrativas.

DESAFIOS DA CATEQUESE NO CENÁRIO DA PÓS-MODERNIDADE

Solange Maria do Carmo*

A catequese aparece no cenário eclesial como assunto controverso. Marginalização e incentivo são duas reações comuns ao tema. De fato, a catequese hoje sofre muitas críticas: doutrinação, sacramentalização, politização, ideologização, continuísmo, escolarização da fé, pastoral de manutenção, devocionismo popular. Muitos a consideram carta fora do baralho, pois parece não levar em conta as mudanças atuais que as ciências do homem apresentam, especialmente a antropologia, a sociologia, a psicologia, e nem mesmo parece considerar os avanços da teologia. A catequese não se emparelha com a reflexão teológica – tão avançada no momento! Um abismo assustador separa estas duas realidades: a reflexão e a prática catequética. De outra parte, a catequese é respeitada, revalorizada. Assistimos a um autêntico porvir catequético.¹ Nomes ímpares se dedicam a esse tema e a catequese virou foco de estudos, aprofundamentos, simpósios e congressos. A secularização, aliada à evasão crescente de católicos da Igreja, e, por outro lado, a redescoberta do sagrado impulsionaram os pensadores católicos a se debruçar sobre o problema catequético, e não poucos são os que têm tomado a atividade catequética como esperança da Igreja do futuro. Multiplicam-se as ofertas de roteiros catequéticos; reaparecem os documentos oficiais de Roma ou das Conferências Episcopais. Aumenta o interesse por cursos que formam catequistas, ajudando a refletir sobre o conteúdo e a didática da catequese. Há um desejo de saber para onde direcionar a ação catequética da Igreja, tão antiga quanto a Igreja mesma! Tal oferta parte de vários grupos, sobretudo das paróquias, das dioceses, das Conferências Episcopais, das editoras católicas.

E isso sem falar na evangelização. Se entendemos a catequese como evangelização, o leque de possibilidades aumenta vertiginosamente. Assistimos a um verdadeiro florescer do ímpeto evangelizador, ainda mais depois da intuição de João Paulo II, que desembocou no Projeto Rumo ao Novo Milênio. Apesar de o termo evangelização ser polissêmico, por dizer respeito também à ação pastoral da Igreja,² percebe-se uma sensibilidade atual para a necessidade do anúncio da palavra de Deus. Jornadas de evangelização, encontros de evangelização, técnicas de evangelização, comunidades missionárias e evangelizadoras, o Sínodo dos Bispos³... Esse rico vocabulário aponta para uma sensibilidade que emerge no interior da vida eclesial, quando o cristão olha perplexo para o mundo e percebe que ele não está mais em regime de cristandade e que cresce de forma galopante a secularização.

1. A catequese no novo contexto evangelizador

Neste contexto de novo despertar evangelizador, qual é o papel da catequese? Seria ela também evangelizadora? Como situar a catequese – tanto de crianças quanto de adultos – neste novo panorama da secularização? À catequese, à qual até o momento presente foi dada a missão de aprofundar a fé ou de mantê-la, poderia ser atribuída a tarefa de evangelizar? Uma reflexão teológico-pastoral acerca de uma catequese evangelizadora é bem-vinda neste momento eclesial.

Com base na observação pastoral, denuncia-se que

*ainda que o sistema clássico de catequese esteja dando alguns frutos, ele sofre de crescentes dificuldades, não somente em razão de suas limitações, senão, sobretudo, devido à sua progressiva inadequação à evolução socio-cultural da sociedade, que está gerando uma crise cujos sintomas não são bem conhecidos: diminuição constante de crianças catequizadas, abandono frequente depois da recepção dos sacramentos, falta de motivação dos pais, folclorização dos ritos religiosos de passagem, dificuldade para encontrar catequistas, envelhecimento dos mesmos, problemas de inserção dos jovens nas comunidades etc.*⁴

Daí, pergunta-se: vamos insistir nesse modelo catequético ou é razoável pensar outro paradigma catequético? É lúcido falar de uma catequese evangelizadora, exigida pelo contexto de descristianização da pós-modernidade, ou isso ameaçaria os ganhos alcançados com a renovação catequética dos últimos 50 anos? Se é possível falar desse novo paradigma, que características ele tem? Quais desafios deve enfrentar? Como os catequistas entendem esse novo paradigma? Como isso pode contribuir para a prática catequética? Se uma reflexão em torno de um possível novo paradigma catequético avança, benefícios serão sentidos na prática catequética. Os catequistas do Brasil agradecem!

2. A mudança epocal e a necessidade de um novo paradigma catequético

Preocupados com a mudança epocal e conhecedores do processo catequético, catequistas do mundo inteiro esboçam algumas linhas gerais para um novo paradigma catequético, que responda aos anseios do homem pós-moderno, mantendo a fidelidade ao evangelho de Jesus Cristo e à tradição catequética da Igreja. Para eles, tanto a catequese dos catecismos de Trento como a catequese atual – esta, construída em bases antropológicas próprias da modernidade – já não se coadunam com os anseios do homem contemporâneo. Se os dois modelos catequéticos ainda vigentes já não respondem às expectativas do homem e da mulher da pós-modernidade, urge traçar novo paradigma, ainda que isso seja arriscado. A boa-nova de Jesus Cristo, que cativou milhões de pessoas e seduziu tantos seguidores, não perdeu sua força. Somente ocorre que os moldes de seu anúncio já não encaixam

no novo perfil de homem e mulher que ora se delineia.

E isso é fato notável. Não só na França, na Alemanha, na Bélgica, na Espanha, no Canadá – onde os documentos das Conferências Episcopais revelam com força maior essa preocupação –, mas também no Brasil, aonde a discussão chega ainda muito timidamente. O Censo de 2000⁵ mostra que as Igrejas de cunho pentecostal crescem e ganham vitalidade, espaço, adeptos, enquanto a Igreja católica e outras Igrejas de índole mais histórica sofrem diminuição de fiéis e falta de pastores. Fiéis buscam Igrejas que oferecem respostas mais consoantes com suas necessidades e expectativas. E mais: aumenta assustadoramente o número dos sem-religião. Talvez seja essa a maior surpresa do Censo 2000. São crentes a seu modo, não vinculados a nenhuma instituição; representavam 1% dos brasileiros 20 anos atrás e agora representam 7,3% da população (mais de 12 milhões de brasileiros). Conclusão: os ensinamentos da Igreja, cuja voz ressoava unívoca até algum tempo atrás, já não encontram tanta acolhida no interior das pessoas. Não há diálogo com o mundo moderno; a voz da Igreja ecoa solitária sem encontrar resposta favorável no coração da humanidade. E a palavra de Deus que essa voz anuncia não encontra lugar para se aninhar, perdendo-se no vazio do frenesi da sociedade contemporânea.

“A secularização se vai transformando, pouco a pouco, em uma autêntica descristianização da sociedade e, simultaneamente, tem surgido por todas as partes uma pluralidade de ofertas, de sentido algumas vezes, de diversão outras vezes, que fazem da nossa uma sociedade plural e laica.”⁶

Observa-se que a secularização não tomou conta só da Europa. Não somente os países europeus vivem a realidade da perda da identidade cristã. Ainda que com outra vestimenta, a secularização tomou conta também do Brasil. Um sujeito secularizado, mas com rasgos de cristianismo, pulula nesta Terra de Santa Cruz. Como lembra Konings,⁷ a dificuldade de transmitir a fé se manifesta também no Brasil e parece escapista aquele refrão continuamente repetido: “A realidade do Brasil é outra!”.

Já é hora de pensar um novo destinatário da pastoral e da ação evangelizadora atual da Igreja também nos países da América Latina.

2.1. O fim do regime de cristandade

O pressuposto da cristandade, de uma sociedade inteiramente cristã de onde a fé pode seguir, transmitindo-se por “osmose sociológica”⁸ – de uma pertença maciça, indiscutível e pacífica à Igreja –, falseia o trabalho evangelizador atual, também o da catequese. Pode-se considerar que o modelo da catequese atual, advindo da renovação catequética da primeira metade do século XX e amplamente desenvolvido no Brasil com feições próprias da realidade latino-americana (estilo *fé e vida*), ainda se baseia na cristandade. Apesar da ampla renovação catequética, não se supôs o interlocutor como alguém secularizado e sem raízes cristãs bem definidas. Começou-se a compreender a *sociedade* como algo secularizado, uma instância não mais cristã, mas partia-se do princípio de que o *indivíduo* permanecia cristão.⁹ O destinatário da catequese “moderna” ressurgiu como um *sujeito eclesial* com novos anseios e novos valores, mas ainda assim um *sujeito eclesial*, ou seja, com vínculos com a Igreja ou advindo de família com contornos cristãos. Não se pensou num sujeito ateu, desnortado e sem Deus, paralisado diante da sociedade evolutiva, fragmentada e globalizada que ora se apresenta. Nem mesmo se pensou num sujeito advindo de família cristã, mas apenas com maquiagem religiosa. Fato notável é a insistência desse modelo catequético na ação social, na transformação da sociedade, nos parâmetros éticos que se impõem numa comunidade evangelizada. Parte-se do pressuposto de que o sujeito de sua ação e destinatário de sua palavra apresenta-se como alguém que já, de certa forma, conhece Jesus Cristo e seu evangelho. O objetivo então seria aprofundar o compromisso com o mestre Jesus, delineando as exigências éticas próprias do cristianismo, sem perguntar se existe a adesão primeira.

Villepelet alerta, porém, para a nova configuração social: “Hoje já não podemos pressupor uma sintonia real entre nossos contemporâneos e o mistério cristão do amor e seu poder de renovação. A boa-nova não se encontra mais no depósito da memória viva nem anima o horizonte das expectativas dos seres humanos”.¹⁰

Negar essa realidade seria partir de uma premissa falsa. Ainda que todo o raciocínio seja coerente, a conclusão fica comprometida pela invalidade da premissa.

2.2. A renovação catequética e sua contribuição

A renovação catequética, promotora da superação do período catequístico, quando se fazia uso dos catecismos e se dava importância à memorização das fórmulas, chegou com força ao Brasil e a toda a América Latina. Uma autêntica hermenêutica do Vaticano II eclodiu nas Conferências Episcopais da América Latina, dando amplo espaço à renovação catequética, que ganhou vida e tomou corpo no Brasil com o documento *Catequese Renovada* da CNBB, em 1983.¹¹ Uma revolução catequética foi instaurada: novo modelo teológico, com vertente mais antropológica, ocupava o lugar cativo da teologia descendente; a Igreja corpo de Cristo – entendida de modo estático e hierárquico! – cedia lugar para a nova imagem de Igreja povo de Deus; a pedagogia do ensino – entendendo o destinatário da catequese como uma tábula rasa – abria espaço para a pedagogia da aprendizagem, alicerçada em Piaget ou no brasileiríssimo pedagogo dos pobres, Paulo Freire. Uma visão muito otimista da humanidade! Assim, a catequese se propõe revelar aos catequizandos o que eles têm dentro de si mesmos sem o saber, fazendo uma conexão entre fé e vida. Uma pedagogia muito indutiva: o encontro com Deus se dava a partir da vida, da experiência concreta à luz da Palavra.¹² E quantas conquistas se obtiveram, quantos desafios enfrentados com sucesso, quanta encarnação na realidade latino-americana, de modo particular, que só podia resultar em avanços.

Mas o tempo passou depressa. Parece que foi ainda ontem – mas mesmo ontem já é passado! Ainda que não seja passado tão remoto quanto a cristandade, a modernidade já não é o tempo presente. Ela deixou marcas indeléveis. O ser humano foi tatuado com o selo da razão e isso parece ser algo que não se apaga. Mas esse ser humano da modernidade, mesmo com todo o crivo da razão, ainda tinha espaços para a fé cristã. Ainda levava em consideração a voz da Igreja, talvez porque a modernidade tenha chegado tardiamente ao Brasil. Um ser profundamente marcado pela fé cristã ainda morava no recôndito da consciência moderna, tão sedenta de explicações!

2.3. O tempo que se chama hoje e o novo destinatário da catequese

Ora, se isso foi realidade na segunda metade do século XX, o novo milênio desponta, no

entanto, sob a égide da secularização. A aurora anunciada é de abandono da fé cristã, apesar do ressurgimento do sagrado – também no cristianismo – que se observa.

*Atravessamos um período de verdadeira recomposição espiritual. A atração pelo religioso, inclusive o cristão, não desapareceu, foi metamorfoseada. [Os batizados] já não se sentem cristãos da mesma maneira que antes; mas com uma diferença que aproveita as realidades religiosas disponíveis. Cada indivíduo toma a liberdade de construir uma espécie de religião privada, livre de toda restrição institucional. Trata-se de uma fé mais nômade e imprecisa, que representa a dimensão mais livre da liberdade. É um fator de realização pessoal, que não está necessariamente orientado para a transcendência. A busca espiritual de muita gente fica reduzida a uma migração dentro de si mesmo.*¹³

Já não se respira aquele *ar cristão* nas famílias, nem mesmo em um país de maioria católica como o Brasil. Já não se pensa no *formato católico*. Despontam uma nova configuração social, com novo vocabulário e nova gramática religiosa.¹⁴ A sociedade já não se organiza em torno dos valores difundidos pela Igreja. Uma mudança de época também para o Brasil! E o fato de uma pessoa se declarar católica – no Censo, por exemplo – não significa adesão à boa-nova de Jesus Cristo, muito menos aos ensinamentos da Igreja. Não quer dizer nem sequer frequência às liturgias e fidelidade à prática sacramental da Igreja. Uma religião católica com novos contornos foi desenhada nos últimos anos: um catolicismo *light*, feito de diversificados elementos bem selecionados num amplo *self-service* da religião oferecido pela pós-modernidade. Uma verdadeira bricolagem, minuciosamente bem-feita e com elementos por vezes contraditórios que, no entanto, se coadunam sem causar constrangimento: uma religião sem vínculos de pertença. Diz Clifford Geertz: “A religião tornou-se cada vez mais – torna-se cada vez mais – um objeto flutuante, desprovido de toda ancoragem social em uma tradição prestante ou em instituições estabelecidas”.¹⁵

Diante dessa mudança epocal, a Igreja percebe a urgência de anunciar a boa-nova de Jesus Cristo de forma que ela seja de novo crível. Observa a CNBB:

*A onda secularizante da cultura moderna, a falência das utopias sustentadas pelas promessas do Iluminismo e a força desagregadora do processo de globalização, balizado por critérios puramente econômicos, voltados para o consumo, geraram um vazio tal, de esperança e de valores, que a missão de evangelizar nos aparece cada vez mais como a urgência das urgências.*¹⁶

Ou, como afirmou Nery: “Já não é mais possível continuar ingenuamente nos restos de cristandade que ainda há entre nós, da fé como social, um costume da família, como parte do fato de ser brasileiro”.¹⁷

É hora de assumir o novo sujeito social, destinatário da boa-nova: alguém a quem é preciso propor a boa-nova como força para viver, sem rebaixar o que essa Palavra tem de abrupta e desconcertante. Já é tempo de fazer conhecer aos homens e mulheres de nosso tempo “o frescor da boa-nova de Jesus Cristo, para além das sombras e barreiras que a têm desvirtuado”.¹⁸

3. Uma catequese evangelizadora

Se o destinatário da catequese ainda não conhece a boa-nova de Jesus Cristo e não atentou para a sua força transformadora, tornam-se urgentes algumas tarefas às quais a reflexão catequética não se pode furtar:

- a) *Aprofundar a necessidade do caráter evangelizador da catequese em tempos de pós-cristandade.*

Parece tautológico falar de catequese evangelizadora. Toda catequese certamente é evangelizadora, assim como toda evangelização catequiza. Essas duas ações da Igreja estão intrinsecamente unidas e de tal forma entrelaçadas que é difícil distingui-las e defini-las separadamente. Mas há que admitir que, ao longo da história da Igreja, à evangelização foi atribuída a tarefa do primeiro anúncio e à catequese a missão de aprofundar a vivência cristã. Com o passar do tempo, a prática catequética empenhou-se em dar a conhecer a doutrina católica e ajudar o catequizando a viver nos moldes da ética cristã. Isso pode ser facilmente observado nos manuais catequéticos: quase nada da boa-nova central da fé e muito de mandamentos, sacramentos e doutrina. Foi observando essa realidade que surgiu a expressão “catequese evangelizadora”: um pleonismo

necessário diante da realidade de manutenção da fé que a catequese foi assumindo.

Trata-se, então, de compreender a catequese como evangelização, um desafio posto pela pós-cristandade. Como sugere Alberich, partindo de “um olhar realista e esperançoso, sem nostalgias do passado”,¹⁹ os tempos atuais exigem da catequese uma dimensão evangelizadora, de primeiro anúncio para os que não conhecem ainda o evangelho de Jesus, apesar de já serem batizados.²⁰ Eis o primeiro problema: reconhecer que, na estrutura pastoral tradicional da Igreja, a evangelização sempre se apresenta como algo muito secundário – uma tarefa esquecida.²¹ Povo a nossa cabeça a compreensão de que a evangelização tem como destinatários os não cristãos, que entre nós seriam bem poucos! A evangelização parece oportuna para terras de missões, o que não seria o caso do Brasil atualmente, com sua maioria absoluta católica.

Acontece, porém, que o fato de os destinatários da catequese serem – quase sempre – pessoas batizadas não garante que elas sejam evangelizadas. Partir desse pressuposto seria falsear uma realidade que se impõe a olhos nus. Não é preciso muito esforço para perceber que se quebrou o espelho da cristandade, onde o sujeito crente se via como tal por incorporação numa cultura cristã. Reconstituir esse vidro não traz de volta o espelho intacto. O máximo que poderia fazer é apresentar um mosaico com as mesmas peças, mas a imagem refletida é fragmentada, torta, múltipla, sem feições de um autêntico crente: um monstro marcado pela deformação de sua figura genuína.

O teólogo e catequeta Denis Villepelet não tem receios de assumir essa realidade da cristandade que se partiu definitivamente.²² Para ele, reconstituir esse quadro e lutar contra a nova configuração que se impõe é colocar remendo novo em panos puídos. Não tem mais jeito! Pensando nisso, ele prefigura a pintura de um novo paradigma catequético, com contornos evangelizadores ainda não bem definidos – como tudo que é novo! –, mas com a tinta forte da boa-nova de Jesus e da tradição da fé apostólica. Nesse novo paradigma, a função evangelizadora da catequese é chamada a sair de sua “situação de borralheira e subir na ribalta da reconstrução operante de todos os serviços eclesiais”.²³

b) *Refletir sobre a mudança epocal e a exigência de um novo paradigma catequético.*

Já é bem conhecido o debate em torno da questão da pós-modernidade. Retomá-lo, porém, na ótica da catequese parece diligência ainda oportuna. Não faltam autores, especialmente teólogos, para nos ajudar a perceber as mudanças da sociedade e suas novas exigências no campo da fé.

Intuições importantes acerca desse novo paradigma começam a surgir. Fala-se em “hipóteses para o novo paradigma catequético”,²⁴ a saber, uma catequese da proposta e não da herança; uma catequese mais litúrgica; uma catequese da iniciação; e uma catequese que comporte uma apresentação orgânica, mas não linear, do mistério cristão.

A *primeira hipótese* encontra bases na teologia, pois a fé cristã é resposta pessoal e livre ao apelo de Deus, por meio de Jesus Cristo. Como lembra Konings: “o ser cristão não se transmite por hereditariedade ou cultura. Exige iniciação e opção. Reconhecemos que uma certa ‘cultura cristã’ pode ser transmitida na esteira da cultura geral (infelizmente também em declínio), mas o *crer* e o *ser* do cristão não se transmitem desse modo”.²⁵

Além das bases teológicas, o respaldo dessa hipótese nasce da observação da realidade, pois, sendo o cenário atual o de um mundo em mudanças, onde todas as culturas se intercomunicam e se misturam, torna-se urgente superar a incerteza e clarificar a especificidade e originalidade da experiência cristã, de maneira que cada pessoa possa fazer sua opção religiosa com liberdade e convicção.

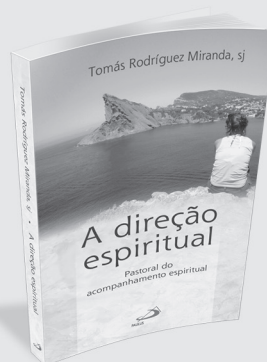
A *segunda hipótese* parte do princípio de que é atribuição da catequese favorecer uma experiência vivencial da singularidade cristã, que não é algo ensinado, mas absorvido, degustado, experimentado. Assim, a liturgia – lugar do mergulho dos cristãos no mistério pascal – reivindica centralidade no novo paradigma catequético. Aflora deste modo o caráter celebrativo da fé na catequese: a antiga *aula de catequese* transfigura-se em *encontro* com o mistério de Deus em Jesus Cristo pela ação de seu Espírito presente entre nós; e mais: encontro com o mistério da vida humana refletida na presença dos irmãos que partilham conosco essa experiência e de tantos

outros que ainda não conhecem essa boa-nova. O material didático – giz, quadro, professor, carteira, caderno e livro da criança – cede espaço ao material celebrativo – oração, partilha, silêncio, meditação, palavra de Deus. A mistagogia alcança primazia sobre a pedagogia, não a anulando, mas elevando-a à máxima potência; reabilitando o que a fé cristã tem de mais genuíno: seu caráter mistagógico.

A *terceira hipótese*, partindo da singularidade da vida cristã como experiência do mistério, propõe a *pedagogia da iniciação* como método próprio da catequese cristã e obriga a encarar o tão polêmico tema da linguagem ou da gramática da fé.²⁶ Konings usa uma feliz expressão quando fala de “iniciação atrasada” para o batizado que deseja assumir conscientemente ou até reiniciar sua vida de fé.²⁷ Se a Igreja escolheu, ao longo destes 2 mil anos, batizar os filhos na fé dos pais e pretende sustentar tal prática neste tempo que se chama pós-modernidade, pelo menos ofereça aos batizados condições de conhecer sua fé, fazendo profunda experiência do Deus vivo no qual eles foram mergulhados pelo batismo. É o mínimo que se espera da Igreja, uma vez que, pelo sacramento do batismo, o fiel se encontra a ela vinculado por laços sacramentais. E que cada pessoa tenha o direito e a liberdade de fazer essa experiência e rejeitá-la, caso ela não lhe pareça convincente ou conveniente para seu momento de vida. O caráter iniciático da fé é respeitoso: partindo do núcleo central da fé – o Deus amoroso que se revelou em Jesus Cristo e atua na Igreja por seu Espírito –, a mãe Igreja toma o fiel pela mão e caminha com ele num processo gradativo e contínuo, como fez Jesus com dois de seus discípulos no caminho de Emaús. Em etapas não lineares, mas concatenadas e complementares, por meio da Escritura, a catequese oferece a seus destinatários a oportunidade de conhecer e experimentar a presença do Ressuscitado. Cumpre, desta forma, um direito sagrado do qual ninguém pode ser subtraído: o de conhecer Jesus e sua palavra transformadora, que compromete até às vísceras aquele que com ela se identifica.

A *quarta hipótese* sustenta que, em todas as etapas e situações, a catequese cristã comporta um desenvolvimento coerente do mistério cristão.²⁸ A catequese como acolhida da revelação do Deus uno e trino comporta também o assentimento da inteligência, uma positividade

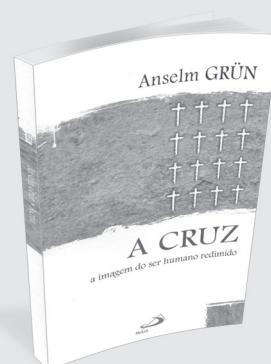
CONHEÇA MELHOR OS PLANOS QUE DEUS TRAÇOU PARA VOCÊ!



A direção espiritual Pastoral do acompanhamento espiritual

Tomás Rodríguez Miranda, S.J.
464 páginas

Organizado em quatro capítulos e finalizado com um apêndice que apresenta as modalidades de direção espiritual, o livro oferece orientações e pistas para o acompanhamento espiritual.



A cruz A imagem do ser humano redimido

Anselm Grün
128 páginas

Cada vez mais, a cruz coloca diante de nós a imagem do verdadeiro ser humano, que une em si todos os opostos. Ela é o sinal do amor de Deus e, ao mesmo tempo, um constante protesto contra a repressão do sofrimento.

Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119



da qual o homem pós-moderno não abdica e uma originalidade e organicidade que a Igreja conserva e transmite. Já não parece ser possível pensar o ser humano que passou pela experiência da Ilustração sem esse assentimento da inteligência. A pós-modernidade que se nos apresenta não acolhe passivamente a modernidade com sua centralidade da razão, mas não a dispensa. Assumir a pós-modernidade não significa voltar à pré-modernidade, num modelo de mundo teocêntrico, onde o argumento da autoridade vigorava e os argumentos da razão não tinham vez, relegando o ser humano à periferia desse círculo. Nem sequer sugere uma catequese *light*, feita só de músicas e meditações, em que o belo, o lúdico e o místico²⁹ roubam a cena e ocupam o lugar da profecia. A fé cristã comporta elementos de racionalidade e compromisso. Em nome da pós-modernidade, a teologia não pode ser desdenhada em favor de uma espiritualidade diluída e sem conteúdo, assim como a profecia – o compromisso com o reino de Deus – não deve ceder espaço a uma religião egocêntrica e egolátrica. A racionalidade da fé continua presente, não de forma linear e escolar, mas de forma mistagógica. A profecia ganha ainda mais vigor que antes, todavia ou ela passa pelo belo, pelo lúdico e pelo místico, ou não falará mais nada ao homem pós-moderno.

- c) *Perceber os pressupostos teológicos que sustentam o paradigma de uma catequese evangelizadora.*

Diante dos desafios da sociedade pós-moderna, torna-se imperativo pensar um novo paradigma catequético. Os catequetas têm tendido a elaborar uma catequese evangelizadora,³⁰ mais centrada na iniciação cristã, ainda que seu destinatário já tenha recebido alguns dos sacramentos da iniciação. O que se pergunta é o seguinte: seria loucura pensar em uma catequese evangelizadora, enquanto, na maioria das vezes, ela foi pensada como aperfeiçoamento de uma fé pressuposta? Ou seria, utilizando uma expressão rahneriana, “segurismo da audácia” ter coragem de procurar novos caminhos que possam ser percorridos por homens e mulheres deste tempo?

E, se é possível pensar em novo paradigma catequético, que bases teológicas mantêm esse edifício de pé? Que teologia, eclesiologia, antropologia e pedagogia da fé o sustentam? Parece

ser fundamental responder a essas perguntas, ou esse novo paradigma seria apenas a velha e surrada catequese com verniz de pós-modernidade: um pecado imperdoável diante da sede do novo que alavanca a reflexão catequética. Torna-se urgente, então, procurar esses pressupostos teológicos, avaliando riscos e vantagens desse novo paradigma.

- d) *Delinear os traços mais marcantes desse novo paradigma catequético.*

Faz-se mister traçar melhor os contornos do paradigma catequético evangelizador, buscando suas características mestras e compreendendo suas exigências e desafios.³¹

Uma das marcas do novo paradigma tende a ser o caráter experiencial da fé.³² O catequeta Pedrosa chega a afirmar que, com os modelos catequéticos vigentes, não é possível haver “uma genuína iniciação cristã, suscitadora e promotora de crenças, com uma verdadeira experiência de fé, de encontro interpessoal com o Deus revelado”.³³ Já é conhecida a frase lapidar de Rahner: “O cristão do século XXI será místico ou não será cristão”. Alberich afirma: “Temos certamente um elemento claro do novo paradigma da catequese: o aspecto experiencial. Se queremos anunciar que Jesus Cristo é nosso salvador, isto somente pode ser entendido se podemos apresentar uma verdadeira experiência de salvação”.³⁴

O esforço para delinear o perfil desse novo paradigma catequético, com seus traços mais marcantes, não se apresenta como uma opção possível, um luxo talvez, mas como urgência pastoral da Igreja.

4. Pistas para continuar a reflexão

Ao falar de novo paradigma, ressurgem o antigo problema do conteúdo e do método catequético.³⁵ Algumas correntes priorizaram um em detrimento do outro. É o eterno movimento do pêndulo do relógio, que, uma vez estendido para uma extremidade, ganha força e alça voos para o outro extremo. Nesta discussão entra outra polêmica, desenterrada pelo *Diretório Nacional da Catequese*. O livro por excelência da catequese é a Bíblia ou o catecismo? Dependendo da resposta, teremos respondida importante questão acerca do conteúdo catequético. Além disso, entra em cena a discussão sobre a pedagogia catequética: um tema inesgotável!

Seguem algumas perguntas importantes para fazer pensar e promover um fraterno diálogo entre os apaixonados pela catequese:

- Entre método e conteúdo há distinção ou complementaridade?
- Há tensão entre conteúdo programático e o protagonismo dos catequizandos?
- Em todas as etapas e idades, a catequese permite o desenvolvimento orgânico (sistemático, mas não linear) do mistério cristão, ou seja, da Revelação do Deus uno e trino?
- Que pedagogia é mais apropriada para o anúncio dessa boa-nova?

É bom lembrar: se a catequese é pensada como evangelizadora, tem primado a boa-nova, entendida como a ação de Deus em Jesus Cristo por meio de seu Espírito. Então, torna-se necessário pensar uma catequese mais *querigmática* (e menos doutrinal), mais *narrativa* (e menos explicativa ou dedutiva) e mais *mistagógica* (e menos escolar).³⁶ Eis o primeiro desafio grandioso que o novo paradigma catequético impõe a catequistas e catequetas.

Para continuar a reflexão, sugerimos mais algumas perguntas importantes:

- Como pensar uma catequese querigmática, sem prejudicar a transmissão da fé e da doutrina?
- Como pensar uma catequese mais narrativa e menos explicativa, sem desvalorizar os avanços da modernidade? Quais as bases da catequese narrativa? Fazer catequese narrativa seria o mesmo que contar histórias?
- Como pensar uma catequese mistagógica, ou seja, de iniciação no mistério? Como desescolarizar a catequese e assumir a pedagogia iniciática própria da fé cristã?

A todos os catequistas e catequetas desejamos abertura ao novo e compromisso com as conquistas já feitas: um equilíbrio difícil e fundamental diante dos desafios da pós-modernidade!

* Leiga consagrada, licenciou-se em Filosofia pela PUC-Minas, graduou-se em Teologia pela Faje (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia), Belo Horizonte-MG, onde também fez mestrado e cursa o doutorado. Atualmente, é professora

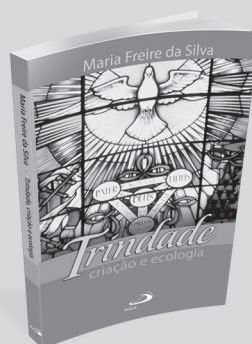
de Teologia no Instituto São José, da Arquidiocese de Mariana, no Instituto Dom João Resende Costa, da PUC-Minas, e no Ista (Instituto Santo Tomás de Aquino).
E-mail: solangedocarmo@ig.com.br

Notas:

1. Cf. SCHERER, Odilo Pedro. Apresentação. In: CNBB. *Diretório Nacional da Catequese*. Brasília: CNBB, 2006, p. 7.
2. Observe-se a mudança do nome das *Diretrizes Gerais da Ação Pastoral da Igreja no Brasil* (até 1994) para *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil* (a partir de 1995). Cf. CNBB. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2003-2006*. São Paulo: Paulinas, 2003. Documento 71, n. 5. Talvez a mudança de terminologia evidencie a intuição de que a pastoral exige previamente uma nova evangelização, no sentido de embasamento ou implantação da fé.
3. Cf. o Sínodo da Palavra de Deus, out. 2008.
4. FOSSION, Andre. El nuevo paradigma de la catequesis desde el Instituto Internacional de Catequesis Lumen Vitae. Hacia comunidades catequizadas y catequizadoras. *Sinite*, Madri, v. 47, n. 141, 2006, p. 41-57, p. 42.
5. Cf. ANTONIAZZI, Alberto. As religiões no Brasil segundo o Censo de 2000. *Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, n. 2, 2003, p. 75-80.
6. MARTÍNEZ ÁLVAREZ, D.; GONZÁLEZ IBÁÑEZ, P.; SAVORIDO CURSACH, J. L. Los nuevos caminos de la catequesis. Cinco documentos de la Iglesia para nuestra reflexión. *Catequética*, Cantabria, v. 47, n. 3, 2006, p. 146-167, p. 146.
7. Cf. KONINGS, J. *Ser cristão: fé e prática*. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 14.
8. MARTÍNEZ ÁLVAREZ; GONZÁLEZ IBÁÑEZ; SAVORIDO CURSACH. Los nuevos caminos de la catequesis, p. 151.
9. Cf. VILLEPELET, Denis. Deschristianisation et évolution de la catéchèse: entretien. *Lumen Vitae*, Bruxelas, n. 4, v. 61, 2006, p. 369-372, p. 370.
10. VILLEPELET, D. Los desafíos planteados a la catequesis francesa. *Sinite*, Madri, n. 141, 2006, p. 87-102, p. 89.
11. Cf. CNBB. *Catequese Renovada: orientações e conteúdo*. Documento 26. São Paulo: Paulinas, 1983.
12. Cf. VILLEPELET. Deschristianisation..., p. 370.
13. VILLEPELET, Los desafíos..., p. 88.
14. Sobre essa nova gramática, Denis Villepelet, interpretado por Alberich, em sua palestra no encontro de Catequetas de Paris, em 2003, afirma: "Torna-se urgente privilegiar o primeiro anúncio da fé, mas devemos reconhecer que deste primeiro anúncio falta-nos ainda a 'gramática'". ALBERICH, Emilio. Um novo paradigma para a catequese num mundo em mudança: instâncias e perspectivas catequéticas de um recente encontro catequético. *Revista de Catequese*. São Paulo, v. 26, n. 101, 2005, p. 34-41, p. 40.
15. GEERTZ, Clifford. La religion, sujet d'avenir. *Le Monde*. Paris, 4 mai 2006.
16. CNBB. *Evangelização e missão profética da Igreja: novos desafios*. Documento 80. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 22.
17. NERY, Irmão. Introdução. In: VILLEPELET, Denis. *O futuro da catequese*. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 14.
18. FOSSION. El nuevo paradigma..., p. 53.
19. Cf. ALBERICH, Emilio. Catequesis evangelizadora y pedagogía de iniciación: nuevos impulsos para la cateque-

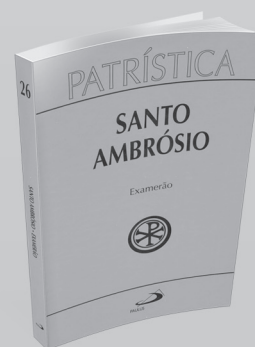
- sis en un reciente documento de los obispos franceses. *Catequética*. Cantabria, v. 48, n. 4, 2005, p. 218-227, p. 218.
20. Cf. CNBB. *Diretrizes Gerais da Ação Pastoral da Igreja no Brasil 1991-1994*. Documento 45. São Paulo: Paulus, 1991, n. 59.
 21. Cf. ALBERICH, Emílio. Evangelizar os cristãos? *Revista de Catequese*. São Paulo, n. 3, 1978, p. 50-63, p. 51.
 22. Cf. VILLEPELET. O futuro da catequese, p. 21-27; KONINGS. *Ser cristão...*, p. 15.
 23. ALBERICH. Evangelizar os cristãos?, p. 55.
 24. ALBERICH, E. Um novo paradigma para a catequese num mundo em mudança. *Revista de Catequese*. São Paulo, v. 26, n. 101, 2003, p. 36-40.
 25. KONINGS. *Ser cristão...*, p. 15.
 26. Cf. MARTÍNEZ ÁLVAREZ, D. Apología de lo iniciático. Opción por una catequesis iniciática. *Catequética*. Cantabria, v. 48, n. 6, 2007, p. 362-375.
 27. KONINGS. *Ser cristão...*, p. 13.
 28. Cf. VILLEPELET, Denis. Catequese como iniciação: conseqüências para a ação catequética. *Revista de Catequese*. São Paulo, v. 28, n. 110, 2007, p. 39-44; ALBERICH, Emílio. Hacia una "presentación orgánica" y vital del mensaje cristiano en la catequesis. *Catequética*. Cantabria, v. 48, n. 5, 2007, p. 290-299.
 29. A feliz expressão "o belo, o lúdico e o místico" na catequese vem de uma intuição oportuna de Libanio, que, ao falar sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, lembra a necessidade de resgatar "a estética, o lúdico e a religião" como armas contra a violência e a marginalização. Cf. LIBANIO, J. B. O estatuto da Criança e do Adolescente. *Jornal de Opinião*. Belo Horizonte, jul. 2008.
 30. A 3ª Semana Brasileira de Catequese, que se realizou em novembro de 2009, teve como tema: "Iniciação à vida cristã". A proposta foi repensar a catequese como processo de iniciação cristã. Ventos novos sopram na catequese brasileira.
 31. Sobre um dos maiores desafios do novo paradigma catequético (seu caráter mistagógico e de iniciação), cf. VILLEPELET. Catequese como iniciação..., p. 39-44.
 32. Cf. GONZALEZ-CARVAJAL. Catorze opiniões, p. 196.
 33. PEDROSA, V. In: ALBERICH, Emílio et al. Mesa redonda. *Catequética*. Cantabria, v. 45, n. 3, 2004, p. 130-154, p. 143.
 34. ALBERICH. Mesa redonda, p. 143.
 35. Segundo Alberich, "particular preocupação levantam as tomadas de posição de W. Kasper a respeito do primado do conteúdo sobre o método, e a respeito da absoluta prioridade da dogmática sobre a pedagogia religiosa no âmbito da catequese". ALBERICH, Emílio. O catecismo em questionamento. *Revista de Catequese*. São Paulo, v. 10, n. 40, 1987, p. 43.
 36. FRANÇA MIRANDA adverte: "O cristianismo nasceu da experiência salvífica feita pelos primeiros discípulos de Jesus Cristo. Uma experiência que desencadeou a resposta da fé e o seguimento da vida itinerante do Mestre de Nazaré. Uma experiência que os levou a testemunhar em palavras e com a própria vida a força salvífica de Deus por meio de seu Espírito. A transmissão da fé ao longo da história consiste em testemunhar tal experiência a outras gerações, para que também elas possam sentir e identificar a força de Deus e, assim, experimentar a sua salvação. A autêntica tradição não consiste em palavras, mas, antes de tudo, numa realidade viva, a saber, no transmitir à outra geração o próprio Deus se entregando a nós no Filho e no Espírito, para nos salvar" (*REB*, Petrópolis, n. 375, p. 93-94).

SIGAMOS O EXEMPLO DE COMUNHÃO DA TRINDADE!



**Trindade, criação
e ecologia**
Maria Freire da Silva
288 páginas

O livro apresenta uma reflexão teológica sobre o pensamento de J. Moltmann e L. Boff no que se refere ao modelo da Trindade e seus desdobramentos na criação e na ecologia.



Examerão
Os seis dias da Criação
Santo Ambrósio
280 páginas

Nesta obra, o vigésimo sexto volume da Coleção Patrística, Santo Ambrósio contextualiza suas explanações com sabedoria sobre cada passo de Deus dado durante os seis dias da concepção da vida e do mundo.

Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119



POR UMA ESPIRITUALIDADE ENCARNADA: REFLEXÕES SOBRE A ESPIRITUALIDADE DO(A) AGENTE DE PASTORAL À LUZ DO DOCUMENTO DE APARECIDA

Rodrigo Borgheti*

1. Introdução

Um documento do Magistério da Igreja pode ser lido e compreendido sob diferentes enfoques. Podemos descobri-lo como instrumento que nos revela as circunstâncias históricas em que se inscreve determinada doutrina, considerá-lo como um elemento a mais para formularmos críticas e expressarmos nosso descontentamento acerca da realidade eclesial ou, ainda, lê-lo com o objetivo de aprofundar uma mística pessoal que caracteriza o estilo próprio de cada um e o leva a atuar como membro da Igreja viva de Cristo. O presente artigo se insere nesta terceira possibilidade vislumbrada.

Nosso interesse pelo desenvolvimento da espiritualidade cristã nasceu com a prática pastoral educativa decorrente de 13 anos de trabalho em instituições católicas de ensino. Ao longo deste tempo, compreendemos a riqueza espiritual contida nos documentos do Magistério eclesial e reconhecemos que uma leitura bem orientada pode constituir fonte de espiritualidade adaptada aos novos tempos, repercutindo em ações pastorais com amplitude e profundidade.

Sabemos que o *Documento de Aparecida* é muito rico pelo imenso leque de temas e orientações pastorais que contém. Ele recapitula o que há de melhor nos documentos das conferências do Celam anteriores, e isso dentro de um quadro teológico muito mais rico, seguro e homogêneo. Foi escrito para todos os batizados e principalmente para os ministros de ação pastoral. O

documento em si tem como grande objetivo oferecer aportes significativos para que os fiéis ajudem a converter a Igreja em uma comunidade mais missionária. Com este fim, fomenta-se a conversão pastoral e a renovação missionária das Igrejas particulares, das comunidades eclesiais e dos organismos pastorais.

Retoma, como documento do Magistério latino-americano, a importância da missão laica abordada desde o Vaticano II, apostando nos variados processos formativos, com seus critérios e seus lugares segundo a diversidade de ministérios cristãos, e prestando especial atenção na iniciação cristã, na catequese permanente e na formação dos agentes de pastoral, pois considera, como o Vaticano II, a importância dos leigos, retomando a ideia de que são

participantes do múnus sacerdotal, profético e real de Cristo, têm um papel próprio a desempenhar na missão do inteiro povo de Deus, na Igreja e no mundo (2). Exercem, com efeito, apostolado com a sua ação para evangelizar e santificar os homens e para impregnar e aperfeiçoar a ordem temporal com o espírito do evangelho; deste modo, a sua atividade nesta ordem dá claro testemunho de Cristo e contribui para a salvação dos homens. E sendo próprio do estado dos leigos viver no meio do mundo e das ocupações seculares, eles são chamados por Deus para, cheios de fervor cristão, exercerem como fermento o seu apostolado no meio do

mundo (Decreto *Apostolicam Actuositatem*, parágrafo 2).

O documento se estrutura mediante a articulação dos seguintes elementos: fé viva em Cristo a partir de uma experiência de encontro (“discípulos”), fé essa que se irradia no mundo em forma de missão (“apóstolos”) e se prolonga na sociedade como compromisso pela justiça e pela vida (“para que nele nossos povos tenham vida”). Parte-se da fé em Cristo como fundamento de tudo, caminhando em direção à evangelização como o primeiro desdobramento espontâneo e enfocando por último a missão social como plataforma de concretização da fé.

Pela primeira vez é superada a ideia de uma fé entendida como simples aceitação de doutrinas, ou apenas como opção ética, ou ainda como mera tradição cultural. *Aparecida* aponta a espiritualidade como a parte mais íntima e vital da fé, que deve ser cultivada em vista de uma evangelização efetiva do continente.

O *Documento de Aparecida* ressalta também a importância da formação do(a) discípulo(a) e missionário(a), seja leigo(a), religioso(a), consagrado(a) ou clérigo, nas dimensões espiritual, comunitária, intelectual e pastoral-missionária de forma integrada, enfatizando a importância do laicato no processo de evangelização.

A preocupação com a revitalização espiritual da vida dos batizados em seu caminho de discipulado é uma novidade, se compararmos o *Documento de Aparecida* aos documentos precedentes do Magistério latino-americano. Por isso, como opção metodológica, nosso objetivo foi contribuir com uma análise construída na perspectiva da espiritualidade cristã do agente de pastoral que é em primeiro lugar discípulo(a) e missionário(a) de Jesus Cristo, aprofundando essa temática com base nas raízes encontradas no documento: a riqueza espiritual da piedade popular católica, a espiritualidade trinitário-cristocêntrica, comunitária, missionária e mariana.

2. O(a) agente de pastoral como discípulo(a) e missionário(a) de Cristo

Os novos tempos exigem novo estilo de agir pastoral que só pode brotar de uma radical

inserção no mistério de Jesus Cristo encarnado em nossa realidade (SD 28). Assim, delineou-se novo perfil de Igreja neste início de século XXI.

Quanto à importância dada no Magistério da Igreja do século XXI ao agente de pastoral no processo de evangelização, o *Documento de Aparecida* apenas deu continuidade às linhas traçadas nos documentos do Vaticano II e retomadas no documento de Santo Domingo.

A ideia central é que todos os batizados são chamados ao discipulado e à missão de levar a boa-nova de Jesus Cristo, entretanto o agente de pastoral é o batizado que assumiu a missão evangelizadora da Igreja por meio de uma adesão pessoal à proposta de Cristo, fazendo do seguimento e da missão um caminho de plenitude e sentido de vida. Portanto, o agente de pastoral tem de ser, antes de tudo, um discípulo, um seguidor de Cristo, uma testemunha fiel.

O principal protagonista da evangelização é o Espírito Santo. Partindo desse princípio, entendemos que a qualidade e a eficácia da ação pastoral-missionária dependerão, em grande medida, da qualidade humana e cristã do agente, isto é, de sua busca zelosa pela santidade, que caracterizará sua espiritualidade.

3. Espiritualidade como expressão de um encontro pessoal

Entendemos por espiritualidade a expressão da nossa relação com um mistério totalmente transcendente e mesmo assim posto no início e no fim dos “desejos originários do coração”, os quais definem a nossa identidade humana e pessoal. É fruto do encontro com uma pessoa concreta, um indivíduo histórico, que vem a nós por meio da nossa amizade com os companheiros que ele atraiu a si como ao próprio Corpo Ressuscitado. A nossa fé em Cristo é a consequência de um encontro que nos faz reconhecer Jesus como o rosto humano do Mistério, como a encarnação do Mistério (Giussani, *O senso religioso*).

A espiritualidade, portanto, é aquilo que nos anima e nos impulsiona à vida cristã. É fruto de nossa relação com Deus, a qual se manifesta nas atitudes cotidianas e no serviço ao próximo. Assim, falar de espiritualidade não é falar de uma parte da vida, mas de toda a vida. É a

dimensão espiritual que alicerça o ser cristão na experiência de Deus manifestado em Jesus e o conduz, pelo Espírito, nos caminhos de um amadurecimento profundo.

4. Uma espiritualidade trinitário-cristocêntrica

Para o *Documento de Aparecida* (AP 240), a experiência batismal é o ponto de início de toda espiritualidade cristã que se fundamenta na experiência do encontro e no seguimento da pessoa de Jesus, estabelecido sobre o sólido fundamento da Trindade-Amor, que é unidade e comunhão inseparável.

Espelhados nessa relação trinitária, somos impelidos para a vida comunitária, que nos permite superar o egoísmo e nos encontrar plenamente como pessoas, criadas à imagem e semelhança de Deus, dedicando-nos ao serviço do próximo (AP 244). Por meio dos diversos carismas pessoais, a pessoa se fundamenta no caminho da vida e do serviço proposto por Cristo com um estilo próprio. Isso deve caracterizar a espiritualidade do agente de pastoral.

O caminho com Jesus Cristo dá-se, portanto, a partir de um encontro humano que nos induz a descobri-lo e segui-lo como o Mistério feito homem. Esse milagre, naturalmente, é obra do Espírito Santo, enviado como fruto do mistério pascal do Senhor, de modo que a nossa espiritualidade é o efeito do Espírito Santo que nos permite encontrar e seguir Cristo em nossa existência humana.

Em decorrência disso, a nossa espiritualidade afirma sempre uma paixão pelo humano. As características eclesiais, eucarísticas e bíblicas dela derivam do fato de basear-se no encontro com Cristo por meio dos relacionamentos humanos.

Um ponto importante a destacar no documento é que a própria natureza do cristianismo consiste no reconhecimento da presença de Jesus Cristo e no seguimento decorrente desse encontro.

Essa foi a maravilhosa experiência dos primeiros discípulos, que, encontrando Jesus, ficaram fascinados e cheios de assombro diante da excepcional idade de quem lhes falava, diante da maneira como os tratava, coincidindo com a fome e sede de vida existentes em seus corações.

5. Espiritualidade do jeito de Maria

Maria Santíssima é modelo perfeito de agente de pastoral. Teve uma missão singular na história da salvação, concebendo e educando seu filho e o acompanhando até seu sacrifício definitivo. O *Documento de Aparecida* reconhece seu testemunho e nos convida a imitá-la cada dia mais. Ela é a “máxima realização da existência cristã como um viver trinitário de ‘filhos no Filho’” (AP 266). Foi exemplo de obediência à vontade de Deus por meio de sua fé, que alimentava com a meditação da palavra e das ações de Jesus. Segundo o documento, Maria é aquela que “fala e pensa com a palavra de Deus; a palavra de Deus se faz a sua palavra e sua palavra nasce da palavra de Deus. Além disso, assim se revela que seus pensamentos estão em sintonia com os pensamentos de Deus, que seu querer é um querer junto com Deus” (AP 271).

Por isso, é a presença materna indispensável e decisiva na gestação de um povo de filhos e irmãos, de agentes missionários de seu Filho (AP 524).

Podemos contemplar os frutos da espiritualidade de Maria na passagem das bodas de Caná, por meio das atitudes de atenção, serviço, entrega e gratuidade que devem distinguir os discípulos de seu Filho. Perseverou junto aos apóstolos à espera do Espírito, cooperando com o nascimento da Igreja missionária, na qual imprimiu seu caráter, que a identifica profundamente. Essas atitudes criam comunhão e nos educam para um estilo de vida compartilhado e solidário, em fraternidade, em atenção e acolhida ao outro, especialmente se é pobre ou necessitado.

Maria, portanto, além de modelo e paradigma da humanidade, é artífice de comunhão (AP 268), à medida que sempre esteve atenta à palavra de Deus, a ponto de ser mãe da Palavra encarnada.

6. Uma espiritualidade encarnada nos diversos ambientes

Entender a fé como um evento existencial, como uma “experiência de encontro” – um encontro vivo com a pessoa viva de Jesus Cristo: essa foi a grande redescoberta de Aparecida que nos ajuda a redimensionar a espiritualidade na vida cristã como principal motivação de nosso apostolado.

Dessa maneira, podemos entender o papel da verdadeira espiritualidade nos dias de hoje: uma espiritualidade com mãos e pés que confirma na ação (cabeça) e apresenta motivações. Mas principalmente uma espiritualidade com “espírito”, isto é, consciente de que molda o *ser* e motiva o *fazer* cristão.

O *Documento de Aparecida* nos possibilita pensar que uma espiritualidade encarnada se manifesta quando colocamos o coração em Deus e, ao mesmo tempo, sabemos reconhecê-lo no coração dos homens e mulheres do contexto em que vivemos e atuamos.

Possuir espiritualidade encarnada nos diversos ambientes é ter espiritualidade de discípulos e missionários de Cristo, o que caracteriza o essencial do ser “pessoa de Deus”, cheia do Espírito Santo de maneira tal que seja capaz de transbordar a principal motivação do agir apostólico.

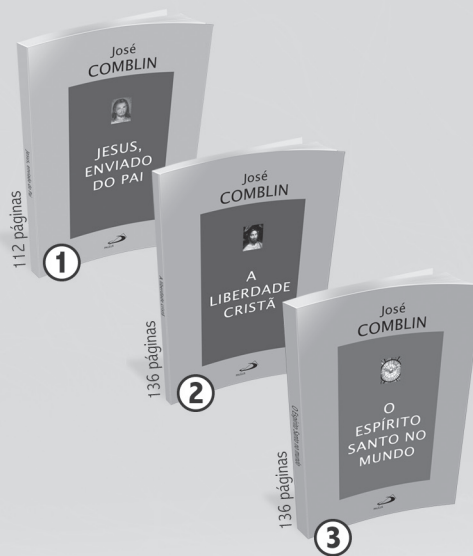
Em outras palavras, é saber proclamar com a vida as razões da própria fé, que caracteriza a identidade do cristão, seguindo o exemplo de São Paulo quando disse: “Eu sei em quem acredito!” (2Tm 1,12).

* Pedagogo, especialista em Espiritualidade e Pastoral, mestre em Educação e doutorando em Psicologia. Trabalha como assessor de pastoral do Colégio Marista de Ribeirão Preto e é professor convidado do curso de pós-graduação *lato sensu* em Pastoral da Juventude no Centro Universitário Salesiano de São Paulo-SP. Em 2007 foi nomeado assessor do Setor Juventude da Arquidiocese de Ribeirão Preto e em 2009, membro do Conselho Arquidiocesano de Pastoral da mesma arquidiocese.

Bibliografia

- CELAM. *Documento de Aparecida*: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Brasília: CNBB; São Paulo: Paulinas; Paulus, 2007. 301 p.
- GIUSSANI, Luigi. *O senso religioso*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 1988.
- LIBANIO, J. B. *Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano*: do Rio de Janeiro a Aparecida. São Paulo: Paulus, 2007. 167 p.
- STROBINO, Ivo. *A propósito da espiritualidade apostólica marista*. Disponível em: www.champagnat.org/.../SpiritualitApostoliqueMariste_PT.doc. Acesso em: 8 fev. 2010.
- VATICANO II. Decreto *Apostolicam Actuositatem*, sobre o apostolado dos leigos. In: *Compêndio do Vaticano II*: constituições, decretos e declarações. Petrópolis: Vozes, 1984.

ENTENDA MAIS SOBRE A SANTÍSSIMA TRINDADE COM AS OBRAS DO RESPEITADO TEÓLOGO JOSÉ COMBLIN.



1 Jesus, enviado do Pai José Comblin

O leitor encontrará aqui algumas meditações sobre o evangelho de João, que apresenta a pessoa de Jesus como o enviado de Deus Pai.

2 A liberdade cristã José Comblin

A obra convida o leitor a refletir sobre a liberdade cristã a partir dos escritos de São Paulo, do anúncio da liberdade por João e das obras e palavras de Jesus.

3 O Espírito Santo no mundo José Comblin

Nestas páginas, o autor medita a mensagem do Novo Testamento sobre o Espírito Santo e a sua missão neste mundo, como resposta de Deus às aspirações da humanidade.

Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119



Criação PAULUS / A PAULUS se reserva o direito de alterar ou retirar o produto do catálogo sem prévio aviso. Imagens meramente ilustrativas.

O PAPEL DA ASSESSORIA PASTORAL NAS CEBs

Pe. Nelito Dornelas, Pedro A. Ribeiro de Oliveira e Tereza P. Cavalcanti*

Introdução

A nova forma de ser Igreja nascida do Concílio Vaticano II e Medellín vem criando funções e serviços inexistentes na forma tridentina de Igreja – institucionalizada no Direito Canônico – e que por isso não são formalmente contemplados pela instituição. As próprias comunidades eclesiais de base, alicerces de toda essa nova estruturação eclesial, não são juridicamente reconhecidas, salvo como subdivisões da paróquia – as “pequenas comunidades” –, algo que elas evidentemente não são.

Este texto, elaborado em mutirão, tem por finalidade esclarecer o papel, função e missão do(a) assessor(a) nas CEBs. Ele recupera ideias formuladas em outras ocasiões (particularmente o texto de José Sanches Sanches *O papel do assessor de CEBs*) e sugestões apresentadas durante o Seminário de Assessores(as) e Equipe Nacional Ampliada de CEBs em Porto Velho-RO, em janeiro de 2009, tendo em vista a definição de seu lugar nas CEBs (e nas pastorais em geral). Diante da complexidade do tema, é preciso ter claro que vamos nos ater especificamente à figura do assessor (infelizmente ainda não há uma palavra que caiba a ambos os gêneros), só nos referindo a outras figuras para marcar as distinções.

Queremos então compreender o papel desse “agente de pastoral” e a especificidade do trabalho de assessoria na caminhada da Igreja. Sabemos que o(a) “agente de pastoral”, figura surgida no período pós-Vaticano II, rompe o dualismo hierárquico que dividia a Igreja entre ministros ordenados e “simples” batizados,

substituindo-o por um pluralismo ministerial em que cada membro exerce sua missão evangelizadora e seu serviço à Igreja conforme seus dons e seu compromisso de batizado.

Faz-se importante ter clareza do papel e da missão desse “agente de pastoral” que é chamado de “assessor”. Qual é o seu lugar na Igreja? O que diferencia a sua prática de outras práticas sociais? O que inspira e sustenta a sua missão?

1. O assessor no conjunto do(da) “agentes de pastoral”

O assessor faz parte de um conjunto maior de pessoas que, por sua opção de fé, atuam junto e prestam serviço a uma comunidade eclesial ou grupo específico, que se torna para ele ou ela espaço de vivência e experiência do compromisso de batizado. É, pois, uma pessoa que exerce a atividade pastoral movida pelo compromisso com o projeto de Jesus, assumido pelos discípulos (cf. Mt 28,16s) e experienciado ao longo da história por quem professa a fé no Ressuscitado. São homens e mulheres, jovens e adultos que, a seu modo, ajudam outras pessoas a crescer na fé cristã e na vivência eclesial.

Em outras palavras, a assessoria é um dos “ministérios” exercidos pelos “agentes de pastoral” em geral. Pode ser exercida por leigos e leigas, religiosos e religiosas, diáconos, presbíteros e bispos.

O ideal cristão do reino de Deus tensiona a prática de todo “agente de pastoral”, que precisa entender “os sinais dos tempos” para concretizar o Reino na história humana. Essa esperança alimenta a ação evangelizadora e

se configura como mística e espiritualidade. O agente se faz seguidor(a) de Jesus, o Verbo encarnado (Jo 1,1), historizado nas lutas humanas, na busca por um mundo melhor, sinal do Reino vindouro. Então sua prática pastoral é um ato social, mas também, e principalmente, um ato de compromisso de fé e de amor, virtudes que projetam e iluminam a sua missão. Esse ideal que tensiona a prática é também grande reserva de força e coragem diante das dificuldades que o(a) “agente de pastoral” sempre encontrará em suas atividades.

Quando o “agente de pastoral” lê a sua prática, analisa ou partilha com outras pessoas, ele a vê na sua relação com o contexto ou com a realidade, com o grupo com que interage (comunidade) e também com a sua opção de fé. Este último elemento pode se chamar de graça ou de ação do Espírito de Deus. Compreende-se a oportunidade de agir na comunidade e na sociedade como graça de Deus (cf. 2Tm 1,9). Quando dialoga sobre a sua prática pastoral, considera a graça, a presença de Deus, como algo que influencia nos resultados do trabalho desenvolvido. Os desdobramentos dessa convicção são profundos, pois determinam o processo, as relações estabelecidas, a avaliação do trabalho, o enfrentamento dos conflitos e dificuldades. É uma transversalidade mística.

Quando se deixa iluminar pela experiência de fé, quando percebe a graça de Deus atuando no seu trabalho, o agente de pastoral age convencido de que o projeto de Jesus é a realidade da vida em abundância (cf. DGAE 2008). O princípio e a finalidade do trabalho não o afastam da realidade; ao contrário, põem-no em diálogo com ela, pois ali reside o sentido da sua missão. O mandado de Jesus (Mt 28,1ss), a encarnação de Deus (Jo 1,1), a ação do Espírito Santo (Jo 20,22ss) impulsionam o agente a atuar em nome de algo maior que a sua própria vida, pois, como dizia São Paulo, quando agimos pela fé, é Deus que age em nós (Ef 4,6). Daí a razão de compreendermos nossas práticas como atividades feitas em nome do Pai.

2. A especificidade do trabalho de assessoria pastoral

A palavra “assessor” relaciona-se ao campo do poder decisório, em que “assessor” é a pessoa de confiança de quem toma decisões – políticos,

administradores ou empresários. Neste sentido, assessor é a pessoa perita em algum campo de conhecimento que dá sua contribuição específica a quem deve tomar decisões. Ele mesmo não toma decisão, mas certamente influencia no processo à medida que interage com o tomador de decisões, oferecendo-lhe o quadro da realidade ou mostrando-lhe as consequências previsíveis das várias alternativas de ação. (A palavra é também usada como equivalente a “auxiliar” ou “secretário”, mas não é neste sentido que foi incluída na terminologia pastoral.) Provavelmente, na terminologia pastoral, o “assessor” foi a tradução brasileira para os “expertos” que acompanharam os bispos no Concílio Vaticano II.

Na condição de “assessor”, o(a) agente de pastoral é alguém que participa da caminhada da Igreja, dando-lhe a contribuição do seu campo de conhecimento. Aí reside a distinção entre o “assessor” e outros “agentes de pastoral”. Vejamos, com mais vagar, a distinção entre o “assessor”, a “animadora de comunidade” (vamos usar a palavra no feminino, porque a maioria dos animadores são mulheres) e o(a) “agente de pastoral” no sentido estrito.

- *Animadora* é a pessoa que presta o serviço de animar, coordenar, representar e, de modo geral, induzir o processo de desenvolvimento das CEBs. Normalmente, é uma leiga ou leigo; em certos casos, as religiosas podem exercer supletivamente essa função. Seu espaço próprio de ação é a comunidade de base à qual pertence. Deve exercer esse ministério de modo colegiado, por participar da *equipe de animação* da comunidade.
- *Agente de pastoral* é a pessoa responsável pelos serviços de articulação, formação e representação de um conjunto de CEBs (paróquia, setor, vicariato, região, diocese etc.). Não está afeita a uma única comunidade, para que possa dedicar-se a todas as comunidades do setor que lhe cabe. Normalmente, o “agente de pastoral” é uma pessoa liberada para essa atividade, quando sua ocupação pastoral a impede de exercer um ofício profissional. Por isso, em geral, os *agentes de pastoral* são religiosas, diáconos ou presbíteros, e menos frequentemente leigos e leigas.

- *Assessor* é a pessoa perita em determinado campo de conhecimento que presta serviços eventuais ou esporádicos a uma comunidade ou a um conjunto de comunidades. Seus serviços podem ser no campo da reflexão ou formação (teologia, Bíblia, liturgia, análise da realidade, história, sociologia etc.) ou no campo da metodologia (pedagogia, educação de base, espiritualidade, planejamento, arte etc.). Os serviços de assessoria podem ser prestados por leigas, leigos, religiosas, religiosos, diáconos, presbíteros e bispos, desde que dominem bem sua área de conhecimento. Isso não significa que tenham alta escolaridade, pois também é valioso o conhecimento advindo da prática.
- A rigor, como o assessor tem uma função eminentemente “técnica”, pois é um perito naquela área, ele ou ela não precisa ser necessariamente alguém da mesma confissão religiosa e nem mesmo, no limite, uma pessoa de fé cristã. Certos assessores, como o Betinho, são um bom exemplo disso: seu amor ao povo e sua dedicação à causa da libertação o levaram a dedicar-se ao trabalho de assessoria aos grupos populares (dentro e fora da Igreja católica romana) até o final de sua vida. Se a fé cristã não é indispensável, é, contudo, fonte valiosa de energia e de comunhão com a comunidade que recebe o serviço de assessoria.

3. Qualidades a serem cultivadas no trabalho de assessoria pastoral

Embora as qualidades abaixo mencionadas não devam ser exclusivamente de quem exerce o ministério de assessoria, elas são de grande importância nesse exercício. São elas:

- *Irmanar-se*, fazer-se irmão ou irmã do povo. Isso é difícil porque supõe um esvaziamento de si mesmo, assim como Jesus, ao encarnar-se no seio da humanidade (cf. Fl 2,6). É um esforço para encarnar-se na vida real do povo ao qual se deseja prestar serviço.
- *Ser educador* do povo, pedagogo, no sentido que lhe dava Paulo Freire: ninguém ensina e outro aprende, mas aprendemos quando tomamos consciência do que somos e fazemos. O(A) pedagogo(a) apenas

ajuda a tirar os óculos ideológicos para que a verdadeira consciência de si aflore naturalmente. O assessor sabe que não poderia substituir cada membro da comunidade nesse processo de autoeducação e por isso deve dispor-se a caminhar com a comunidade. Sabe fazer as perguntas certas, as que ajudem a comunidade a encontrar suas respostas dentro do próprio processo. Fará como João Batista: “É necessário que ele cresça e eu desapareça” (Jo 3,30).

- *Avaliar* sempre o processo. Toda comunidade encontra diante de si forças e oportunidades, desafios e ameaças. É função da assessoria ajudar a comunidade a fazer o discernimento (Lc 24,13ss) e descobrir a hora de avançar ou recuar para alcançar seus objetivos. Sendo alguém de fora, que vê a comunidade como um observador, e não como membro envolvido no cotidiano, o assessor deve ser sempre um questionador que ajude a comunidade a se ver melhor.
- *Apostar* na comunidade. O assessor é muito diferente do perito ou do consultor que prestam seus serviços técnicos à CEB como o fariam a qualquer outra organização que os convidasse. O assessor deve acreditar que a CEB representa *nova forma de ser Igreja* e um instrumento valioso para a transformação da nossa sociedade e em defesa da vida do planeta. Por isso, as CEBs são seu espaço de atuação militante, e não um espaço de serviços profissionais. A opção pelas CEBs não se dá porque vai encontrar vantagens no trabalho, mas porque vê nelas um espaço onde presta sua colaboração para a construção de *outro mundo possível*.

4. Indicações práticas para o trabalho de assessoria pastoral

Já foi dito que o assessor é a pessoa que domina determinada área de conhecimento e o põe a serviço da Igreja. Foi dito também que essa especialização ou estudo podem ter sido adquiridos na escola ou na experiência vivida em alguma área na qual poderá dar uma contribuição mais específica e aprofundada. Ele não deve permanecer muito tempo na comunidade à qual presta assessoria. Seu trabalho é, por natureza, transitório, eventual, esporádico ou

passageiro. Nada impede que se criem laços afetivos com a comunidade, desde que eles não se tornem obstáculo à objetividade da observação e que o assessor não se torne membro da comunidade nem tome parte nos momentos de conflito. Algumas indicações práticas estão aqui relacionadas:

- *Opção de fundo.* O assessor sabe que existem vários modelos de Igreja e busca sempre aquele que mais a ajudará a manter-se fiel ao projeto do Nazareno. Na relação com o grupo, demonstra sua opção em seus gestos, atitudes, comportamentos e expressões. Também revela a opção pelo modelo de Igreja que ilumina o seu trabalho: o que se expressa nas CEBs com base na eclesiológia de comunhão de todo o povo de Deus a serviço do seu reino.
- *Conhecimento do processo.* O assessor deve conhecer a história e a caminhada da comunidade (seus momentos mais importantes, seus projetos, suas conquistas, seus desafios) para formar uma imagem o mais real possível do rosto daquela comunidade. E, assim, fazer um diagnóstico que lhe permita interferir adequadamente nos rumos tomados por ela.
- *Discernimento.* Muitas vezes a comunidade se encontra tão envolvida com seus próprios problemas e desafios, que se perde e já não sabe discernir entre propostas e projetos diferentes ou até mesmo contrários. Nesse momento, o assessor é fundamental para, à luz da fé, ajudá-la a compreender o projeto de Deus. Às vezes é necessária a visita de Jetro ao trabalho (cf. Ex 18), para convidar a um olhar diferente. O assessor deveria então revestir-se da perspicácia de Jetro.
- *Abrir horizontes.* Uma visão de futuro é indispensável ao assessor, para ajudar a comunidade a fazer pontes entre seu passado e o futuro que ela está construindo no hoje de sua existência.
- *Colaborar na formação dos membros da comunidade.* A formação permanente dos membros de uma comunidade é fator importante para o seu crescimento. Esta é uma tarefa da qual o assessor não pode abrir mão.

- *Questionamento.* O assessor deve saber discernir os pontos fracos e as debilidades da comunidade e fazer-lhe os devidos questionamentos. Tomar cuidado para não desanimá-la, mas empurrá-la para a frente. Saber encontrar o foco ou a raiz dos problemas que impedem o avanço da comunidade (cf. Ap 2,1-6).

- *Trabalho em equipe.* O trabalho de assessoria deve ser dialógico, confrontado com outros que o ajudem no discernimento de suas propostas. O trabalho de equipe é indispensável como forma de autoformação e autocrítica. Aqui aparece o desafio de dialogar e compreender que há outros sujeitos envolvidos no mesmo trabalho. A relação deve ser entre sujeito e sujeito, e não entre sujeito e objeto. É envolta em tensões, porém enriquecedora e inserida na dinâmica do reino de Deus.

- *Atitudes.* O assessor deve evitar atitudes que atrapalhem seu trabalho educativo, tais como populismo, subestimação do valor do povo, autoritarismo, impaciência, paternalismo e irresponsabilidade. Ao contrário, deve buscar ser democrático, aberto, organizado, criativo, otimista, respeitoso ao processo, desinteressado, crítico, compreensivo, amigo e cortês, valorizando as conquistas e avanços da comunidade.

5. Campos em que se necessita de assessoria

Já foi dito que a assessoria pastoral pode ser aplicada tanto na *reflexão* e na *formação* (teológica, bíblica, sobre a realidade etc.) quanto na *metodologia* (pedagogia, planejamento etc.). Assinalamos aqui os campos mais relevantes hoje:

- *Conhecimento bíblico.* A palavra de Deus é também palavra humana inserida em um contexto determinado o qual é indispensável conhecer, a fim de tirar os seus frutos para a realidade de hoje. Devolver a Bíblia ao povo e fazer dela o centro do trabalho pastoral é a forma principal de garantir a perseverança da comunidade.
- *Reflexão teológica.* A fé professada tem de ser traduzida de forma compreensível e direta. Como há vários modelos de Igreja, também há vários modelos de teologia. É

indispensável que, aliado ao modelo de Igreja dos pobres, se desenvolva um modelo de reflexão teológica no qual a libertação dos pobres e excluídos seja contemplada, de modo que eles tenham suporte teológico para suas lutas em busca da justiça, da paz e da harmonia planetária.

- *Planejamento* pastoral. Os passos de um plano de pastoral e sua execução exigem muita sabedoria e muita luz do Espírito Santo, mas isso não dispensa a racionalidade na adequação dos meios aos fins almejados. A assessoria deve traduzir os anseios da comunidade em projetos viáveis.
- Conhecimento das *realidades humanas*. Conhecer a pessoa humana desde as profundezas do ser até as estruturas da sociedade e o desenrolar da história é indispensável ao amadurecimento e ao avanço da caminhada da comunidade. A assessoria pastoral tem aí amplo campo de atuação, para ajudar a comunidade a entender seus condicionamentos socioeconômicos, culturais e históricos bem como todos os fatos conjunturais.
- Conhecimento do contexto *ecológico global*. Cada vez mais fica claro que a realidade em que vivemos não é apenas humana, mas é parte de uma realidade global – a grande *comunidade de vida* que faz da Terra um planeta vivo, diferente de todos os outros. Este campo que ora se descortina é hoje um dos grandes desafios para o trabalho de assessoria, uma vez que é envolvido por interesses opostos: de um lado, as empresas e o mercado, que insistem no desenvolvimento *produtivista-consumista*, e, de outro, os povos que querem viver na simplicidade, na paz e em harmonia com a Terra.

Na meditação da parábola do Bom Pastor está a mística que deverá sustentar a caminhada do agente de pastoral:

- ⇒ O bom agente de pastoral dá a vida pelas ovelhas. Ele as ama e não trabalha pensando em recompensas, senão porque é o pastor das ovelhas.
- ⇒ O bom agente de pastoral conhece o processo e os membros o conhecem. Não é um conhecimento frio, mas tem o calor do amor e da ternura.

⇒ O bom agente de pastoral não se prende em sua comunidade, mas aponta horizontes amplos e abertos. Encanta e entusiasma outras pessoas para que vivam a alegria da Igreja dos pobres. Ama esse modelo de Igreja e dá a vida por ele.

⇒ O bom agente de pastoral tem a inquietude de construir a comunidade, em comunhão.

⇒ O bom agente de pastoral defende o processo e a comunidade contra todos os que querem atentar contra ela.

6. O que marca o testemunho do agente de pastoral

Muito mais poderia ser dito sobre o papel da *assessoria pastoral*, mas este artigo já é o suficiente para um primeiro passo. Como conclusão, apresentamos abaixo um texto de dom Pedro Casaldáliga, *Os traços do homem novo e da mulher nova*.

6.1. A lucidez crítica

- a) Decodifica a realidade à luz da fé e por meio das mediações sociais, políticas e econômicas.
- b) Estuda, avalia, é dialética.
- c) Não se deixa enganar pelas aparências, nem pelas promessas, nem pelas esmolas.
- d) Sabe ler a conjuntura local, continental e mundial e penetra na parte oculta das estruturas de dominação e alienação.
- e) Caminha com os pés no chão da realidade, com o ouvido atento ao clamor dos pobres e aos sofismas dos ricos, com os olhos abertos aos processos da história e ao horizonte da utopia.
- f) É lúcida e é luz.

6.2. A contemplação sobre a caminhada

- a) Vive aberto ao mistério do Deus que é vida e amor
 - i) em sua Trindade, que é a melhor comunidade;
 - ii) na história, que também é seu reino;
 - iii) e no universo, que é também sua casa.
- b) “Tropeça com Deus nos pobres”, professa-o na prática da justiça e da caridade e o celebra na oração pessoal, familiar e comunitária.
- c) Caminha enamorado da esposa natureza; acompanha todos os caminhantes no diálogo

intercultural e com a ternura da gratuidade; ama sua gente, sua terra e seu tempo com um coração ecumenicamente jovem.

- d) Sonha, ri, canta, dança, vive.
- e) Veste-se de símbolos e de ritos antigos e novos, conserva a memória subversiva e exerce a criatividade alternativa.
- f) Cultiva a identidade étnico-cultural, a sensibilidade social e a historicidade política.
- g) Tem como tela de televisão a mirada da consciência, a sabedoria da realidade e a revelação da Bíblia.

6.3. A liberdade dos pobres

- a) Despojado de privilégios e de acumulação, e jogando sua sorte com a sorte dos pobres da terra, promove a civilização da pobreza humanizadora contra a civilização da riqueza desumana.
- b) É pobre para ser livre e é livre para libertar.
- c) Partilha da pobreza solidária e combate a pobreza injusta.
- d) Da liberdade faz seu alento e sua canção, e da libertação seu combate e sua vitória.
- e) É parcial como o Deus dos pobres, radical como o Jesus das bem-aventuranças, livre como o Espírito de Pentecostes.

6.4. A solidariedade fraterna

- a) Faz da solidariedade o nome novo da paz, a nova práxis do amor e a nova dinâmica da política.
- b) Acolhe, compartilha, serve.
- c) Compadece, coindigna-se, comilita, concelebra.
- d) Não discrimina nem pelo sexo, nem pela raça, nem pela crença, nem pela idade.
- e) Porque sabe que é filho de Deus, procura ser irmão de todos.
- f) Luta por fazer dos vários mundos um só mundo humano.
- g) Promove a organização em todos os níveis, mas sem fanatismo, sem dogmatismo e sem proselitismos.

6.5. A cruz e a conflituosidade

- a) Sabe que a existência é milícia, que o reino sofre violência e que na cruz está a vida.
- b) Abraça a cruz salvadora de Cristo, mas destrói todas as cruzes opressoras.

c) Nunca foge da renúncia pelo reino, nem se esquece do domínio de si, nem se nega à convivência, ao trabalho, à libertação.

d) Assume as grandes causas sem medo da conflituosidade, apesar da perseguição e até a entrega do martírio.

6.6. A insurreição evangélica

- a) Pela boa-nova do evangelho e na incansável construção da utopia, rebela-se contra os mecanismos do lucro e das armas, do consumismo e da dominação cultural, do fatalismo e da convivência.
- b) É opção, militância, profecia.
- c) Luta contra todos os ídolos da sociedade e da religião, em rebelde fidelidade a Deus e à humanidade.
- d) Insurge-se constantemente, pela conversão pessoal, para a renovação comunitária e ecumênica da Igreja e para a revolução democrática da sociedade.

6.7. A teimosa esperança pascal

- a) Espera “contra toda esperança”, no meio das decepções, na monotonia diária, apesar dos fracassos e contra as evidências do triunfo do mal.
- b) Mantém a coerência das testemunhas fiéis, propaga a “perfeita alegria” dos utópicos e organiza a esperança dos pobres.
- c) Na alegria e na dor, no trabalho e na festa, na vida e na morte, vai se fazendo páscoa na páscoa.
- d) Avança na conquista da Terra Prometida, pelos caminhos da Pátria Grande, para a Pátria Maior.

* Pe. Nelito Nonato Dornelas, assessor das CEBs no Brasil; membro da Ampliada Nacional; coordenou o 11º Intereclesial em Ipatinga MG; assessor da CNBB; secretário do mutirão nacional pela superação da miséria e da fome, conselheiro do Consea. Pós-graduado em teologia pastoral, ecumenismo e psicanálise. E-mail: smf@cnbb.org.br

Pedro Ribeiro de Oliveira, professor da PUC MG, doutor em sociologia, assessor das CEBs; fundador do centro de documentação das CEBs Memória e Caminhada.

Teresa Cavalcanti, doutora em Bíblia, professora na PUC RJ, assessora das CEBs junto à Ampliada Nacional.

OS PADRES E A SEXUALIDADE NA VISÃO DE UM PSICOTERAPEUTA

Ênio Brito Pinto*

Ao desenvolver mestrado e doutorado em Ciências da Religião na PUC/SP, conheci institutos católicos que ofereciam psicoterapia para o clero. Tornei-me colaborador de um desses institutos, trabalhando como psicoterapeuta de padres. Dessa experiência surgiu um livro, ainda inédito, que busca orientar os psicólogos sobre as peculiaridades dessa clientela. Aqui, neste artigo, baseio-me nesse livro e antecipo parte dele para escrever para os padres sobre um dos temas que ali abordo: algumas das peculiaridades da vivência da sexualidade por parte dos padres. As reflexões que desenvolvo aqui se fundamentam na minha prática psicoterapêutica de psicólogo leigo com padres católicos e em muitos anos de estudos teóricos e de discussões sobre a questão em epígrafe.

Enfocarei algumas questões que julgo importantes: a delimitação da sexualidade, a vivência do celibato, a orientação sexual, as patologias sexuais. Acompanha-me a esperança de ser útil para os padres.

1. A afetividade na sexualidade

Se em todo processo psicoterapêutico a sexualidade é tema importante, na psicoterapia de padres a questão toma contornos ainda mais cruciais. Na pesquisa desenvolvida por Hiriart (2002), por exemplo, que estuda os tipos de crises desenvolvidas pelos sacerdotes, a mais comum é a pelo autor denominada “crise afetivo-sexual”.

A vivência da sexualidade não se dá apartada dos sentimentos e do campo cultural: a sexualidade é um dos pontos centrais na identidade do ser humano, a ponto de se poder afirmar que a identidade social de cada pessoa começa

pela definição do sexo a que pertence, o qual vai determinar, entre outras coisas, o nome a ser escolhido para o recém-nascido pela família e a maioria das expectativas sociais e familiares quanto ao modo de ser e agir da pessoa. A sexualidade fundamenta os cuidados corporais e as relações de gênero, além de fundamentar também a busca do amor e do contato mais pleno com o outro.

Essas características da sexualidade humana são de há muito consideradas pela Igreja católica. A Congregação da Doutrina da Fé, em 1975, quando o seu presidente era o cardeal Joseph Ratzinger, publicou uma instrução chamada *Declaração acerca de certas questões de ética sexual*, a qual traz três aspectos importantes no que se refere à sexualidade de um ponto de vista da religião católica: 1) a humanização da sexualidade é relevante na evolução pessoal humana; 2) a pessoa é compreendida como um ser livre e existente à luz de três aspectos (biológico, psicológico e espiritual), além do aspecto cultural, o que implica compreender que “o homem não tem uma sexualidade, ele é sexualidade”; 3) ciência e religião devem dialogar para ampliar a compreensão e facilitar a vivência da sexualidade pelos seres humanos (cf. Valle, 2006).

Há ainda uma dificuldade em nossa sociedade no que diz respeito à compreensão do que seja a sexualidade, pois a maioria das pessoas trata sexo e sexualidade como se fossem sinônimos. Sexo e sexualidade são diferentes, têm significados diferentes. Sexualidade, fenômeno inerente ao ser humano, está presente em todos os atos da vida. É um fundamento básico da personalidade que possibilita à pessoa maneiras particulares e individuais de existir, comunicar-se, viver e

expressar-se. Sexualidade é um dos fundamentos da identidade pessoal, é fenômeno muito mais amplo que o sexo e o inclui. Sexo tem que ver com o fato de sermos macho ou fêmea e com o conjunto dos órgãos reprodutores, além de significar também o ato sexual propriamente dito; sexualidade é um conjunto de fenômenos que são ligados ao sexo e o extrapolam: masculinidade e feminilidade, erotismo, sensualidade, afetos, desejos, posturas e valores.

A vivência da sexualidade humana se dá com base em suportes afetivos, ou seja, o ser humano a vivencia por meio de seus sentimentos e de sua cognição, e não apenas com base em sua biologia. A sexualidade humana é mais ampla que o puramente instintual e não se limita à busca de um parceiro nem se reduz à união dos órgãos genitais no coito. Ela é recheada de símbolos que direcionam o desejo e são por ele direcionados. Não se limita aos órgãos sexuais, mas todo o corpo humano é sexualizado. Além disso, não podemos esquecer que a satisfação sexual humana pode ser obtida sem a união genital (cf. Chauí, 1990).

Desta maneira, quando se fala em sexualidade, é importante ter bem claro que se está lidando com um conceito amplo, pois, se fenômenos genitais são geralmente sexuais, há uma série de fenômenos sexuais que não têm relação direta com o genital. No que diz respeito a essa visão sobre a sexualidade e sua repercussão nas pessoas de vida consagrada, Dlugos (2006) observa que uma das primeiras tarefas propostas é a busca da compreensão de que a sexualidade é mais ampla, está para além da expressão sexual genital. A possibilidade de romper com a ideia reducionista de que a sexualidade está limitada à expressão sexual acaba se tornando fonte de liberdade e tranquilização: “para pessoas que lutam com a confusão ou a ansiedade em torno de sua orientação sexual, chegar a ver que a sexualidade é muito mais que seu tipo preferido de parceira(o) é um convite à integração”.

A sexualidade é um dos aspectos mais importantes do existir humano. Ela é um meio, não um fim em si mesma. O fim da existência humana é a busca de relações, é o autodesenvolvimento baseado na troca com os outros e com o ambiente. A sexualidade é um meio por excelência para esse fim e é nesse sentido que ela deve ser entendida. Por ser meio, por ser fundamentada

na vivência, a sexualidade se faz presença no cotidiano de todas as pessoas. No caso dos religiosos católicos, uma das maneiras pelas quais a sexualidade aparece são os questionamentos acerca do celibato.

2. O celibato

É importantíssimo salientar que, ao tratar das repercussões do celibato, há que levar em conta que o religioso não abdica de sua sexualidade, mas, sim, renuncia à expressão genital dessa sexualidade. Não há como alguém abdicar de sua sexualidade, uma vez que ela é uma característica estrutural da personalidade de cada pessoa.

Na maioria das tradições religiosas há o preceito da castidade. Esse preceito é geralmente mal entendido porque lhe é dada uma interpretação moralista, numa tentativa de excluir ou destruir a força da sexualidade, o que não é possível. Visto que a sexualidade é inerente ao ser humano, não há como suprimi-la. O máximo que se pode alcançar por esse caminho é a sua repressão da sexualidade, o que é danoso para o ser como um todo. As alternativas existentes para lidar com a questão do celibato são, ao contrário da visão moralista, a afirmação e/ou a transformação da sexualidade. Nesse caso, “não se trata de excluir a energia do sexo, mas de renunciar ao seu uso e à sua dissipação nas relações físicas comuns e procriadoras com indivíduos do outro sexo. Conserva-se o seu potencial, que é, contudo, destacado do plano ‘dual’ e aplicado a um plano diferente” (Evola, 1976).

Para Duffy (2006), “desde uma perspectiva espiritual, o celibato não é somente a liberdade de dedicar-se ao apostolado, mas um chamado e uma opção por relacionar-se com Deus e com os outros em relações não genitais que geram vida para o sujeito e para os demais”. Segundo Evola (1976), na principal maneira para que tal intuito se realize, o celibato não pode depender meramente de uma derivação de uma pulsão sexual, mas, sim, ter o propósito de *transcender* o sexo, o que é bem diferente. O resultado dessa verdadeira conversão “não é a aversão puritana pelo sexo, mas sim a indiferença e a calma sentidas perante ele”. Tal resultado não pode ser conseguido, acredito eu, por obediência.

Se essa é a proposta mais claramente religiosa, há que convir ser ela para poucos, como, aliás, levanta Valle (2003):

o problema, no caso dos padres, possui uma dupla especificidade: a Igreja propõe a eles um ideal de vida que supõe a castidade celibatária por causa do reino. Ora, essa proposta só tem sentido, psicologicamente falando, para quem tem um nível razoável de maturidade psicoespiritual. O nó do problema é, portanto, saber se os padres são ou não emocional, afetiva e sexualmente integrados e se a dimensão da fé se insere ou não nesse arranjo de sua personalidade total.

Para muitos religiosos, essa proposta de celibato como transcendência está bastante distante da prática de suas vidas, de modo que não raro encontramos tentativas moralistas de lidar com o celibato. Afetos reprimidos não são afetos integrados e, por causa disso, tendem a provocar sofrimento e crises ou uma vida de aparências, com práticas sexuais escusas, culposas, dissociadas.

Como bem afirma Duffy (2006), é necessária uma formação integral e um trabalho pessoal que possibilitem o desenvolvimento de uma espiritualidade integradora da afetividade e da sexualidade, para não haver uma cisão entre a oração e a conduta. Às vezes, diz Duffy, uma cisão entre vida emocional e espiritualidade deriva de falta de conhecimentos sobre a própria sexualidade, percebida com temor e como tentação, o que faz a pessoa – em vez de escutar-se e discernir o que acontece em seu íntimo – fugir, negar ou criticar-se duramente pelo que está sentindo. Duffy, então, conclui que, se isso ocorre, a formação recebida antes não permitiu a internalização dos valores e o desenvolvimento das habilidades necessárias para viver a solitude e as demandas do ministério.

Optando pelo celibato, é possível a um padre vivê-lo como uma escolha consciente e livre, fundamentada em uma religiosidade intrínseca. Isso não quer dizer que, uma vez feita essa escolha, o padre já não terá problemas com relação a tal condição. A escolha pelo celibato não é algo que se faça uma única vez, mas trabalho que se realiza durante toda uma vida. É preciso “clarear a realidade de que o celibato é uma experiência difícil e cheia de tensão e que se supõe que seja difícil”. Isso porque “a realidade é que uma vida de castidade celibatária é inevitavelmente solitária, e essa solidão é o ponto mesmo do celibato, não um efeito secundário incômodo”.

Dlugos (2006) afirma ainda que é comum as pessoas de vida consagrada se sentirem “imen-samente aliviadas quando se dão conta de que a experiência de uma solidão dolorosa tem valor, sentido e propósito, em vez de ser um sinal de que são débeis, inadequados ou inaptos para o estilo de vida celibatário”.

O que indica a integração ou não da sexualidade para uma pessoa é o sentido que a sexualidade ocupa em sua vida, e isso independe da prática de relações sexuais. A vida sexual promíscua, por exemplo, não pode ser tida como integrada, por mais relações sexuais que a pessoa tenha, da mesma forma que a vida celibatária apenas por obediência extrínseca também não pode ser tomada como integrada.

Para Dlugos (2006), integração é “o processo que permite que todos os diversos aspectos da personalidade humana funcionem juntos, sem o domínio desordenado de um sobre os outros e sem o menoscabo de algum aspecto em relação a outros”. Quando me refiro a uma sexualidade integrada, estou falando de uma afirmação existencial: a pessoa que tem uma sexualidade integrada é a que pode dizer, com todas as letras e tomando posse de sua fala: “Eu sou um ser sexual, e isso é uma de minhas qualidades”. Esse é o ponto ao qual a psicologia pode, a princípio, ajudar o padre a chegar, para que então, e só então, faça maior sentido a discussão sobre *como* se é sendo um ser sexual, pois, como escreve May (1973), “somos incapazes de dar atenção a alguma coisa enquanto não pudermos de algum modo sentir um ‘eu-posso’ em relação a ela”. Reconhecer-se como ser sexual é uma das forças que possibilitam uma vida celibatária saudável e integrada, é um dos fundamentos da identidade sexual.

Outro aspecto da sexualidade, seja no que se refere ao celibato, seja no sentido mais amplo da sexualidade, é que ela sempre constitui uma vivência individual. Cada pessoa tem o seu jeito próprio e único de percebê-la e deve desenvolver seu jeito próprio e único de vivê-la. Assim é que, se para alguns a vivência do celibato é tarefa pouco trabalhosa, para outros é tarefa que demanda imenso trabalho, lutas dolorosas, difícil integração, enquanto para terceiros, ainda, é tarefa impossível.

Não podemos, no entanto, deixar de provocar debates acerca do celibato obrigatório, um de-

bate ao qual nenhum católico pode ficar alheio. Nas considerações acerca de sua pesquisa, Valle (2003) sugere que a questão do celibato deve “ser trabalhada com mais realismo e humildade no seio de toda a Igreja”. Ele completa:

(o celibato obrigatório) não pode mais continuar sendo objeto de interditos extrínsecos. O debate não pode se restringir à discussão só do lado “disciplinar” e “canônico” da questão. (...) Não é uma questão de “lei”. Contam aqui o carisma e a vocação pessoal. Os próprios padres precisam perceber que o essencial é se ajudar a chegar a uma “maestria” teologal (não a teológica!) da vivência da sua sexualidade, como ponte para uma espiritualidade que ajude o povo de Deus a viver esse dom com maior liberdade e responsabilidade.

3. A heterossexualidade e a homossexualidade

Robert Stoller (1993) diferencia os termos *sexo* e *gênero*. Sexo define biologicamente o macho e a fêmea; gênero diz respeito aos aspectos culturais e individuais dessa vivência, definindo o masculino e o feminino. A identidade de sexo é a consciência do sexo a que alguém pertence biologicamente; a identidade de gênero se refere aos aspectos culturais e individuais dessa consciência. A identidade sexual é a soma da identidade de sexo e a identidade de gênero.

Embora a homossexualidade não seja, por si, patologia, ela pode, tanto quanto a heterossexualidade, ser vivida de maneira patológica. É preciso considerar que há grandes diferenças, no que diz respeito à vivência da sexualidade, se a pessoa é um religioso homossexual ou heterossexual. Nesse aspecto, penso que a posição homofóbica da sociedade (e da maioria das instituições religiosas) é muito mais patológica que a própria homossexualidade.

Ao psicoterapeuta não compete tratar a orientação sexual de seu cliente buscando uma cura ou uma maneira universal e supostamente correta de viver a sexualidade; o que lhe compete é ajudá-lo a viver de maneira integrada sua sexualidade, respeitando sua originalidade e suas circunstâncias. A questão mais importante para o olhar do psicólogo é verificar como a pessoa a vivencia. A sexualidade está bem apossada como algo da pessoa, e não como algo que acontece

na pessoa? Qual é o nível de conforto da pessoa ao se ver como ser sexual? Como ela se sente sendo hétero, homo ou bissexual? Qual é o grau de confiança para tratar do tema? Como é a história dessa pessoa no desenvolvimento de sua identidade sexual? Que prazeres ela vive no que diz respeito à sua sexualidade? Como ela vive esses prazeres? Que incômodos vive no que diz respeito à sua sexualidade? Como vive esses incômodos? Como se relaciona a identidade sexual dessa pessoa com o todo que ela é?

Em psicoterapia, de maneira geral, a demanda dos clientes homossexuais é diferente da dos heterossexuais, e é sobre o trabalho com os homossexuais que quero discorrer com maior ênfase agora. A vivência da homossexualidade, em uma cultura homofóbica como a nossa, é, não raro, penosa e cheia de sofrimentos, que os heterossexuais não conhecemos, mas podemos compreender. A expressão dos afetos, os chistes, a falta de compreensão, entre outras questões, são obstáculos importantes para que alguns homossexuais consigam alcançar autoaceitação e bom ajustamento social. Por isso, importa muito não reduzir alguém à sua sexualidade, pois há o risco de perder de vista a pessoa como um todo, ou seja, tomar a parte pelo todo. Se procedemos assim, corremos o risco de repetir o erro de setores que pretendem que não haja homossexuais nos seminários ou no clero. Como afirma Duffy (2006), tal atitude desses setores da Igreja só pode provocar a existência de silêncio e repressão do tema: “quando a homossexualidade é um tabu, a regra de ‘não conte a ninguém’ aumenta a possibilidade de postergar o processo de integração sexual e, às vezes, a longo prazo, tem como resultado condutas não apropriadas”.

4. As patologias sexuais

A sexualidade não integrada pode direcionar-se para condutas patológicas, algumas das quais bastante graves e merecedoras de criterioso acompanhamento clínico. É bom conhecermos o mais claramente possível o que se deve e o que não se deve considerar como patologia sexual.

Revela-se importante não qualificar como patológico algo que é imoral. Patológico e imoral, em sexualidade humana, são coisas diferentes. A princípio, o patológico em sexualidade é: a) aquilo que repetidamente não está integrado e gera comportamentos, sentimentos ou pensamentos

compulsivos; b) aquilo que repetidamente provoca danos ou sofrimento na pessoa em questão e/ou naqueles que com ela convivem; c) formas de comportamento sexual que, de forma repetida, se caracterizam, além da compulsividade, por serem obrigatórias, únicas e extremamente necessárias. Variações sexuais não são desvios; um ato isolado não significa patologia; a delimitação do patológico ou saudável em sexualidade humana está circunscrita a contextos históricos, geográficos e culturais.

A patologia sexual pode ser entendida como resultado do empobrecimento do contato da pessoa consigo mesma e com seu meio, como sintoma de um processo de alienação de si recente ou antigo. Trata-se de sintomas importantíssimos, pois chamam a atenção e propõem um esforço no sentido da retomada do crescimento. Trata-se de sintomas de imenso significado e prenhes de sentido, que trazem em si importante mensagem, um pedido de socorro que deve ser ouvido com muito respeito e cuidado.

É preciso também atenção ao clima organizacional, que tem importante peso na vivência da patologia sexual. Esse clima, composto de aspectos estruturais e culturais da congregação ou da diocese, pode influir significativamente na saúde ou no sofrimento de um clérigo, chegando mesmo a exercer uma influência às vezes até maior que a própria personalidade ou os valores da pessoa. Não raro aquele que é tomado como o doente ou o problemático de uma congregação ou diocese nada mais é do que o porta-voz de um distúrbio da própria organização.

A formação da pessoa de vida consagrada é perene e depende de constante aprofundamento do contato com a própria humanidade. Parte fundamental desse contato é com a própria sexualidade, o diálogo – às vezes tão difícil – com esse aspecto seminal do próprio ser. Tal contato

será tão mais profícuo quanto mais pudermos debater, com liberdade, essas questões com o clero e entre o clero, com os fiéis e entre os fiéis.

* Ênio Brito Pinto é psicólogo graduado em 1979 pela PUC/RJ e psicopedagogo (Unip, 1994), além de mestre e doutor em Ciências da Religião pela PUC/SP. Com diversos artigos e capítulos em livros, é também autor de *Orientação sexual na escola – a importância da psicopedagogia nessa nova realidade* (Editora Gente, 1999) e *Sexualidade – um bate-papo com o psicólogo* (Paulinas, 2001), este traduzido para o espanhol e distribuído por toda a América Latina. É professor da UniFMU, no curso de Musicoterapia, e dos cursos de Educação e Terapia Sexual da Faculdade de Medicina do ABC. Psicoterapeuta de adolescentes e de adultos, vale-se em seu trabalho da fundamentação da Gestalt-terapia, além de dar palestras em diversas regiões do Brasil.

Bibliografia

- CHAUÍ, Marilena. *Repressão sexual, essa nossa (des)conhecida*. São Paulo: Círculo do Livro, 1990.
- DLUGOS, Raymond. Enfoques psicoterapêuticos a las dificultades afectivas y sexuales en sacerdotes y religiosas(os). *Humanitas: Revista de Investigación*, San José: Universidad Católica de Costa Rica, n. 2, 2006, v. 2, p. 68-86.
- DUFFY, Kevin Flaherty. Espiritualidad, afectividad e integración psicosexual en el acompañamiento de sacerdotes y religiosas(os). *Humanitas: Revista de Investigación*. San José: Universidad Católica de Costa Rica, n. 2, v. 2, 2006, p. 104-124.
- EVOLA, Julius. *A metafísica do sexo*. Lisboa: Afródite, 1976.
- HIRIART, Gonzalo M. *La vida sacerdotal en tiempos de cambio: trabajo, sentido de pertenencia, redes sociales y crisis en los sacerdotes chilenos hoy*. Santiago (Chile): Centro de Investigaciones Socioculturales, 2002.
- MAY, Rollo. *Eros e repressão: amor e vontade*. Petrópolis: Vozes, 1973.
- PINTO, Ênio Brito. *Gestalt-terapia de curta duração para clérigos católicos: elementos para a prática clínica*. 2007. Tese de doutorado – Núcleo de Ciências da Religião, PUC, São Paulo.
- STOLLER, Robert. *Masculinidade e feminilidade: apresentações do gênero*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- VALLE, João Edênio R. (Org.). *Padre, você é feliz?: uma sondagem psicossocial sobre a realização pessoal dos presbíteros do Brasil*. São Paulo: Loyola, 2003.
- _____. Sexualidade humana e experiência religiosa. *Revista de Estudos da Religião*. São Paulo, ano XXX, 2006, p. 66-84.

LITURGIA DIÁRIA DAS HORAS

A forma de oração cultivada e aprovada pela longa tradição da Igreja em formato que permite mais fácil acesso e manuseio para todo o povo cristão, de maneira a difundir e recuperar essa prática milenar. Os fascículos mensais trazem os dois principais momentos de oração diários: as Laudes (oração da manhã) e as Vésperas (oração da tarde).

Assinaturas: (11) 3789-4000 • assinaturas@paulus.com.br

ROTEIROS HOMILÉTICOS

(Também na internet: www.paulus.com.br)

Celso Loraschi*

5º DOMINGO DA PÁSCOA (2 de maio)

O AMOR: ESTATUTO
DA NOVA COMUNIDADE

I. INTRODUÇÃO GERAL

A fé em Jesus Cristo ressuscitado nos dá a certeza de sua presença no meio de nós. Ele nos oferece o caminho da plena realização humana, dando-nos o mandamento novo. Pelo amor uns aos outros, revelamos que somos discípulos de Jesus (evangelho). Ele nos amou primeiro, entregou sua vida pelo resgate da dignidade de todos os seres humanos. Essa boa notícia precisa ser acolhida e anunciada com entusiasmo. Todo discípulo é também missionário. O discípulo missionário vive e orienta sua vida comunitariamente (I leitura). Uma comunidade de amor torna-se espaço sagrado, pois aí mora Deus. Toda a humanidade é chamada a viver de modo a respeitar a presença de Deus, que, definitivamente, estabeleceu sua tenda no mundo. Sua presença transforma todas as coisas. A utopia de um novo céu e uma nova terra torna-se realidade (II leitura). Acolher essa verdade implica viver e promover novas relações entre nós, seres humanos, com a natureza e com todo o universo.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. Evangelho (Jo 13,31-33a.34-35): O estatuto da nova comunidade

Este texto está situado logo após o relato do lava-pés e do anúncio da traição de Judas. No lava-pés, durante a Ceia, Jesus dá o exemplo do

que significa amar. Respeita a liberdade do ser humano, mesmo que isso implique prejuízo da própria vida. Ele a entrega também para o seu traidor. O amor de Jesus não julga, não usa de violência nem condena. O fruto desse seu amor livre e radical consiste na salvação do mundo. Esse amor, puro dom, deve ser entendido e posto em prática por seus discípulos.

A glória de Deus manifesta-se em Jesus, seu Filho encarnado, que realiza em plenitude o projeto do Pai. O amor infinito de Deus é comunicado a toda a humanidade por meio de Jesus. O advérbio “agora” refere-se aos últimos acontecimentos da vida de Jesus. Paradoxalmente, em sua morte manifesta-se sua glória e a do Pai. Em 12,23-24 Jesus anunciara: “É chegada a hora em que será glorificado o Filho do homem. Em verdade, em verdade vos digo: se o grão de trigo que cai na terra não morrer, permanecerá só; mas, se morrer, produzirá muito fruto”. O “agora” (a hora de Jesus) supera o sentido cronológico, para indicar a maneira pela qual Jesus cumpre fielmente a missão a ele confiada pelo Pai. Ambos vivem em total intimidade, ambos são glorificados pela entrega da vida que Jesus faz, livre e conscientemente, em resgate da vida de todos (vv. 31-32).

Ao anunciar aos discípulos a sua partida iminente, Jesus enfatiza o que deve caracterizar a vida da comunidade de fé. O amor que ele manifestou, na fidelidade ao Pai, com todas as suas consequências, deve ser a nota distintiva dos seus seguidores. O novo mandamento do amor é a síntese de toda a Lei da Nova Aliança. Constitui o estatuto que fundamenta a comunidade cristã. É importante prestar atenção na partícula “como”. Amar como Jesus amou

é viver cotidianamente a atitude de serviço. Lembremo-nos que esse novo mandamento é formulado no contexto do lava-pés. O amor estende-se também aos inimigos. Mesmo traído por um membro do seu grupo íntimo, Jesus não entra no jogo da vingança, da violência e do ódio. Ele respeita a liberdade alheia e permanece em atitude de amor-serviço. Os discípulos estão convidados a amar como o Mestre.

2. I leitura (At 14,21b-27): O cuidado com a comunidade

O episódio situa-se no contexto da primeira viagem missionária de Paulo e Barnabé. Estão no caminho de volta para Antioquia da Síria, de onde partiram como delegados daquela comunidade cristã. Em cada local por onde passam, os missionários organizam uma Igreja, formada pelas pessoas que aderem à fé em Jesus Cristo. Sempre que possível, visitam as comunidades, para “confirmar o coração dos discípulos, exortando-os a permanecerem na fé”, mesmo no meio de conflitos de toda ordem. Designam “anciãos” (presbíteros), lideranças responsáveis pela animação da comunidade, tendo em vista a fidelidade ao evangelho aí anunciado. Em cada Igreja, estabelecem uma estrutura básica para assegurar a perseverança no caminho de Jesus.

Esse cuidado expresso pelos missionários revela profunda convicção da verdade anunciada, Jesus Cristo, o Salvador. Em vista desse anúncio, enfrentam todo tipo de tribulação. Atentando para a experiência vivida ao longo dessa primeira viagem, Paulo e Barnabé preocupam-se com os novos convertidos, a fim de que se mantenham fiéis à verdade que, de agora em diante, deve governar a vida da comunidade. Os recém-convertidos, certamente, ainda necessitam de uma catequese mais profunda, e, além disso, sua adesão ao novo caminho deve ter provocado incompreensões e até cisões na própria família. Outrossim, num mundo onde proliferavam doutrinas e filosofias diversas, como era o greco-romano, faziam-se necessárias orientações claras para que o evangelho não fosse deturpado ou manipulado.

Viver na fidelidade a Jesus Cristo é como “remar contra a corrente” das ideologias dominantes. A fidelidade à Verdade pode provocar tribulações. O sofrimento, porém, longe de levar ao desânimo, deve tornar o discípulo ainda mais

fortalecido em sua opção pelo reino de Deus. Para isso, a oração em comum e a solidariedade fraterna são fundamentais.

3. II leitura (Ap 21,1-5a): Um novo céu e uma nova terra

Este texto tem ligação com os primeiros capítulos do Gênesis. Refere-se a uma nova criação. É o anúncio da era messiânica. A antiga ordem, alicerçada no mal, passará. O mar, morada do dragão da maldade, vai desaparecer. Não se trata, logicamente, do mar físico, mas do símbolo do caos construído pelos que seguem o projeto de Satanás – que, no caso das comunidades do Apocalipse, se refere ao império romano.

Esta nova ordem social – o novo céu e a nova terra – é fruto da intervenção divina. O Criador de todas as coisas, conforme descrito no início do primeiro livro da Bíblia, é também aquele que renova todas as coisas, conforme descreve o último livro. Ambos os relatos não se opõem, mas completam-se. O relato do Gênesis revela o rosto de Deus criador, que convive com suas criaturas e dialoga com o ser humano; do mesmo modo, o Apocalipse resgata essa feliz realidade da presença de Deus que recria e transforma.

A tenda definitiva nesta cidade santa – a Jerusalém nova – relembra a ação de Javé na caminhada do êxodo, conduzindo o povo de Israel para longe da escravidão do império egípcio. Agora, as comunidades cristãs, em meio à violenta opressão do império romano, iluminadas pela manifestação de Deus na tradição judaico-cristã, vislumbram a certeza da libertação definitiva.

O mundo sem males sempre motivou a caminhada do povo de Deus, sobretudo em contextos sociopolíticos caracterizados pelo autoritarismo, pela escravidão e pela exclusão da maioria. A monarquia israelita e os diversos domínios externos (babilônico, persa, grego e romano) são demonstrações mais que suficientes do poder do mal. Apesar de sua força e de suas pretensões, não poderão, porém, impedir a vinda do novo tempo da justiça e da paz. A tradição profética, de maneira especial, levantou continuamente a perspectiva da esperança militante, animando o povo à fidelidade à aliança (cf., por exemplo, Jr 31,31-34 e Is 65,17-25). Mas, sempre que essa fidelidade é rompida, Deus demonstra sua justiça e sua misericórdia, oferecendo gratuitamente a salvação. A expressão máxima da salvação

divina revelou-se em seu Filho, Jesus Cristo, o Cordeiro que tira o pecado do mundo.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Jesus, antes de formular o estatuto da nova comunidade – o mandamento do amor –, viveu exemplarmente. O lava-pés caracteriza-se como a atitude-síntese de toda a vida de Jesus: ele veio para servir e não para ser servido. Seu testemunho de vida se dá junto à pequena comunidade constituída pelos apóstolos; eles deverão viver esse mandamento como condição para serem reconhecidos como seguidores de Jesus. Como fez o Mestre, os discípulos são chamados à opção radical pelo amor até a extrema fidelidade: dar a vida por quem se ama. Nisso consiste a glória de Deus.

Paulo é um dos que optaram por esse amor radical. Como discípulo missionário, pôe-se a serviço da organização e da animação de comunidades cristãs. Participa de uma comunidade concreta – Antioquia da Síria – e é enviado com Barnabé para a missão. Ambos enfrentam todo tipo de conflitos e tribulações, mas não se deixam abater, pois são movidos por profunda convicção de fé. O sofrimento por causa da fidelidade ao evangelho pode ser importante fator que nos faz sair da superficialidade e entender o verdadeiro significado do seguimento de Jesus.

As comunidades do Apocalipse dão seu testemunho de fé e esperança no meio da opressão do império romano. Ligando a realidade com a Sagrada Escritura, professam sua fé na presença permanente e dinâmica de Deus, que fez sua tenda no meio de nós e renova todas as coisas.

Enfrentamos hoje muitos desafios. Também nós, como discípulos missionários de Jesus, somos convidados a manter a fidelidade ao mandamento do amor em forma de solidariedade e apoio mútuo, em serviços concretos a partir da nossa comunidade de fé. A certeza da presença de Deus em nosso meio nos faz colaborar com sua graça na construção de um mundo justo e fraterno.

- Ao refletir sobre o amor como o estatuto da comunidade, podem-se recordar as prioridades pastorais na paróquia, pois são expressões concretas do nosso amor diante dos desafios da realidade em que vivemos...

6º DOMINGO DA PÁSCOA (9 de maio)

A HUMANIDADE NOVA,
MORADA DE DEUS

I. INTRODUÇÃO GERAL

Quem ama Jesus ouve sua palavra. Meditada e praticada em comunidade, a Palavra produz muitos e bons frutos. O Espírito Santo, dom de Deus, recorda aos discípulos tudo o que o Mestre ensinou. Uma comunidade que ama é, por excelência, o espaço sagrado, pois nela habita a Trindade. Onde mora Deus, há a verdadeira paz (evangelho). O Espírito Santo também inspira e fortalece os discípulos de Jesus para continuarem sua missão. Como anunciadores da verdade do evangelho, encontram oposições por parte dos que seguem as propostas do mundo. A paz de Deus é diferente da paz que o mundo dá. A paz de Deus não é ausência de conflitos. No dinamismo do Espírito Santo, os seguidores de Jesus precisam encontrar-se, dialogar, discernir e decidir pelo melhor caminho (I leitura). As comunidades cristãs são convidadas a acolher a “nova Jerusalém”, a cidade da paz, que desce do céu, fruto da graça divina e da fidelidade dos que ouvem sua palavra. É a nova humanidade, cujos alicerces se encontram no testemunho dos apóstolos, os quais viram, acolheram e transmitiram a palavra da vida: Jesus Cristo morto e ressuscitado (II leitura). Iluminados e encorajados pelo mesmo Espírito Santo, continuamos a testemunhar a fé em Jesus, reunindo-nos para rezar, para comungar a palavra-eucaristia, para dialogar, discernir e viver o amor, conscientes de que a Trindade fez sua morada no meio de nós.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. Evangelho (Jo 14,23-29): Ser humano, morada de Deus

A redação do Evangelho de João se dá ao redor do ano 100. Constitui-se numa reflexão pós-pascal das comunidades joaninas. O texto deste domingo faz parte do discurso de despedida de Jesus junto aos seus discípulos. Percebe-se íntima relação entre Jesus e Moisés. Assim como Moisés fora enviado para guiar o seu povo rumo à terra prometida, Jesus foi enviado por Deus para dar a vida à humanidade. Assim como Deus se manifestou no Êxodo por meio de dez sinais,

Jesus realiza sete sinais libertadores. Assim como Deus revelou, por meio de Moisés, os Mandamentos como estatutos para o povo de Israel, Jesus revela o Mandamento do Amor, estatuto do novo povo de Deus, conforme o texto do domingo passado.

Há, porém, uma novidade radical, sintetizada no texto da liturgia de hoje. É fruto da experiência de fé, ao longo da caminhada das comunidades joaninas, que iluminou a compreensão da pessoa e da proposta de Jesus: ele e o Pai vivem intimamente unidos. O que Jesus diz e faz é a própria expressão de Deus Pai. Jesus e o Pai são UM. A intimidade amorosa entre ambos estende-se às pessoas que praticam o amor. Nelas Deus faz sua morada. O mesmo foi dito do Espírito Santo (v. 17). Então, a pessoa que crê torna-se morada da Trindade. Cumpre-se a antiga promessa da habitação de Javé no meio de seu povo: “Estabelecerei a minha habitação no meio de vós e não vos rejeitarei jamais. Estarei no meio de vós, serei o vosso Deus e vós sereis o meu povo” (Lv 26,11s). Em João, porém, é ainda mais profundo: a habitação divina não se dá apenas “no meio”, mas “dentro”. É uma experiência única e maravilhosa.

A comunidade cristã, portanto, é a expressão viva de Deus-Amor. As pessoas participantes ouvem a sua palavra, que é o próprio Jesus feito carne, presente no meio delas. O Espírito Santo, dom do amor de Deus, recorda todos os ensinamentos de Jesus. Como ouvintes e praticantes da Palavra, unidas na fé e no amor, as comunidades cristãs transformam-se num espaço da paz e da alegria de Deus. O termo “paz”, na Bíblia, expressa a síntese dos bens necessários para uma vida plena, tanto temporais como espirituais.

2. I leitura (At 15,1-2.22-29): Conflitos fazem parte da caminhada

Após a primeira viagem missionária, Paulo e Barnabé permaneceram algum tempo na comunidade cristã de Antioquia da Síria. Ela se tornou importante centro irradiador da proposta cristã. A experiência que trouxeram da viagem foi partilhada e meditada na comunidade. O principal ponto polêmico levantado por Lucas, neste texto, é a questão da circuncisão. Trata-se de polêmica suscitada por judeu-cristãos que manifestam ainda muita dificuldade de desvincular-se da lei judaica como constitutiva da

salvação. Alguns deles se deslocam de Jerusalém para Antioquia a fim de pregar a obrigatoriedade da circuncisão como manifestação de fidelidade à Lei de Moisés. A seu ver, somente assim se poderia obter a salvação.

Paulo e Barnabé, missionários junto às nações, não concordam com essa obrigatoriedade, pois a verdadeira fonte de salvação é Jesus Cristo. Com tal convicção dirigem-se à Igreja-mãe, Jerusalém. O conflito é evidente. Para discernir qual o caminho a ser seguido, é convocada uma assembleia. Realizou-se, então, o que é normalmente conhecido por “Concílio de Jerusalém”. Estamos no ano 49.

O relato de Lucas tem a preocupação de mostrar a disposição dos participantes desse “concílio” para salvar a unidade da Igreja. Percebe-se isso, especialmente, pela acolhida mútua e carinhosa entre os representantes da Igreja de Antioquia e os de Jerusalém. A unidade vem junto com a preocupação de inclusão de toda a gente, pois a salvação que Jesus trouxe é para todos os povos. O decreto final determina a abstenção de algumas atitudes que feriam profundamente a fé judaica: das “carnes sacrificadas aos ídolos”, pois isso significaria participar dos cultos pagãos, o que seria um sacrilégio; do “sangue e das carnes sufocadas”, pois o sangue expressa a própria vida, que só a Deus pertence (por isso, ao ser sacrificado, o sangue do animal deveria ser totalmente derramado – cf. Lv 1,5); das “uniões ilegítimas” (cf. Lv 18). Transparece claramente, nas decisões da assembleia, uma estratégia pastoral com o objetivo mais alto: proporcionar a acolhida do evangelho da salvação por todas as culturas.

3. II leitura (Ap 21,10-14.22-23): A nova humanidade

Os dois últimos capítulos do Apocalipse apontam para a nova criação, em que já não há lugar para a maldade. O texto da liturgia deste domingo relata essa visão utópica que se dá num alto monte. Na tradição judaica, a montanha carrega um significado simbólico de muita importância. Basta lembrar a concessão dos Mandamentos a Moisés e a morte salvadora de Jesus. Também a Jerusalém histórica se situa no monte Sião.

O alto monte contrasta com o deserto para onde o visionário João havia sido levado anteriormente (cf. 17,3). Enquanto o deserto é, sim-

bolicamente, a morada da meretriz, a montanha é o lar da Noiva de Cristo, a nova Jerusalém constituída pelo povo justo. A meretriz representa a “Babilônia”, nome simbólico de Roma, promotora da morte e da destruição. A nova Jerusalém é a cidade perfeita que desce do céu trazendo a própria glória de Deus. A muralha, grossa e alta, tendo os anjos como guardas, está totalmente protegida e segura.

O número doze é articulado no texto como expressão da nova realidade da qual participa o novo povo de Deus. É o número da perfeição teocrática que lembra as doze tribos de Israel, os doze apóstolos e, por extensão, o povo fiel a Jesus Cristo. Esse número cruza-se com o número três, referindo-se quatro vezes às portas abertas para os quatro cantos do mundo. É, portanto, a realidade-síntese de um mundo novo.

A cidade perfeita é dom de Deus. Nela já não há templo, pois toda ela é habitação divina. Essa perspectiva teológica do Apocalipse aponta para a realização plena do desígnio de Deus inaugurada com a vinda de Jesus, o Messias. Ele é o Cordeiro: a lâmpada que ilumina a cidade. A situação da humanidade transformou-se. Seu relacionamento com Deus se dá de forma íntima, perfeita e definitiva. A aliança é plenamente acolhida e vivida com fidelidade.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

A utopia do “novo céu e da nova terra” exerceu um papel de resistência, de coragem e de perseverança nas comunidades cristãs do Apocalipse. As violentas perseguições pelas quais passaram as pessoas discípulas de Jesus, por causa do testemunho de fé em Jesus Cristo, desafiaram a sua fidelidade. Muitas foram mortas. O seu martírio, porém, é o sinal por excelência que ilumina e confirma o caminho do seguimento de Jesus.

O testemunho dos primeiros cristãos nos interpela profundamente. A fidelidade aos valores evangélicos permanece como caminho para um mundo novo. É neste mundo onde vivemos que Deus deseja estabelecer sua morada. Tudo, então, torna-se sagrado. Quando nossas palavras e nossas ações respeitarem a presença de Deus em cada ser humano, na natureza e em toda a sociedade, o mundo será outro...

No evangelho, Jesus anuncia e garante a presença de Deus Trindade nas pessoas que o amam

e ouvem a sua palavra. Desta verdade decorre o nosso compromisso de contemplar cada pessoa como morada de Deus e, portanto, respeitá-la em sua dignidade. Daí decorre também o nosso compromisso de proteger e promover a vida em todas as suas dimensões. Como faz a mãe (hoje se comemora o “dia das mães”) com relação aos seus filhos, amando-os sem discriminação, dando prioridade àquele que mais necessita, somos todos convidados a adotar esse mesmo jeito de amar em nossa comunidade e na sociedade por meio da participação nas pastorais, movimentos, organizações...

Por isso, iluminados pelas atitudes dos primeiros discípulos e missionários, reunimo-nos em comunidade para celebrar, realizar encontros e assembleias para discernir e decidir o que fazer, tendo em vista a vida digna sem exclusão...

- Podem-se valorizar os diversos momentos de reuniões, encontros, celebrações, estudos e assembleias que se realizam na paróquia (e em outros espaços), bem como refletir sobre a importância da participação neles como Igreja viva que somos...

ASCENSÃO DO SENHOR (16 de maio)

MISSÃO DE JESUS: MISSÃO DOS DISCÍPULOS

I. INTRODUÇÃO GERAL

Os relatos da ascensão do Senhor não querem indicar o afastamento de Jesus deste mundo. Querem, sim, revelar plenamente quem é Jesus, conforme já anunciado nas Sagradas Escrituras: o Messias sofredor que é glorificado. Revelam também que a missão de Jesus deve ser continuada pelos seus discípulos. Em nome dele, a boa notícia do perdão dos pecados, mediante o arrependimento, deverá ser proclamada a todas as nações. O Espírito Santo, promessa de Deus, é a força do alto que revestirá os discípulos missionários. Sem essa força, prevalecem os interesses próprios e as ambições de poder. Confessar a fé em Jesus que morreu, ressuscitou e subiu ao céu é voltar o olhar para a realidade deste mundo e comprometer-se com sua transformação (evangelho e Atos). Sejam dadas honra e glória a Deus, pois nos ama de maneira humilde e criativa. Sua

grandeza e seu amor revelam-se plenamente em Jesus Cristo. O seu Espírito abre a nossa mente para que possamos conhecê-lo verdadeiramente. E nos chama a participar do Corpo Místico, a Igreja, cuja cabeça é Cristo, o qual está acima de todo poder (II leitura). Esta unidade precisa ser conservada e cultivada em cada comunidade e também entre as Igrejas cristãs, pois as divisões entre os membros do mesmo corpo impedem a vida digna e saudável.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

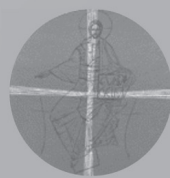
1. Evangelho (Lc 24,46-53): A bênção de Jesus

O Evangelho de Lucas e os Atos dos Apóstolos são dois volumes da mesma obra. Tanto no final do Evangelho como no começo do livro de Atos consta o relato da ascensão de Jesus, de formas diferentes. Originalmente, como muitos estudiosos defendem, não havia dois volumes, mas, sim, uma unidade, com apenas um relato da ascensão (o que se encontra em Atos). O que importa aqui, porém, é o sentido teológico dos dois relatos, assim como se encontram na Bíblia.

No Evangelho de Lucas, percebemos que todos os fatos acontecidos após a morte de Jesus se realizam no mesmo dia. Em Atos, Jesus ressuscitado permanece 40 dias entre seus discípulos, ensinando-lhes coisas referentes ao reino de Deus. Teologicamente, o tempo de um dia ou de 40 dias tem o mesmo significado: é o tempo propício concedido aos discípulos para serem testemunhas qualificadas de Jesus Cristo ressuscitado. Esse testemunho inaugura um novo tempo e deverá ser irradiado para o mundo inteiro. Para essa missão eles precisam ser preparados.

É por isso, então, que Lucas enfatiza a preocupação de Jesus em “abrir a mente” (v. 45) dos discípulos a fim de que entendam as Escrituras. Aprofunda a tarefa catequética de Jesus, já demonstrada no episódio dos dois discípulos a caminho de Emaús (24,13-35). Parece insistir na necessidade de uma retomada dos textos do Primeiro Testamento à luz do evento Jesus de Nazaré. Assim, tudo ficará esclarecido a respeito do Messias, o Salvador.

De fato, entre os apóstolos, bem como entre as comunidades cristãs, o processo de entendimento da pessoa de Jesus e de adesão profunda ao seu projeto não foi tão tranquilo como se



RIBEIRO COMUNICAÇÃO

A SOLUÇÃO EM SONORIZAÇÃO PARA IGREJAS



INSTALAÇÃO
ASSISTÊNCIA TÉCNICA
MANUTENÇÃO

INFORMAÇÕES E CONTATOS

Ribeiro & Nunes Ltda

Tel. (11) 3571 6039

(11) 7154 3484

ribeirocomunicacao@terra.com.br

pode pensar à primeira vista. É o que se percebe pelas reações dos discípulos diante das aparições de Jesus ressuscitado: os de Emaús caminham um longo trecho sem reconhecê-lo, pois eram “lentos de coração para crer no que os profetas anunciaram” (24,25); ao apresentar-se aos onze, desejando-lhes a paz, eles ficaram “tomados de espanto e temor, imaginando que fosse um espírito”, além de “perturbados e cheios de dúvidas em seus corações”, a ponto de Jesus insistir para que o apalpassem e entendessem... (cf. 24,36-40).

Diante dessas dificuldades, Jesus lhes anuncia o que o Pai prometeu: a força do alto. Enquanto isso não acontece, pede-lhes que permaneçam em Jerusalém, que, para Lucas, tem uma importância teológica muito especial, pois aí se deu o acontecimento salvador mediante a morte e ressurreição de Jesus. A partir desse espaço, a proclamação do arrependimento e da remissão dos pecados atingirá o mundo inteiro: é a boa notícia da salvação oferecida a toda a humanidade.

Lucas, porém, distingue a Jerusalém teológica da cidade em seu sentido político-econômico, com suas instituições opressoras. Não é por acaso que Jesus os tira desta cidade e os leva a Betânia. Isso lembra o êxodo do povo de Israel, tirado da escravidão do Egito. É em Betânia que ele os abençoa enquanto se eleva ao céu. As pessoas aí abençoadas tornar-se-ão portadoras da bênção divina a todos os povos.

2. I leitura (At 1,1-11): A exaltação de Jesus

O prólogo de Atos dos Apóstolos faz ligação com o início do Evangelho de Lucas, esclarecendo que se trata da continuação da obra endereçada ao mesmo destinatário, Teófilo (etimologicamente “amigo de Deus”), o qual, no plano simbólico, pode representar a comunidade cristã. Enquanto o primeiro volume tratou da vida de Jesus Cristo, o segundo vai ocupar-se da vida da Igreja, guiada pelo Espírito Santo. Ela está intimamente ligada à vida e à missão de Jesus, bem como à história de Israel, representada pelo seu centro religioso, Jerusalém, e pelo cumprimento da promessa anunciada na Sagrada Escritura.

O cristianismo tem suas raízes no judaísmo. Não há ruptura entre Israel e a Igreja: há continuidade. O testemunho dos apóstolos deverá

percorrer uma trajetória sempre mais ampla, partindo de Jerusalém até os confins do mundo (1,8). Para isso, deverão antes mergulhar na experiência do Espírito Santo, que descerá sobre eles no dia de Pentecostes.

Para a narrativa da ascensão em Atos, Lucas inspira-se em passagens do Primeiro Testamento, como o arrebatamento de Elias aos céus (2Rs 2,1-18). Eliseu, discípulo de Elias, por testemunhar o arrebatamento do seu mestre, recebe “dupla porção” do seu espírito e torna-se o continuador da missão profética; como testemunhas oculares da ascensão de Jesus, seus discípulos receberão o Espírito Santo para continuar a sua obra. Os dois homens vestidos de branco são os mesmos de Lc 24,4, que anunciam às mulheres a ressurreição de Jesus e as fazem recordar as palavras por ele ditas. Aqui, em Atos, eles recordam aos discípulos a verdade da ascensão.

Ressurreição e ascensão são dois momentos que exprimem o novo modo de ser de Jesus: aquele que foi obediente ao Pai até a morte é glorificado e exaltado, mas permanece na comunidade. O transcendente manifesta-se na história humana.

3. II leitura (Ef 1,17-23): Jesus, cabeça da Igreja

A carta aos Efésios, com muita probabilidade, é fruto da reflexão das comunidades fundadas por Paulo. Escrita ao redor do ano 90, enfatiza o projeto de salvação de Deus para todos os seres humanos. O texto de hoje, num estilo litúrgico, apresenta a figura de Jesus glorioso como aquele que tem a soberania sobre toda a criação, está acima de toda autoridade e de todo poder.

O conhecimento de Deus dá-se por sua graça. É ele que nos concede “o espírito de sabedoria e de revelação”; é ele que “ilumina os olhos do coração” para compreendermos “a extraordinária grandeza do seu poder para nós” manifestada em seu Filho, Jesus Cristo. A ressurreição e a ascensão de Jesus são aqui lembradas como sinais que revelam a glória e a soberania de Jesus em tudo e em todos.

O discernimento da verdade a respeito de Jesus estende-se à verdade sobre a Igreja: formamos o Corpo Místico, cuja cabeça é Cristo. Ao mesmo tempo em que está sujeita à autoridade de Jesus Cristo, a Igreja vive intimamente unida a ele. É uma união vital, pois sem a cabeça não existe corpo e não existe vida.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

A ascensão de Jesus não significa que ele tenha ido embora para retornar no final dos tempos. Na verdade, ele é exaltado, mas permanece no meio de nós. Os olhos da fé o veem perfeitamente e o coração dos que acreditam o acolhem com amor e gratidão.

Jesus Cristo e a Igreja formam um corpo. Ter essa consciência implica cuidar uns dos outros com muito carinho e respeito. Significa responsabilizar-se pela promoção da vida, dando prioridade aos membros que sofrem. Significa acolher os que são diferentes, sem julgamentos superficiais, mas exercitando o diálogo e a mútua compreensão.

Nesta semana, situada entre as festas de Ascensão e Pentecostes, celebra-se no Brasil a “semana de oração pela unidade dos cristãos”, com o tema: “Vós sois testemunhas destas coisas” (Lc 24,48). Participar desse grande mutirão em favor da unidade das Igrejas cristãs é expressão concreta de pertença ao Corpo de Jesus e de edificação do seu reino de fraternidade no mundo.

- É uma boa oportunidade de lembrar os nomes das Igrejas cristãs que possuem comunidades no espaço geográfico da paróquia ou da região. Durante a semana, pode-se celebrar um culto ecumênico e/ou outras iniciativas com as Igrejas que desejarem. Para informações sobre a semana de oração e ecumenismo: <www.conic.org.br>.

PENTECOSTES (23 de maio)

ESPÍRITO SANTO: DOM DE DEUS
PARA A VIDA DO MUNDO

I. INTRODUÇÃO GERAL

A vinda do Espírito Santo sobre os discípulos é o cumprimento da promessa de Jesus: “Recebereis uma força, a do Espírito Santo que descenderá sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e Samaria, e até os confins da terra” (At 1,8). É, portanto, em vista da irradiação universal do testemunho de Jesus Cristo que a graça do Espírito nos é dada. Todo discípulo é também missionário. A missão deve atingir todos os povos, pois a salvação oferecida

gratuitamente por Deus é universal (I leitura). Jesus mesmo é o missionário do Pai e é quem envia os discípulos: “Como o Pai me enviou, também eu vos envio” (Jo 19,21). Soprando sobre eles, concede-lhes o dom do Espírito juntamente com o poder de perdoar pecados. O Espírito, então, liberta-nos de tudo o que impede a graça de Deus de atuar em nós (evangelho). É pelo Espírito Santo que reconhecemos a Jesus Cristo como Senhor e salvador. É ele quem nos une num só corpo e distribui os dons diversos para a edificação da comunidade (II leitura). A graça divina nos é concedida em abundância. Somos convidados a acolhê-la e fazê-la frutificar.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (At 2,1-11): O Espírito Santo, dom de Deus

Pentecostes, originalmente, entre os israelitas, era a festa da colheita (cf. Ex 34,22). Era celebrada num clima de muita alegria e de ação de graças. Posteriormente passou a ser a comemoração do aniversário da promulgação da Lei de Deus no monte Sinai. Lucas, ao descrever o Pentecostes cristão, reinterpreta essa festa como o momento propício não mais da concessão da Lei, mas da graça do Espírito Santo. Os símbolos do furacão e do fogo lembram a teofania no Sinai. Numa casa, em Jerusalém, estão reunidos em oração os apóstolos, “algumas mulheres, entre as quais Maria, a mãe de Jesus, e os seus irmãos” (At 1,14). O tempo da espera se completou e a promessa de Jesus se cumpre.

Os judeus da diáspora acorrem a Jerusalém, “vindos de todas as nações que há debaixo do céu”. Estão aí para celebrar a festa, fiéis à sua tradição religiosa. Tornam-se testemunhas da efusão do Espírito Santo sobre a comunidade dos discípulos e discípulas de Jesus. O acontecimento de Pentecostes quer mostrar a continuidade com a história de Israel. O Deus que se revelou aos antepassados é o mesmo que se revela em Jesus Cristo e se dá a conhecer ao mundo inteiro.

Lucas enumera ainda a presença de vários povos, do oriente e do ocidente, representantes de todas as nações. A palavra do evangelho deverá alcançar a todos. Em suas próprias línguas ouvirão o anúncio das maravilhas de Deus. Portanto, o dom do Espírito tem, essencialmente, uma finalidade missionária. A comunidade de

Jerusalém é o ponto de partida para a difusão da fé cristã; é a mãe de todas as comunidades cristãs. Por isso, vai ser caracterizada como a comunidade ideal (cf. 4,32-35). Com base nesse modelo, em círculos sempre mais amplos, a Palavra será disseminada universalmente.

O Espírito Santo é o principal protagonista da evangelização. É quem garante a unidade da fé em Jesus Cristo na diversidade de línguas e culturas. Como podemos constatar no conjunto do livro de Atos dos Apóstolos, os discípulos, após a experiência transformadora do Espírito, enchem-se de ousadia e coragem e lançam-se nesta tarefa profética de testemunhar a fé no Salvador, Jesus Cristo. Vários deles até ao martírio.

2. Evangelho (Jo 20,19-23): A paz, dom do Ressuscitado

O texto se inicia indicando o dia em que Jesus ressuscitado se manifestou aos discípulos. O primeiro dia da semana tem ligação com o primeiro dia da criação. Portanto, a ressurreição de Jesus marca uma nova criação. A situação em que se encontram os discípulos, trancados e com medo, será transformada com a presença de Jesus no meio deles. A alusão à hora do dia (ao anoitecer) guarda relação com o momento em que os discípulos enfrentam forte tempestade na travessia do mar. Jesus vem ao seu encontro, caminhando sobre as águas, e manifesta seu poder de salvação (cf. 6,16-20). Percebe-se que João retrata a situação em que se encontram as comunidades cristãs ao redor do ano 100: atemorizadas e escondidas devido à hostilidade e perseguição tanto da parte do império romano como de grupos judaicos.

Jesus jamais abandona os seus, como havia prometido: “Não vos deixarei órfãos” (14,18). Ele se põe no meio deles como o doador da paz. A fé em Jesus, presente no meio da comunidade, garante a superação do medo e da insegurança que estagnam. Ele é o centro ao redor do qual se forma a comunidade. Ele é o fator de união e de garantia da paz. Já havia anunciado em seu discurso de despedida, antes de sua morte: “Eu vos disse essas coisas para terdes paz em mim. No mundo tereis muitas tribulações, mas tende coragem: eu venci o mundo” (16,33).

Ao mostrar-lhes as mãos e o lado, Jesus lhes revela os sinais de seu amor vitorioso. Nenhuma força será capaz de destruir a vida, pois a morte

foi vencida definitivamente. Ao verem o Senhor, os discípulos enchem-se de alegria e recobram o ânimo.

A paz, a alegria e a coragem deverão acompanhar os apóstolos na missão que recebem do Senhor Jesus. Deverão seguir o exemplo do Mestre, que cumpriu fielmente a missão recebida do Pai. A fidelidade à missão, porém, não se deve à boa vontade dos enviados. Deve-se, sim, à ação do Espírito Santo. O sopro de Jesus sobre os discípulos lembra o sopro de Deus nas narinas do primeiro ser humano, infundindo-lhe a vida. O Espírito cria uma nova condição: a vida divina nos discípulos lhes garante a capacidade de amar como Jesus amou. É um amor que liberta o mundo de todo o pecado, o qual, para João, representa a ordem social baseada na opressão e na injustiça. O Espírito Santo que age por meio dos seguidores de Jesus oferece todas as condições para o estabelecimento da paz, da justiça e da fraternidade no mundo.

3. II leitura (1Cor 12,3b-7.12-13): Diversos serviços, um só Espírito

Paulo, ao escrever à comunidade cristã de Corinto, intenta orientá-la nas questões ainda não bem esclarecidas que estão causando conflitos no meio dela. Uma dessas questões refere-se aos dons do Espírito Santo. Para isso o apóstolo dedica os capítulos 12 a 14. O texto da liturgia de hoje enfatiza que a diversidade de dons, ministérios e modos de ação provém da Trindade santa: do mesmo Espírito, do mesmo Senhor e do mesmo Deus que realiza tudo em todos. De Deus provém somente o que é bom para os seus filhos e filhas. A diversidade revela a magnanimidade e a criatividade divinas.

A graça de Deus não pode ser acolhida de forma egoísta. Por isso, todo dom ou carisma desdobra-se em serviços concretos em favor do bem comum. Não importa o tipo de ministério, pois, sendo graça divina, todos têm a mesma importância. Daí decorre a atitude de serviço humilde e solidário. Cada ação deve estar ligada ao conjunto das demais. O que deve projetar-se não é a figura da pessoa que serve. Isso seria utilizar os dons de Deus, que é Amor, em proveito próprio. O que deve brilhar é o projeto comum, que, no caso de uma comunidade cristã, é o mesmo projeto de Jesus. No Espírito reconhecemos que ele é nosso Senhor e com ele formamos um só corpo.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

A festa de Pentecostes nos oferece a oportunidade de reconhecer o dom do Espírito Santo em cada pessoa e na comunidade. Quem o acolhe tem todas as condições de vencer a timidez, o medo, a tristeza, o desânimo e a solidão. Em cada um de nós, a partir do batismo, existe essa força do alto que nos enche de autoestima e nos impulsiona a fazer o bem, do mesmo modo como Jesus fez. O Espírito Santo nos impulsiona a participar ativamente na comunidade, leva-nos ao engajamento em serviços diferentes e ao compromisso de transformar as realidades de pecado e de morte. Ele nos dá a capacidade de diálogo entre nós, com as diversas Igrejas e as diversas culturas. É para a vida em abundância que Deus nos chamou. Nós respondemos afirmativamente, pois acreditamos no mesmo sonho de Jesus.

Ao redor de Jesus ressuscitado se organiza a comunidade cristã. Sua presença é garantia de união, de paz, de alegria e de segurança. Como seus discípulos missionários, vivemos e anunciamos seu amor e seu perdão. A realidade de egoísmo, de opressão e de todas as formas de injustiça será transformada se nos amarmos como Jesus nos amou.

Portanto, o empenho pela promoção da unidade no mesmo projeto de vida digna para todas as pessoas é sinal concreto de adesão a Jesus. A acolhida e a contemplação das diversas expressões religiosas e culturais colaboram para um mundo de paz, dom de Jesus ressuscitado. A valorização dos diferentes ministérios, exercidos com amor, é expressão de louvor e gratidão a Deus, fonte de todas as graças.

- A celebração da festa de Pentecostes pode ser um bom momento de valorização dos diversos ministérios exercidos na comunidade. É oportuno para a renovação deles, juntamente com a bênção da comunidade sobre os ministros e ministras...

SANTÍSSIMA TRINDADE (30 de maio)

A COMUNIDADE DIVINA: MODELO PARA A COMUNIDADE HUMANA

I. INTRODUÇÃO GERAL

A fé em Deus Trindade nos leva a reconhecer a beleza e a profundidade da realidade humana.

Deus é UM em três pessoas, mistério de amor e comunhão, perfeita unidade na diversidade. A comunidade humana encontrará a sua verdadeira realização à medida que buscar conviver numa relação de igualdade entre todos os seus membros, respeitando as diferenças. Pela fé tivemos acesso a essa revelação. Pela fé conhecemos a Deus e entramos na sua intimidade. O caminho que nos conserva na comunhão com Deus e com os irmãos é o da sabedoria. Ela é a primeira de todas as obras divinas, a que orienta o destino de tudo e de todos (I leitura). Dessa relação íntima com Deus e com o próximo provêm a paz, a perseverança nas tribulações e a firmeza no amor, derramado em nossos corações pelo Espírito Santo (II leitura). Ele nos dá a conhecer toda a verdade revelada em Jesus Cristo (evangelho). Essa certeza nos faz assumir com convicção e destemor a missão de testemunhar, no meio deste mundo, o amor que torna possível a inclusão de todos os seres numa sociedade justa e fraterna, imagem e semelhança da Trindade santa.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. II leitura (Rm 5,1-5): A esperança não decepciona

Um dos temas prioritários que Paulo se dedica a aprofundar, especialmente na carta aos Romanos, é o da justificação pela fé. Para ele, não é o cumprimento das leis nem qualquer obra humana que nos tornam justos diante de Deus. Se assim fosse, a justificação teria por base os méritos pessoais. Paulo parte da premissa de que todos somos radicalmente pecadores e, portanto, necessitados da intervenção gratuita de Deus. Ela se deu em Jesus Cristo, o libertador de todos os pecados. Por meio dele, Deus realizou sua ação misericordiosa de salvação para todo o gênero humano.

Percebe-se que Paulo indica um processo de amadurecimento no caminho da fé, até que, de livre vontade e com consciência lúcida, aceitemos a Jesus como nosso salvador e vivamos, como ele nos ensinou, na vontade divina. Pelo seu sangue ele nos reconciliou com Deus e nos concede a paz em plenitude. A paz de que o texto nos fala carrega o sentido do termo hebraico *shalom*, o qual indica o estado de perfeita intimidade e harmonia entre os seres humanos, com a natureza e com Deus. Dele provêm todas as bênçãos que

garantem uma vida de dignidade, de bem-estar e de profunda alegria.

A fé, portanto, não se reduz ao assentimento racional a um sistema doutrinário. Também não consiste apenas em momentos de oração. A fé é a atitude de entrega total e confiante a Deus, que nos salva mediante seu Filho, Jesus Cristo. Por meio dele, pela fé, temos acesso à graça da salvação, nos mantemos e nos alegramos nela.

Tudo isso nos motiva a nos gloriar em Deus mesmo nas tribulações, pois “a tribulação produz a perseverança, a perseverança produz a fidelidade comprovada e a fidelidade comprovada produz a esperança”. Trata-se da esperança militante, manifestada por meio do empenho cotidiano em acolher e fazer frutificar o amor de Deus derramado pelo Espírito Santo em nossos corações. Essa esperança “não engana”.

2. Evangelho (Jo 16,12-15): O Espírito da verdade

O texto faz parte do “livro da comunidade”, também conhecido como o “livro da glorificação” (Jo 13-17). Após o gesto do lava-pés, Jesus faz um longo discurso de despedida. De modo afetuoso, anuncia aos discípulos a sua partida iminente. É um discurso que possui caráter de testamento. De coração aberto, Jesus revela tudo o que recebera de seu Pai e demonstra a íntima relação entre ambos. Os discípulos, porém, demonstram incompreensão diante das palavras de Jesus. Apesar de conviverem com Jesus por um bom tempo, permanecem num estágio de imaturidade espiritual. São incapazes de apreender o sentido verdadeiro do testamento de Jesus. Necessitam de ajuda.

O texto faz, então, referência ao Espírito Santo, que dará prosseguimento à missão de Jesus. Ele instruirá os discípulos e os libertará das amarras que impedem o reconhecimento do Salvador. É o Espírito que conduz à verdade plena que é o próprio Jesus Cristo, Deus encarnado, conforme já havia anteriormente se revelado: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14,6). A verdade é, pois, a própria realidade divina manifestada no amor de Jesus, que entrega sua própria vida em resgate da vida de todos. Jesus reza para que os discípulos sejam santificados na verdade (17,17.19) e possam viver na perfeita unidade, assim como ele e o Pai são UM (17,21-23).

A comunidade de João demonstra a sua caminhada de amadurecimento na fé em Jesus Cristo. As novas circunstâncias que emergem do contexto ao redor do final do século I exigem novas reflexões e novas posturas. Cresce a compreensão a respeito de Jesus, de sua íntima relação com o Pai e de sua missão de amor neste mundo. Ilumina-se, com maior profundidade, o sentido da morte e ressurreição de Jesus. Ele veio “para que todos tenham vida e a tenham em abundância” (10,10).

Os discípulos e discípulas são convidados a abrir-se às novas interpretações e exigências suscitadas pelo Espírito Santo no contexto histórico em que vivem. Prestar atenção no Espírito é assumir os desafios da história e viver, com novas expressões e novo ardor, o mesmo amor revelado em Jesus.

As três pessoas divinas são manifestamente citadas no texto. Entre elas há perfeita comunicação e perfeito entendimento. Essa realidade divina, em toda sua beleza e profundidade, é comunicada por Jesus aos seus discípulos. O Pai deu tudo ao Filho; assim também o Filho dá a conhecer tudo o que recebeu do Pai aos seus filhos e filhas. Podemos aqui trazer presente o que são Paulo escreve: “Todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus. E vocês não receberam um espírito de escravos para recair no medo, mas receberam um Espírito de filhos adotivos, por meio do qual clamamos: Abba! Pai! O próprio Espírito assegura ao nosso espírito que somos filhos e filhas de Deus. E, se somos filhos, somos também herdeiros: herdeiros de Deus, herdeiros junto com Cristo...” (Rm 8,16-17).

3. I leitura (Pr 8,22-31): A exaltação da sabedoria

O livro dos Provérbios apresenta a sabedoria como uma personagem. Ela já estava com Deus mesmo antes da criação do mundo. Ou melhor: ela é a primeira obra da criação e toma parte ativa em todas as outras coisas criadas por Deus, como se fosse mestre de obras ou arquiteto. Deus e a sabedoria, portanto, estão em íntima comunhão; Deus é a própria sabedoria personificada.

O texto quer ressaltar que todas as coisas têm sua fonte em Deus; cada ato criador é manifestação de sua sabedoria eterna e soberana;

cada criatura é comunicação de seu próprio ser infinito. O livro da Sabedoria diz que ela “tudo atravessa e penetra”, é o próprio “hálito do poder de Deus e a pura emanção da glória do Onipotente” (Sb 7,24-25).

O último versículo desta 1ª leitura revela a imensa satisfação que a Sabedoria encontra na superfície da terra e o seu prazer de estar entre os seres humanos. A terra e seus habitantes são obras divinas. A relação íntima da Sabedoria com o Criador, desde toda a eternidade, ocorre agora com as criaturas. Da mesma maneira que esteve presente nos atos da criação de Deus, está presente para governar o universo, conservar a ordem e dirigir a vida dos habitantes da terra. Vemos que a Sabedoria guarda uma ligação muito estreita com a missão do Espírito Santo, conforme vai ser concebida no Segundo Testamento.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

A festa da Santíssima Trindade é momento especial para refletir sobre nossa própria identidade e missão no mundo. Somos a família humana, formada por povos diversos e de culturas diferentes. Somos homens e mulheres chamados a nos acolher no respeito mútuo e na igualdade de direitos. Somos diferentes uns dos outros: na diferença nos completamos. Somos diversos: na diversidade nos unimos.

No texto da carta aos Romanos, ouvimos que o amor de Deus se revela com total benevolência e gratuidade. De nossa parte, resta-nos acolhê-lo com gratidão e perseverar na fidelidade a esse amor sem limites. A justificação pela fé não legitima atitudes de egoísmo e acomodação, mas nos incentiva a viver segundo o modo de Deus agir em nós: na doação plena e gratuita. É um caminhar na esperança militante que nos faz viver, aqui e agora, a vida plena que nos será dada por Deus, sabendo que a “esperança não decepciona”.

O livro dos Provérbios fala da Sabedoria que convive intimamente com Deus. Tudo o que ele faz é expressão de seu próprio ser; portanto, o universo, com tudo o que nele existe, é penetrado pelo espírito da sabedoria divina. Todas as coisas são revestidas de dignidade e devem ser respeitadas, conforme nos orienta a verdadeira sabedoria. De acordo com o modo pelo qual nos relacionamos entre nós e com todas as coisas

criadas, colhemos frutos de bênção ou de maldição, de vida ou de morte...

No evangelho, Jesus nos promete o Espírito Santo para nos ajudar a viver conforme o modelo da Trindade santa, a perfeita comunidade. “O mistério da Trindade é a fonte, o modelo e a meta do mistério da Igreja... Uma autêntica proposta de encontro com Jesus Cristo deve estabelecer-se sobre o sólido fundamento da Trindade-Amor. A experiência de um Deus uno e trino, que é unidade e comunhão inseparável, permite-nos superar o egoísmo para nos encontrarmos plenamente no serviço para com o outro”. Neste sentido, as comunidades eclesiais de base caracterizam-se como “casas e escolas de comunhão” (DAP 155, 170 e 240).

- A celebração da festa da Santíssima Trindade é uma boa oportunidade de valorizar as diferentes manifestações do amor de Deus na comunidade e no mundo: os serviços e ministérios, as etnias, as denominações e tradições religiosas, os movimentos e organizações sociais, as iniciativas diversas em favor da vida, da ecologia etc.

CORPUS CHRISTI (3 de junho)

O CORPO DE CRISTO: VIDA
PARA O MUNDO

I. INTRODUÇÃO GERAL

A festa de Corpus Christi tem origem no século XIII. Santa Juliana de Mont Cornillon, da Bélgica, incentivou a solenidade em honra ao santíssimo sacramento e, em 1264, o papa Urbano IV publicou a bula *Transiturus*, na qual louva o amor de Jesus manifestado na eucaristia e ordena que seja celebrada a solenidade de Corpus Christi na quinta-feira seguinte ao domingo dedicado à Santíssima Trindade. A partir do século XIV, as procissões foram sendo incorporadas à celebração desta festa. O Concílio de Trento reconhece que, pela piedade popular, foi sendo introduzido na Igreja de Deus o costume de celebrar anualmente, em dia festivo, o excelso sacramento e declara que, com honra e reverência, seja levado em procissão pelas ruas e lugares públicos. Com essa manifestação pública de fé, os cristãos e cristãs testemunham a sua gratidão

pelo dom da eucaristia, pelo qual se torna presente a vitória sobre a morte e a ressurreição de nosso Senhor Jesus Cristo.

A eucaristia é o memorial da última ceia de Jesus, em que ele ofereceu seu Corpo e Sangue aos discípulos, anunciando a sua morte como dom total de sua vida em resgate da vida de todos (II leitura). Os elementos eucarísticos, pão e vinho, são referências antigas, usadas já pelo sacerdote Melquisedec como oferta a Deus pelos benefícios concedidos a Abraão (I leitura). Pão e vinho – Corpo e Sangue: Jesus entregou a vida em favor da humanidade não apenas na hora de sua morte, mas em todo o seu ministério. Ele ensina a partilhar os bens e empenhar a própria vida a fim de que todas as pessoas tenham suas necessidades dignamente satisfeitas. Para isso, conta também com seus discípulos (evangelho).

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. II leitura (1Cor 11,23-26): Em memória de Jesus

O relato que Paulo faz a respeito da Ceia de Jesus é o mais antigo, tendo sido redigido ao redor do ano 56, anteriormente aos evangelhos. Ele diz que recebeu “do Senhor” o que está transmitindo à comunidade. Certamente, refere-se à tradição dos apóstolos. A narrativa está inserida num contexto de divisão da comunidade cristã de Corinto, manifestada até mesmo na celebração da Ceia. Provavelmente, nas comunidades primitivas, a Ceia do Senhor era feita em uma cerimônia de ação de graças (= eucaristia) pela redenção do gênero humano trazida por Jesus. O momento principal era precedido por uma refeição comum, também chamada de “ágape”, como expressão de companheirismo entre os membros da comunidade. A comida, provavelmente, era trazida de casa e partilhada com todos. No caso de Corinto, Paulo critica com veemência a atitude dos que chegam mais cedo, comem e bebem à vontade, sem esperar as pessoas pobres que chegam depois. Essa conduta está em total desacordo com o sentido sagrado e solene da eucaristia.

Ao comer do mesmo pão e do mesmo cálice, do Corpo e do Sangue de Jesus, os participantes expressam a unidade com o Salvador e com a comunidade. Paulo enfatiza, então, a íntima relação entre a eucaristia e o amor fraterno.

Por isso, a celebração não é mero simbolismo, mas expressão de comunhão com a pessoa e a proposta de Jesus, com o seu mesmo amor oblato. Por isso, é anúncio de sua morte, é a nova aliança em seu sangue.

2. Evangelho (Lc 9,11b-17): Ação de graças na partilha

Jesus retira-se com os seus discípulos, recém-chegados da missão que lhes havia confiado. A multidão segue a Jesus para onde ele vai. Ele lhes anuncia o reino de Deus e realiza sinais de cura e de libertação. O local em que se encontra é deserto, despovoado. Teologicamente o deserto revela o espaço de decisões, de caminhada e de encontro com Deus. Lembra o êxodo como caminho de libertação da escravidão do Egito; lembra também o profeta Elias, que, fugindo da perseguição do rei Acab, atravessa o deserto e se encontra com Deus numa gruta no monte Carmelo; lembra o próprio Jesus, que supera as tentações no deserto com jejum e oração.

Certamente, esse cenário da multidão com Jesus num lugar deserto revela uma situação de crise. Ela é reforçada pela referência à hora avançada do dia: a noite vinha chegando. É a mesma hora em que os discípulos de Emaús, após um longo caminho, pedem que Jesus (o forasteiro, companheiro de caminhada) permaneça com eles (Lc 24,29).

No relato de Lucas, percebe-se nitidamente a intenção de explicitar duas posturas diferentes diante da situação de crise. Uma é a dos Doze, que se aproximam de Jesus e lhe pedem que despeça a multidão, a fim de esta poder comprar alimentos e providenciar pousada. Comportam-se como um grupo de elite e procuram livrar-se do “incômodo” que as pessoas necessitadas representam. Mergulhados ainda numa ideologia de poder, apontam uma saída baseada no individualismo e numa ótica mercantilista.

A postura de Jesus, porém, revela-se em desacordo com o exclusivismo dos Doze. Eles ainda não haviam assimilado o testemunho do ministério de Jesus, que sempre é de acolhida, de anúncio do Reino, com sinais em favor da vida digna sem exclusão. Por isso, Jesus os impele a enfrentar a situação: “Dai-lhes vós mesmos de comer”. Ensina-lhes o método antigo de organização em pequenos grupos e de partilha do que as pessoas tinham. É a memória e a aplicação

atualizada dos princípios econômicos e políticos do povo de Israel, segundo os relatos de Ex 16 e 18. Lembra também a ação do profeta Eliseu, que, mesmo diante da dúvida resistente de seu servo, pede que sejam servidos para cem pessoas os 20 pães que possuía. Todas ficaram saciadas e ainda sobrou, conforme a palavra do Senhor (2Rs 4,42-44).

Lucas faz questão de precisar a quantidade de alimento que havia no meio do povo: cinco pães e dois peixes (perfazem o número sete, de plenitude); representam os bens que a benevolência divina concede aos seus filhos e filhas. Quando administrados com justiça, segundo a necessidade de cada pessoa, satisfazem plenamente e ainda sobra em abundância (12 cestos).

A bênção de Jesus sobre os alimentos revela o costume entre os judeus. O Talmude chega a dizer que “aquele que desfrutava de algo sem dar graças é como se tivesse roubado a Deus”. As palavras usadas por Jesus nessa bênção, juntamente com o gesto de partilha, faziam parte da Ceia do Senhor, celebrada pelas comunidades primitivas. Lucas lembra que foi exatamente na hora da bênção e da partilha dos pães que os olhos dos discípulos de Emaús se abriram e reconheceram a Jesus ressuscitado (Lc 24,30-31).

3. I leitura (Gn 14,18-20): Pão e vinho, oferta de gratidão

Este breve texto de Gênesis é inserido após o relato da vitória de Abraão e sua família sobre um grupo de guerrilheiros que havia sequestrado seu sobrinho Lot juntamente com seus bens. Melquisedec é apresentado como rei de Salém (muitos a identificam com Jerusalém) e sacerdote de Deus altíssimo. O pão e o vinho trazidos por Melquisedec, junto com a bênção sobre Abraão, indicam um tipo de cerimônia religiosa de ação de graças entre os judeus. Pode-se constatar aí a preocupação de Melquisedec, rei e sacerdote, em suprir as necessidades corporais e espirituais do ser humano.

Com base neste texto de Gênesis, a carta aos Hebreus apresenta Melquisedec como uma figura profética de Jesus Cristo, sacerdote eterno, livre e autônomo, sem possuir nenhuma ligação dinástica. Aplica a Jesus o significado etimológico do nome de Melquisedec: “Rei de justiça” e “Rei de Salém”, o que quer dizer “Rei da paz” (Hb 7,1-3.15-17).

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

A festa de Corpus Christi oferece a oportunidade de refletir sobre o sentido da eucaristia na vida dos cristãos e cristãs. Celebrar a memória de Jesus Cristo, morto e ressuscitado, é atualizar seus gestos de amor oblato em favor da vida de todas as pessoas. De modo particular, não podemos esquecer a dimensão social da eucaristia. “São João Crisóstomo exortava: ‘Querem em verdade honrar o corpo de Cristo? Não consintam que esteja nu. Não o honrem no templo com mantos de seda enquanto fora o deixam passar frio e nudez’” (DAP 354).

A celebração adquire seu verdadeiro sentido quando é expressão de relacionamentos justos e fraternos, vividos no cotidiano da vida familiar, comunitária e social. Não é, portanto, por meio de manifestações triunfalistas que expressamos a fé e o louvor a Deus. Para evitar essa tendência e todo tipo de alienação, Paulo adverte: “Todas as vezes, pois, que comeis desse pão e bebeis desse cálice, anunciais a morte do Senhor até que ele venha”.

O pão e o vinho oferecidos por Melquisedec – “Rei da justiça” e “Sacerdote da paz” – em louvor às bênçãos de Deus sobre Abraão apontam para a identidade e a missão de Jesus. Ele é, por excelência, a bênção do Pai em favor do povo. Toda a sua vida é, na verdade, um ato eucarístico em louvor a Deus concretizado no amor ao próximo. Sua prática indica o caminho da paz como fruto da justiça. O seu gesto de bênção sobre os alimentos com a partilha entre todos nos alerta para o desdobramento da eucaristia na vida cotidiana de cada um de nós. “A eucaristia é o centro vital do universo, capaz de saciar a fome de vida e felicidade: ‘Aquele que se alimenta de mim viverá por mim’ (Jo 6,57)” (DAP 354).

“Nossa existência cotidiana se converte em missa prolongada (...)” (DAP 354). Todas as pessoas, todas as coisas, todos os momentos e todos os espaços são sagrados porque dons de Deus. Não se podem admitir situações excludentes, o acúmulo dos bens, a exploração egoísta do tempo, nem conformar-se com isso. Jesus mostrou o caminho para uma nova sociedade, organizada a partir da base e com a administração justa dos bens. Ele conta com a colaboração dos seus seguidores e seguidoras para continuar a sua obra.

- A celebração da festa de Corpus Christi pode constituir um bom momento de valorizar a corresponsabilidade de todos no cuidado e respeito por todas as formas de vida. Em coerência com o que celebramos na eucaristia, não podemos prescindir do empenho em favor da superação de toda espécie de violência e exploração, tanto do ser humano como da natureza...

10º DOMINGO DO TEMPO COMUM (6 de junho)

PALAVRAS E GESTOS QUE RESSUSCITAM

I. INTRODUÇÃO GERAL

Deus se dá a conhecer como aquele que caminha com seu povo e o liberta de toda opressão. Demonstra sua ternura e misericórdia especialmente às pessoas que se encontram em situação de sofrimento. Escolhe e envia os profetas que, inseridos no lugar social dos excluídos, abrem caminhos novos, suscitando-lhes esperança e vida. O profeta é o portador da palavra de Deus, capaz de transformar radicalmente a realidade pessoal e social (I leitura). Deus envia o seu próprio Filho, que, junto às pessoas marginalizadas e exauridas, lhes devolve a vida e a garantia de um futuro feliz. Sua prática revela o caminho alternativo para uma sociedade justa (evangelho). Jesus escolhe e envia discípulos missionários, como Paulo, para anunciar a palavra que liberta e salva a todos os povos. É a proposta de vida plena, revelada por Jesus (II leitura). Os discípulos e discípulas de Jesus, hoje, estão convidados a acolher a palavra de Deus como boa notícia e torná-la boa realidade por meio de gestos concretos de compaixão e solidariedade.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (1Rs 17,17-24): A profecia vence a morte

A missão profética de Elias revela-se como fundamento de todo o movimento profético ao longo da Bíblia. Ele é considerado o pai dos profetas. Sua prática serve, ademais, de inspiração para a prática libertadora de Jesus.

A atuação do profeta Elias se dá no Reino do Norte, durante o reinado de Acab e de Ocozias, entre os anos de 874 e 852 a.C. Elias demonstra profundo zelo pela vontade de Iahweh, de quem se põe totalmente a serviço, conforme ele mesmo declara no início de sua missão: “Pela vida de Iahweh, a quem sirvo...” (1Rs 17,1). Faz jus, assim, ao significado de seu nome: “Meu Deus é Iahweh”.

Suas ações, de forma predominante, são desdobramento do compromisso com a solução dos problemas que afetam o cotidiano das pessoas necessitadas. A necessidade é o critério-chave que faz o profeta aproximar-se e pôr-se a serviço de quem precisa de ajuda. Essas pessoas são vítimas de um sistema monárquico que produz alto índice de exclusão social. O desenvolvimento econômico se dá com a exploração do povo. O fortalecimento político do Estado privilegia um grupo que concentra poder e dinheiro. A expropriação dos bens (cf. 1Rs 21) e o abuso da mão de obra dos pequenos causam empobrecimento, miséria, fome e morte.

A viúva de Sarepta e seu filho sintetizam a situação da maioria do povo, cujo futuro permanece fechado. As viúvas, os órfãos e os estrangeiros (Sarepta não faz parte do território de Israel) representam, na Bíblia, as categorias de necessitados. Deus não os quer abandonados nem quer a morte de ninguém. Elias põe-se a serviço de Deus, acolhe o clamor das pessoas que sofrem, vai ao seu encontro para defender e promover o direito à vida digna.

O profeta se hospeda na casa da viúva pobre e estrangeira: a profecia é acolhida pelas pessoas empobrecidas e elas se tornam o lugar teológico-social onde são gestados novos caminhos. Essa gente marginalizada é capaz de solidariedade e partilha. A proximidade com as pessoas sofredoras, o anúncio da palavra que liberta, a oração confiante ao Deus da vida, a insistência em passar a energia profética ao que já se encontra em situação de morte são atitudes que revelam o método de restauração, transformação e ressurreição. Na verdade, a profecia é a manifestação da presença e da misericórdia de Deus, que age por meio do amor afetivo e efetivo. É boa notícia para os pobres. É o projeto de Deus sendo acolhido a partir da casa. Constitui-se em fidelidade à aliança sagrada. Os protagonistas são as próprias pessoas ex-

cluídas do sistema oficial. Nelas reside a força e a criatividade divinas, capazes de mudanças radicais. A palavra profética infunde nelas essa consciência.

2. Evangelho (Lc 7,11-17): Jesus liberta das garras da morte

O relato do episódio da ressurreição do filho da viúva de Naim encontra-se somente no Evangelho de Lucas. Tem estreita ligação com o episódio de Elias: ambos tratam da morte do filho único, cuja mãe é viúva. Os filhos únicos representam a garantia de futuro para as famílias. A situação de morte não pode deixar acomodadas as pessoas que servem a Deus.

Nos evangelhos, os sinais de cura e libertação, em sua maior parte, são realizados por Jesus em atendimento à súplica dos necessitados. No caso da viúva de Naim, porém, é Jesus mesmo que toma a iniciativa de ir ao seu encontro. “Seus discípulos e numerosa multidão caminhavam com ele.”

Naim é uma cidade amuralhada. Do seu interior para a porta vem uma procissão, acompanhando o enterro do filho único de uma viúva. “Grande multidão da cidade estava com ela.” Duas procissões em sentido contrário. Encontram-se na “porta da cidade”. Jesus vê a situação em que se encontra aquela mãe e fica comovido, isto é, “ele é movido em suas entranhas”, conforme o verbo grego (*splanchnizomai*). É o mesmo sentimento de amor e compaixão que leva o samaritano a socorrer a pessoa espancada e abandonada à beira do caminho (10,33); é também o mesmo sentimento que leva o pai do filho pródigo a ir correndo ao seu encontro, acolhê-lo nos braços e beijá-lo (15,20).

Jesus, movido pela compaixão, dirige-se à mulher com palavras de consolação e esperança: “Não chores”. Não são palavras de meras condolências. Ele se aproxima, toca no esquife e pede que o jovem se levante. Percebe-se, aqui também, como na narrativa de Elias, alguns verbos-chave reveladores da metodologia que proporciona a transformação de uma realidade de morte.

As pessoas que testemunham o fato glorificam a Deus, reconhecem Jesus como profeta e exclamam: “Deus visitou o seu povo”. É o eco do cântico de Zacarias, que bendiz a Deus “por-

Aprofunde sua espiritualidade com obras sobre São Paulo e São Pedro.

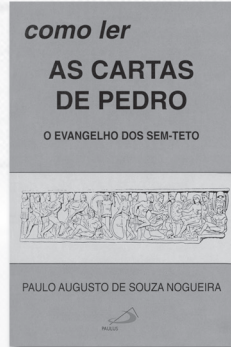


Uma espiritualidade para nosso tempo
À luz do apóstolo Paulo
Valdir José de Castro
80 páginas

Estas páginas oferecem um conteúdo enriquecedor sobre a relação entre a espiritualidade e os anseios do homem moderno. Além disso, o autor aborda o novo sentido que Paulo atribuiu à sua vida após seu encontro com Jesus.

Como ler as cartas de Pedro
O evangelho dos sem-teto
Paulo Augusto de Souza
Nogueira
96 páginas

Neste livro, o leitor encontrará as duas cartas de Pedro. Enquanto a primeira fala da importância de se lutar pela cidadania, a segunda debruça-se sobre a interpretação dos textos bíblicos. Ao final de cada uma são apresentadas leituras complementares.



Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119



que visitou e redimiou o seu povo e suscitou-nos uma força de salvação” (1,68s). Não é por acaso que Lucas situa o féretro vindo da cidade, lugar onde o poder se articula e se organiza. É como um seio que, ao invés de gerar a vida, provoca a morte. Jesus, força de salvação, vem com outro projeto que faz parar essa procissão de gente sem vitalidade. Junto com a vida, também restitui ao jovem a palavra. O povo, assim, é chamado a resgatar o direito à palavra e à vida e tornar-se protagonista de uma nova sociedade.

3. II leitura (Gl 1,11-19): A graça da conversão

Na carta aos Gálatas, Paulo aprofunda, especialmente, o evangelho da liberdade: “Foi para sermos livres que Cristo nos libertou” (Gl 5,1). A primeira dimensão dessa liberdade se verifica na própria pessoa. Neste sentido, Paulo dá o seu próprio testemunho. Quando arraigado no judaísmo, era ferrenho perseguidor das comunidades cristãs com o intuito de destruí-las. Como judeu, seguia zelosamente as tradições de Israel. Conhecia muito bem as leis e se esforçava por praticá-las, pois aprendera que a salvação de Deus seria concedida por meio da observância legalista.

Com a conversão, porém, muda radicalmente a sua visão teológica. Adquire a consciência de que Deus o escolheu desde o seio materno e o chamou por sua graça. Em seu itinerário pessoal, sempre com maior clareza e profundidade, percebe que a salvação oferecida por Deus se fundamenta na total gratuidade. A sua experiência pessoal o comprova: ele foi agraciado por Deus quando ainda era pecador e confiava nas seguranças humanas. Com essa nova compreensão, Paulo se desvencilha de seu apego à raça de Israel e lança-se ao anúncio do evangelho da salvação a todos os povos. Encontra, nessa missão, forte oposição, especialmente da parte de alguns pregadores judeu-cristãos. É o que se depreende ao ler o texto imediatamente anterior ao da liturgia de hoje (cf. Gl 1,6-10).

Esses pregadores, também conhecidos como “judaizantes”, procuravam convencer os gentio-cristãos a aderir a certas normas judaicas, especialmente à circuncisão. Certamente diziam que o evangelho pregado por Paulo não era verdadeiro. Vários cristãos deixam-se influenciar por tais pregadores. Paulo põe-se veementemente contra a doutrina desses missionários e alerta as

comunidades da Galácia para não se deixarem enganar (cf. Gl 1,6-10).

Ao enfatizar o seu próprio testemunho de conversão, Paulo quer reafirmar a ação da graça de Deus, revelada em Jesus Cristo. A salvação por ele trazida estende-se a todos os povos sem discriminação. Este é o evangelho da liberdade a que todos podem ter acesso pela fé. É dom de Deus!

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Deus, desde a criação do mundo, estabeleceu um plano de amor e salvação para toda a humanidade. Firmou uma aliança com o seu povo, protegendo-o e amando-o com fidelidade. O egoísmo humano, porém, quebra a aliança sagrada e organiza sistemas que excluem e matam. Deus, no entanto, não abandona o seu povo. Chama pessoas, como o profeta Elias, capazes de ouvir o grito dos necessitados e comprometer-se com sua libertação. Deus envia o seu próprio Filho, Jesus, que assume o programa de anunciar a boa notícia aos pobres, proclamar a liberdade aos presos, recuperar a vista aos cegos e libertar as pessoas oprimidas (cf. Lc 4,18s). Tanto o profeta Elias como Jesus de Nazaré revelam o caminho que deve ser seguido por todas as pessoas que amam a Deus.

O desafio de uma sociedade justa e fraterna permanece atual. Os discípulos missionários do Senhor não podem acomodar-se. O testemunho de Paulo nos alerta para a necessidade do desapego das seguranças baseadas no poder, normalmente legitimado por sistemas religiosos. A liberdade em Cristo nos leva a acolher a graça da salvação que ele nos trouxe e, por isso mesmo, a amar gratuitamente os irmãos. “O povo pobre das periferias urbanas ou do campo necessitam sentir a proximidade da Igreja, seja no socorro de suas necessidades mais urgentes, como também na defesa de seus direitos e na promoção comum de uma sociedade fundamentada na justiça e na paz. Os pobres são os destinatários privilegiados do evangelho” (DAP 550).

– Pode-se fazer a memória dos profetas e profetisas de nossos tempos... Pode-se também levantar as situações de morte que nos desafiam hoje e valorizar as diversas ações que estão sendo desenvolvidas em favor da vida, estimulando a participação e a criatividade para novas iniciativas...

O PERDÃO DOS PECADOS: VIDA NOVA

I. INTRODUÇÃO GERAL

Os textos deste domingo tratam do tema do perdão dos pecados. A compreensão a respeito desse assunto vai se aperfeiçoando ao longo da tradição judaico-cristã. Deus se revela como misericórdia. Ele perdoa ao pecador arrependido por maior que possa ser o pecado por este cometido. O reconhecimento da transgressão à lei divina e o arrependimento sincero demonstram a determinação de deixar-se conduzir pela vontade de Deus, manifestada nas palavras do profeta. É o que podemos constatar na atitude do rei Davi perante a denúncia do profeta Natã (I leitura). Jesus exerce o poder de perdoar pecados, mesmo contestado pelos adversários. Ele é o rosto misericordioso de Deus presente no meio da humanidade pecadora. O perdão de Jesus revela que sua prioridade é a pessoa humana, chamada a ser livre e íntegra (evangelho). O perdão é a manifestação da justiça de Deus baseada não nos méritos humanos, mas na grandeza de seu amor. Todos somos pecadores e necessitados da intervenção divina para nos salvar. Jesus Cristo, pela sua morte, redimiu-nos dos pecados e nos resgatou para a vida. Pela fé acolhemos essa graça e nos deixamos moldar por Jesus Cristo (II leitura). O perdão que Deus nos concede gratuitamente nos torna capazes de amar como ele nos ama, superando todo egoísmo e construindo relações justas e fraternas.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (2Sm 12,7-10.13): Deus perdoa ao pecador arrependido

Davi foi ungido para governar o povo de Israel. Deus o abençoou e o defendeu das armadilhas dos inimigos. Como escolhido de Iahweh, deveria agir exemplarmente e seguir os mandamentos. No ápice de seu poder, porém, Davi esquece-se de servir a Deus e abnegar-se em favor do povo. Enquanto seus soldados estão em batalha, Davi permanece tranquilamente em seu palácio, usufruindo de uma vida mansa e descomprometida. Deixa-se conduzir pela luxúria

e comete a primeira violação grave: adultério com Betsabeia, a mulher de Urias, general de seu exército. Ao constatar que ela engravidara, o rei deixa-se conduzir pelo orgulho e comete a segunda violação grave: assassinato. Manda que posicionem Urias no lugar mais perigoso numa guerra contra os amonitas, a fim de que fosse ferido e morresse. O desrespeito a esses dois mandamentos da Lei de Deus lhe valeria a morte (cf. Lv 20,10 e 24,17).

Davi parece não dar-se conta da gravidade de seus pecados. O poder obscureceu a sua consciência. Deus, porém, que perscruta os corações, envia o profeta Natã, que, ao apresentar-se ao rei, lhe conta uma história de dois homens: um rico que retira de um pobre o único bem que este possuía (cf. 2Sm 12,1-4). Davi, na sua pretensão de justo, mostra-se indignado contra tal explorador. Natã, então, aponta o culpado: “Esse homem és tu!”. Lembra-lhe toda a trajetória da sua vida e como Deus lhe manifestou o seu amor. Os pecados de Davi não consistiram numa traição somente a Urias, mas a todo o povo de Israel e ao próprio Deus.

A intervenção do profeta Natã acorda a consciência adormecida de Davi, que reconhece seu pecado e se arrepende com sinceridade. Deus lhe perdoa e o livra da morte. Porém não o livra das consequências provenientes de suas faltas. A responsabilidade dos atos deve ser assumida. O perdão, de todo modo, proporciona a nova oportunidade de entrar na dinâmica do amor de Deus. Davi pode voltar a governar com justiça, respeitando a Lei de Deus e o direito de todas as pessoas à vida digna. O perdão reconduz a pessoa arrependida ao caminho da vontade divina.

2. Evangelho (Lc 7,36-8,3): Jesus, o rosto misericordioso de Deus

O Evangelho de Lucas aprofunda, de maneira especial, o tema da misericórdia. É o caminho que proporciona a inclusão de todas as pessoas na proposta de amor e salvação revelada em Jesus. A casa de Simão, o fariseu, serve de cenário para a mensagem a ser assimilada e jamais esquecida pelas comunidades cristãs. O fariseu convida Jesus para comer com ele, em sua casa. Casa e comida são dois elementos que apontam para o projeto de “comunhão de mesa”. As comunidades primitivas reuniam-se nas casas

para atualizar a memória de Jesus, a oração, a partilha da comida e a ceia...

Sentar-se à mesma mesa representava a determinação de relacionar-se na igualdade e na fraternidade, sem discriminação de raça, sexo ou classe social, expressando as mesmas convicções religiosas. Este projeto, porém, não foi tão tranquilo. A dificuldade maior se deu na relação entre cristãos de origem judaica e cristãos gentios. Além disso, na época da redação do Evangelho de Lucas, percebe-se forte tendência de discriminar as mulheres, abafando o seu protagonismo na animação das comunidades cristãs.

O fato de Jesus aceitar o convite do fariseu demonstra que o mestre não faz acepção de pessoas. Sente-se livre em qualquer ambiente. É portador do amor de Deus que se estende a todos, sem discriminação. Na mesa há outros convivas. Entre eles dificilmente estariam também mulheres. Decerto seriam os amigos de Simão, pertencentes ao mesmo partido farisaico. Estariam, quem sabe, também os apóstolos?

A narrativa apresenta uma mulher que aparece de repente e se coloca aos pés de Jesus. Ela é da cidade, sem nome e conhecida como pecadora. Trouxe um frasco de perfume precioso e, entre lágrimas, unge os pés de Jesus, beija-os e enxuga-os com os cabelos. Os detalhes da ação da mulher revelam profundo sentimento de amor e gratidão. Simão, diante do que está vendo, não ousa criticar abertamente a atitude de Jesus, mas em seu coração põe em dúvida a sua qualidade de profeta, pois está acolhendo uma pecadora.

A parábola que Jesus conta tem por finalidade desmascarar a atitude de superioridade e arrogância da parte dos que se consideravam justos diante de Deus. Tem endereço certo. A concepção farisaica de justiça divina relacionava-se com o cumprimento das leis. O perdão dos pecados e a salvação estariam condicionados pela observância legalista. Essa segurança que o sistema religioso lhe dava impedia o fariseu de entender e acolher a gratuidade do perdão e da salvação. Somente quem deve muito, isto é, quem tem consciência profunda de seus pecados conseguirá fazer a experiência do amor sem limites de Deus.

A mulher pecadora irrompe, sem pedir permissão, naquele ambiente fechado e ex-

cludente. Sua atitude faz abrir os olhos para enxergar a presença de Jesus, o Filho de Deus, que vem trazer o perdão e a paz sem atrelamento ao sistema legalista do Templo. Na pessoa e na proposta de Jesus, a mulher se sente contemplada. É acolhida como sua discípula; pode comungar da mesma mesa da Palavra e do Pão; pode fazer parte da mesma Igreja, o Corpo de Jesus.

Não é difícil perceber que a narrativa tem uma função de denúncia da exclusão de mulheres que, com muita probabilidade, está em processo na época da redação do evangelho, pelo final do primeiro século. O texto exerce também a função de atualização da proposta de Jesus, que inclui no seu seguimento tanto os homens – os Doze – como as mulheres: Maria Madalena, Joana, Susana e várias outras. Diz delas o que não diz dos Doze: serviam a Jesus com seus bens (cf. 8,1-3).

3. II leitura (Gl 2,16.19-21): A vida nova em Cristo

Paulo, com base em sua experiência pessoal, procura anunciar uma de suas descobertas mais profundas: a salvação não provém da observância da Lei, mas do amor gratuito de Deus. Ele sabe o que diz: foi fariseu praticante e, agora, após ser encontrado por Jesus, percebe as coisas de forma totalmente diferente. A cruz de Jesus, para Paulo, é a chave por excelência que permite abrir a mente e o coração para a verdadeira compreensão do desígnio divino. Está plenamente convencido de que as obras humanas, a circuncisão e o cumprimento das leis não garantem a salvação. Se assim fosse, Jesus Cristo teria morrido inutilmente. Se ainda depositamos nossa confiança no poder dos ritos e normas como condicionantes de salvação, então não precisamos de Jesus Cristo.

Mas não! Jesus veio e nos amou de tal maneira que entregou sua vida por nós. Portanto, na cruz de Jesus, encontra-se o segredo da justificação. Somos todos pecadores! Na cruz de Jesus podemos morrer também nós para tudo o que impede o acolhimento da gratuidade do amor de Deus. Nesta entrega confiante pela fé reside a verdadeira justiça que nos faz viver como novas criaturas. A vida iluminada pela fé no Filho de Deus, que morreu por nós, torna-nos verdadeiramente livres.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

O tempo em que vivemos prima pela superficialidade das relações entre nós e com Deus. Paramos e meditamos muito pouco. Damos pouca atenção à palavra de Deus. Rezamos apressadamente. Priorizamos celebrações triunfalistas. Vivemos dispersos e não encontramos o essencial.

São Paulo descobriu que somente Deus nos realiza profundamente. Somente sua graça nos transforma. Ela nos foi dada plenamente na morte de Jesus. A cruz tornou-se a chave para entendermos o amor infinito de Deus. Nele podemos apostar com toda a confiança, entregando-lhe a nossa vida inteira. Jesus é nosso mestre. A seus pés nos lançamos com tudo o que somos e temos, como fez a mulher pecadora na casa do fariseu. Como seus discípulos missionários, assumimos sua cruz como caminho de vida nova.

A misericórdia divina, se permitirmos, pode penetrar o mais profundo do nosso ser e nos transformar em criaturas novas. Se, no passado, cometemos muitas e graves faltas, podemos, no presente, acolher o perdão de Deus e entrar numa nova dinâmica de vida. O rei Davi é um exemplo nesse sentido. Necessitamos radicalmente do perdão que nos liberta e nos devolve a integridade. Uma pessoa reconciliada com Deus sente-se inteira e feliz. Sente-se fortalecida para irradiar esse amor, exercitando o perdão sincero e profundo a partir de si mesma e de sua casa.

- Podem-se incentivar os gestos de perdão e reconciliação entre o casal, pais e filhos, vizinhos, Igrejas, religiões, povos... Pode-se também valorizar o sacramento da penitência e da reconciliação e oferecer momentos celebrativos especiais para a sua administração...

12º DOMINGO DO TEMPO COMUM
(20 de junho)

JESUS: FÉ E SEGUIMENTO

I. INTRODUÇÃO GERAL

O Filho de Deus se fez um de nós. Revelou o rosto misericordioso do Pai. Formou uma co-

munidade de discípulos. Ensinou-lhes o caminho do reino de Deus. Junto às pessoas excluídas, manifestou-lhes o poder de Deus que liberta, cura, perdoa, sacia... Jesus conta com os seus seguidores. Envia-os em missão para continuarem a sua obra. A compreensão a respeito de Jesus dá-se, porém, gradativamente. Predomina nos discípulos a ideia triunfalista de Messias. Precisam ainda tomar consciência do verdadeiro significado do seguimento de Jesus. Não basta crer que ele é o Messias. Jesus assume o caminho da cruz, e não a postura triunfalista; solidariza-se com a dor da humanidade que anseia por libertação (evangelho). Na história de Israel, o sofrimento foi sendo entendido como processo de purificação do pecado e de encontro com o verdadeiro Deus que ouve a súplica do povo em crise (I leitura). Como filhos e filhas de Deus, somos chamados à autêntica liberdade, deixando-nos guiar pelo seu Espírito. Restabelece-se a dignidade e a igualdade entre todos, superando as barreiras de raça, gênero e classe social (II leitura). São importantes indicações para todas as pessoas de boa vontade que desejam viver uma vida nova, com renovado entusiasmo e realismo histórico.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Zc 12,10-11; 13,1): Deus ouve a súplica do povo

Os estudiosos distinguem, no livro de Zacarias, dois blocos distintos: o primeiro (Zc 1-8) teria sido escrito ao redor do ano 520 a.C., duas décadas após o exílio da Babilônia. Neste bloco, os autores apontam os pecados do povo como causadores do exílio. Deus, porém, concede o perdão e defende os interesses dos repatriados. Jerusalém e o Templo (que está sendo reconstruído) são projetados como fonte de bênçãos e de um futuro messiânico de paz e de alegria para o povo.

O segundo bloco (Zc 9-14), escrito em torno do final do século IV a.C. e, portanto, mais recente do que o primeiro, apresenta um conteúdo centrado no messianismo. Jerusalém – a casa de Davi – é considerada como centro do mundo; é o lugar onde Deus mostra sua ternura e proteção ao povo “transpassado” pelo sofrimento, causado especialmente pelas dominações externas e por seus tentáculos internos. Desde a invasão babilônica em 587 a.C., quando a cidade e o

templo de Jerusalém foram arrasados, muita gente foi morta e muitos foram expatriados de sua terra. A idolatria é reconhecida como a causa desses acontecimentos lamentáveis.

Deus mostra-se extremamente solícito com o clamor do povo que chora e se lamenta, reconhecendo seus pecados. Deus mesmo vai purificá-lo, enviando-lhe um “espírito de graça e de súplica” para que todos voltem o olhar para ele. Espírito de graça porque Deus será reconhecido como aquele que ama na gratuidade, apesar das infidelidades do povo; espírito de súplica porque o povo, em situação de extrema necessidade, se volta para Deus com fé e confiança, invocando sua ajuda e proteção.

Jerusalém, com a vida nova adquirida por intervenção divina, transforma-se em fonte irradiadora de purificação e bênção. Podemos aqui lembrar a leitura que a comunidade joanina vai fazer a respeito de Jesus, morto em Jerusalém, o “transpassado” para o qual todos voltarão seus olhos (Jo 19,37). O Messias assassinado na cruz torna-se a fonte de todas as bênçãos para a humanidade.

2. Evangelho (Lc 9,18-24): que tipo de Messias é Jesus?

A compreensão do messianismo de Jesus por parte de seus discípulos foi acontecendo lentamente. Imersos na ideologia religiosa do Templo, esperavam um Messias com poder de monarca, da linhagem de Davi, capaz de libertar o povo da dominação romana...

Portanto, se essa era a mentalidade dominante a respeito do Messias, ela deveria causar grandes problemas para os políticos da época. De fato, vários líderes messiânicos foram simplesmente exterminados antes de Jesus. Nenhuma das respostas dadas a Jesus sobre o que as multidões diziam a seu respeito contempla a ideia de Messias. Lucas reserva essa concepção para Pedro, o representante dos discípulos: “Tu és o Messias de Deus”.

Imediatamente Jesus os proíbe severamente de espalhar essa afirmação para outras pessoas. Ele conhece os seus seguidores e sabe que estão ainda fanatizados pela ideologia dominante. Podem dar azo ao seu fanatismo e comprometer a missão de Jesus. Eles sabem que Jesus é o Messias, mas ainda não compreendem que tipo de Messias é Jesus.

Segundo Lucas, Jesus vai dedicar uma caminhada inteira (novo êxodo), da Galileia a Jerusalém, ao empenho especial de educar os discípulos na verdadeira compreensão do Messias. O início dessa caminhada se dá em 9,51, quando Jesus “toma a firme decisão de partir para Jerusalém”. Antes disso, ele faz dois anúncios de sua paixão e morte. No primeiro, logo após a declaração teórica, por parte dos discípulos, de que ele é o Messias: “É necessário que o Filho do homem sofra muito, seja rejeitado pelos anciãos, pelos chefes dos sacerdotes e escribas, seja morto e ressuscite ao terceiro dia” (9,22). No segundo anúncio (9,44-45) Jesus prepara os discípulos para o destino do Messias, alertando-os: “Abram bem os ouvidos... O Filho do homem será entregue às mãos dos homens”. O terceiro anúncio (18,31-34) Jesus o fará em plena caminhada, próximo a Jerusalém: “De fato, ele será entregue aos gentios, escarnecido, ultrajado, coberto de escarros, depois de açoitá-lo, eles o matarão...”. Apesar da tríplice insistência, os discípulos “não entenderam nada”...

A cruz e a morte estão intimamente ligadas ao messianismo de Jesus. A concepção triunfalista cai por terra. “Se alguém quer vir após mim, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz cada dia e siga-me.” A escolha de Jesus é o caminho do “servo sofredor”, inspirado no Segundo Isaías (Is 40-55). Decorre daí que o seguimento de Jesus se concretiza por meio de rupturas e opções. Rupturas com toda forma de egoísmo e poder; com toda preocupação de buscar o brilho próprio dos que dominam... Opções pelo serviço humilde e abnegado em vista de uma sociedade de amor, de justiça e de paz. De fato, Jesus não anuncia a sua morte como fato definitivo. A ressurreição é o destino dos que dão a vida pelo Reino. O êxodo pelo qual Jesus tem de passar, incluindo a própria morte, vai possibilitar a entrada na terra da liberdade e da vida plena, onde já não haverá egoísmo nem dominação de nenhuma espécie.

3. II leitura (Gl 3,26-29): Revestidos de Cristo

Neste texto, Paulo continua explicando às comunidades cristãs a importância da fé em Jesus Cristo como caminho de superação de todo legalismo. A Lei funcionou como “pedagogo” enquanto ainda estávamos num estágio imaturo. Com seus preceitos e proi-

bições, foi útil para nos ajudar a descobrir o que pode nos levar à maldição e o que atrai a bênção. O problema é que a lei nos tornou seus dependentes e até nos escravizou, a ponto de condicionar a salvação ao cumprimento de inúmeras normas.

Com o advento de Jesus, é-nos dado o tempo da maturidade. Então, podemos sair da dependência da Lei e abraçar a autêntica liberdade de filhos e filhas de Deus. Não se pode voltar atrás, sob o risco de anular a graça de Deus.

Pela fé em Jesus Cristo nos tornamos semelhantes a ele. Pelo batismo nos revestimos de Jesus, mergulhamos na sua própria vida. A Lei fazia distinção de pessoas e legitimava a exclusão de mulheres, pobres e estrangeiros. Agora nos tornamos uma unidade na diversidade. Portanto, “não há mais diferença entre judeu e grego, entre escravo e livre, entre homem e mulher”. Ficam assim eliminadas as barreiras que nos separavam, seja de raça, de gênero ou de classe social. Pertencendo, assim, a Cristo, somos herdeiros da promessa que Deus fez a Abraão de uma descendência numerosa e feliz.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Temos a graça de conhecer a Jesus por meio do testemunho dos discípulos que o conheceram pessoalmente e também das comunidades cristãs primitivas. Constatamos que o seguimento de Jesus se dá num processo de compreensão gradativo. Assim como aconteceu com os seus discípulos, todos nós somos contaminados com falsas ideologias que vão introduzindo pseudovalores, segundo os interesses dos que dominam a sociedade.

Desde o âmbito familiar, os pais tendem a educar os filhos para serem os melhores, os mais fortes, os mais espertos... Ao entrar na escola, a maior preocupação é vencer na vida, entendendo isso como ter dinheiro, fama e poder. Num mundo competitivo como o nosso, há pouco lugar para o serviço humilde e para uma política que vise à inclusão de todas as pessoas nas condições de uma vida digna. É grande ainda a discriminação entre pessoas devido à sua condição social, à cor da pele ou ao sexo. Precisamos realizar um “novo êxodo” rumo a uma terra sem males, onde as diferenças sejam respeitadas e acolhidas; onde as relações se fundamentem na dignidade intrínseca de cada ser humano; onde

a liberdade se concretize em ações em favor da vida sem exclusão.

Como filhos e filhas de Deus, podemos desenvolver sempre melhor a potencialidade divina que está em nós; como mulheres e homens, podemos exercitar cotidianamente o serviço mútuo, dando-nos as mãos para construir o reino de Deus. Jesus nos ensinou o caminho da vida plena, caracterizado pelas rupturas com o poder que domina e pelas opções de profunda solidariedade com o povo transpassado pelo sofrimento. Somos convidados a seguir a Jesus, o Messias. Lembremos, porém, que em seu messianismo não ambicionou fama e triunfalismo, mas escolheu livremente ser fiel ao Pai, sendo servo de todos até a morte.

- Podem-se levantar algumas situações evidentes de discriminação e de exclusão na família e na sociedade... Ressaltar as atitudes de serviço humilde e anônimo de muitas pessoas normalmente esquecidas e desvalorizadas... Esclarecer quais as rupturas e as opções a serem feitas pelos seguidores e seguidoras de Jesus...

13º DOMINGO DO TEMPO COMUM (27 de junho)

VOCAÇÃO: LIBERDADE E FIDELIDADE

I. INTRODUÇÃO GERAL

A Bíblia relata muitos episódios de vocações: de Abraão, Moisés, Samuel, dos profetas e de muitos outros. Por meio dessas pessoas, Deus comunica seu plano de amor, estabelece aliança com seu povo e ensina o caminho da fidelidade. A vocação profética, de maneira especial, nasce de uma profunda experiência de Deus no meio da realidade de sofrimento em que o povo está imerso. Elias, considerado o pai dos movimentos proféticos, vive junto às vítimas do regime monárquico de Israel, solidarizando-se com elas. Anuncia a vontade de Deus, denuncia as falcatruas dos grandes e realiza sinais de libertação em meio aos pequeninos e pobres. O profeta é portador do projeto de Deus, que precisa ser continuado na história. A pessoa cumpre sua missão e passa, mas o projeto de Deus não pode passar. Eis, então, que surge a vocação do profeta

Eliseu (I leitura). Jesus chama os discípulos para ficar com ele, ensina-lhes e revela-lhes a vontade do Pai, realiza diante deles sinais de libertação no meio do povo necessitado e envia-os para anunciar o evangelho e libertar as pessoas de toda espécie de mal. Em que pese a missão recebida de Jesus, os discípulos manifestam dificuldades para entendê-lo e aderir plenamente ao seu seguimento. O apego a seguranças pessoais impede a liberdade necessária para seguir verdadeiramente a Jesus (evangelho). Dentro de nós carregamos a tendência para os instintos egoístas. Podemos vencê-los se nos deixamos guiar pelo Espírito Santo. Ele nos torna livres em Cristo para uma vida nova na graça de Deus (II leitura). A vocação, portanto, é convite de Deus para a plena realização humana, somente possível se nos desvencilharmos de tudo o que impede a ação amorosa de Deus em cada um de nós e na humanidade inteira.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (1Rs 19,16b.19-21): A profecia precisa continuar

O profeta Elias dedicou sua vida à causa da justiça divina, em favor das pessoas desprotegidas. Seu nome significa “Javé é meu Deus”. É portador do projeto do Deus que libertou o povo da escravidão do Egito e lhe deu uma terra “onde corre leite e mel”. Nessa terra, o povo, organizado em tribos, procurou viver a proposta de um poder descentralizado e de uma economia baseada na partilha, segundo a necessidade das famílias. Tudo mudou com o regime monárquico. Elias, cuja atuação profética se dá ao redor do ano 860 a.C., especialmente durante o governo de Acab, levanta a bandeira da proposta javista como caminho de restauração do direito e da justiça. Tendo a Javé como o seu Deus, Israel poderia libertar-se da corrupção e mudar a sua história.

Elias, inspirado por Deus, preocupa-se com a continuação de sua missão profética. A pessoa tem seu tempo histórico. O projeto de Deus, porém, não pode parar. O movimento profético vai continuar agora com Eliseu. A narrativa da sua vocação é reveladora. Transmite a intenção subjacente ao texto.

Eliseu é trabalhador da roça. Com 12 juntas de bois, cultiva a terra juntamente com outros

trabalhadores. Ele conduz a última junta. A ligação simbólica com as 12 tribos é provável neste relato. Assim como Elias, também Eliseu é portador do ideal de uma sociedade governada segundo o projeto de Deus. Ao colocar sobre Eliseu o seu manto, Elias lhe transmite a autoridade profética. Imediatamente Eliseu deixa sua profissão e se despede de sua família. Sacrifica a junta de bois e partilha a carne com seus companheiros, aproveitando a madeira do arado para cozinhá-la. Depois, levanta-se e segue a Elias. Está em plena liberdade para exercer a missão profética.

2. Evangelho (Lc 9,51-62): Ser livre para seguir a Jesus

O texto situa o exato momento em que Jesus toma a firme resolução de ir a Jerusalém. Inicia-se o “êxodo” de Jesus, cujo principal objetivo é educar seus discípulos, abrindo-lhes os olhos a respeito das condições e consequências do seu seguimento. No texto refletido no domingo passado (9,18-24), os discípulos, por meio de Pedro, haviam declarado a Jesus que ele era o “Messias de Deus”. Não sabiam, porém, o verdadeiro significado dessas palavras. A concepção triunfalista de messianismo predominava em suas cabeças. Isso já ficou evidente pelo tipo de discussão que tiveram logo depois da confissão de Pedro: quem deles seria o maior? (cf. 9,46-48). Fica evidente também pela atitude de Tiago e João diante da hostilidade dos samaritanos. Estes são inimigos ferrenhos dos judeus. Certamente os dois mensageiros que Jesus havia enviado à sua frente deviam ter preparado os ânimos dos samaritanos. Mas parece que fracassaram. O que disseram e como fizeram? O fato é que sua missão não foi eficaz... Jesus repreende a Tiago e João e dirige-se para outro lugar.

No caminho são descritas três espécies de vocações. Nelas os discípulos devem reconhecer-se. Em cada uma delas, Jesus define quais devem ser as verdadeiras atitudes dos seus seguidores e seguidoras. O texto é elaborado de tal modo que situa no centro um chamado feito diretamente por Jesus. A primeira e a terceira personagens desejam seguir a Jesus por iniciativa própria. As três são personagens sem nome e, portanto, representativas de todas as pessoas discípulas de Jesus. Lucas quer enfatizar as exigentes condições para o seguimento.

A primeira demonstra disposição incomum: “Eu te seguirei para onde quer que tu fores”. A expressão faz lembrar as palavras de Pedro um pouco antes de negar a Jesus: “Senhor estou pronto a ir contigo à prisão e à morte” (22,33). A resposta de Jesus à primeira personagem alerta para a necessidade de ruptura com as seguranças e confortos que impedem a prontidão permanente. As “tocas” e os “ninhos” estão ligados à acomodação do poder em suas instituições. Neste sentido, não é por acaso que Jesus vai chamar Herodes de “raposa” (13,32)...

A terceira personagem também se oferece espontaneamente para seguir a Jesus, com a condição de despedir-se primeiro do pessoal de sua casa. A expressão grega denota o sentido de desvencilhar-se de uma incumbência. A personagem demonstra indecisão, própria de quem tem dificuldades de desapegar-se dos seus negócios e de quem ainda está amarrado a laços afetivos prejudiciais à liberdade e à autonomia necessárias para responder ao chamado divino.

A personagem central é convidada por Jesus. Está, porém, ligada às tradições paternas. Jesus pede-lhe que deixe o passado para entrar na nova dinâmica do reino de Deus. Lembra a dificuldade manifestada pelos discípulos de desatrelar-se da ideologia judaica.

Os três tipos de vocações sintetizam as atitudes que devem caracterizar o verdadeiro discípulo. A liberdade deve ser radical para que a opção pelo Reino seja feita com inteireza.

3. II leitura (Gl 5,1.13-18): Chamados à liberdade

Um dos problemas sérios que Paulo enfrenta em sua missão é a influência dos pregadores judaizantes que insistiam na necessidade de os cristãos cumprirem certas normas judaicas, querendo obrigá-los a circuncidar-se. Diante dessas pregações persistentes, alguns membros das comunidades ficaram um tanto abalados e cheios de dúvidas. Geravam-se discussões e intrigas entre grupos com diferentes interpretações. Para Paulo, está totalmente superada a fase da Lei como condição para a salvação. O tempo da minoridade passou. Jesus Cristo nos libertou de todo tipo de escravidão, também a da Lei. Assim, todas as pessoas, independentemente da raça, recebem o privilégio de pertencer ao povo santo de Deus.

Há pessoas na comunidade, porém, que interpretam a liberdade como caminho de satisfação de interesses pessoais. Mas não! A liberdade em Jesus Cristo não é pretexto para satisfazer os instintos egoístas. Pelo contrário, é a qualidade que fundamenta o amor mútuo. A pessoa livre em Cristo põe-se inteiramente a serviço dos outros.

Paulo, então, contrapõe os instintos egoístas (ou os “desejos da carne”) às obras que provêm do Espírito Santo. São duas maneiras de viver. Os frutos são diferentes. A vida no Espírito é o jeito característico de quem foi libertado pela morte e ressurreição de Jesus. Assim como Jesus, conduzido pelo Espírito Santo, viveu a vontade do Pai, entregando-se por inteiro para a vida do mundo, também os cristãos recebem a graça de uma vida nova que se manifesta no amor-serviço.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Todos nós somos chamados por Deus à vida e à santidade. A cada um Deus se revela de maneira original e convoca a viver segundo a sua vontade. Ele conta conosco para irradiar o seu plano de amor em atos e palavras. O profeta Elias é exemplo de disponibilidade e de dedicação ao projeto de Deus. Preocupa-se com a continuidade da missão profética e por isso, sob a inspiração de Deus, transmite o chamado a Eliseu. Como ele, podemos nos desapegar de todas as coisas que impedem a vivência plena da vocação que Deus nos dá.

Também o evangelho de hoje nos alerta para a importância de cultivar as condições para seguir Jesus: não proteger-se em “tocas” nem acomodar-se nos “ninhos” dos interesses pessoais e das instituições de poder; libertar-se das amarras econômicas e afetivas para viver a necessária e saudável autonomia no compromisso vocacional; romper com as tradições passadas para abrir-se à novidade de Deus na história presente, novidade que se manifesta por meio de sinais que nos desafiam ao compromisso em torno de um mundo de fraternidade e paz.

Jesus deseja que sejamos pessoas prontas a superar o individualismo, a acomodação, a administração egoísta dos bens, a tendência a fazer somente o que nos agrada pessoalmente... São Paulo chama essas atitudes de “desejos da carne” ou de “instintos egoístas”. Sem perce-

ber, podemos nos tornar escravos de coisas, de convenções, de aspirações que caracterizam o mundo pós-moderno... Corremos atrás do que a moda exige, mudamos constantemente de pensamento e de rumo, sob pretexto de realização pessoal... Há, porém, outro jeito de viver: sob a condução e a força do Espírito Santo. Ele nos torna livres para vivermos na simplicidade, na alegria de servir, na capacidade de amar como Jesus nos ensinou...

- Podem-se lembrar as diversas vocações existentes na comunidade (e no mundo), seus serviços específicos e os frutos decorrentes da doação de tantas pessoas que respondem com generosidade ao chamado de Deus...

* Mestre em Teologia Dogmática com Concentração em Estudos Bíblicos, Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, São Paulo; especializado em Teologia Bíblica, Universidade Católica de Pelotas e Instituto de Teologia e Pastoral de Passo Fundo; bacharel em Teologia, Faculdade de Teologia da Companhia de Jesus, Belo Horizonte; graduado em Ciências Sociais, Faculdade de Ciências e Pedagogia, Lages. Leciona as disciplinas: Mateus e Marcos, Lucas e Atos dos Apóstolos no Instituto Teológico de Santa Catarina (Itesc).

ANUNCIE EM VIDA PASTORAL

Nos últimos anos, a *Vida Pastoral* deixou de publicar anúncios, passando a usar os espaços reservados para essa finalidade apenas para divulgar livros da Paulus.

Sem deixar de continuar prestando esse serviço, estamos abrindo a possibilidade de anunciar também outros produtos.

Vida Pastoral tem tiragem de 50 mil exemplares, mais acesso via Internet para *download*. O público é formado basicamente por bispos, padres, lideranças leigas e agentes de pastoral.

CONTATOS PARA ANÚNCIOS:
vidapastoral@paulus.com.br

PARA BISPOS E SACERDOTES DIOCESANOS

INSTITUTO JESUS SACERDOTE

"Podem ser membros do Instituto Jesus Sacerdote todos os Eclesiásticos do clero secular (bispos e sacerdotes). Animados por vivo desejo de santidade e iluminados por uma profunda compreensão das exigências do reino de Deus e da sociedade de hoje, querem unir à sua consagração ministerial também a profissão dos conselhos evangélicos, para se conformar mais intimamente a Jesus, Divino Mestre" (Art. 32 do Estatuto).

Para informações e opúsculos sobre o assunto, dirigir-se a:
Institutos Paulinos
Via Raposo Tavares, km 18,5
05576-200 - São Paulo - SP
institutospaulinos@paulinos.org.br

OUTROS INSTITUTOS PAULINOS DE VIDA SECULAR CONSAGRADA

- * Instituto Nossa Senhora da Anunciação (para moças)
- * Instituto São Gabriel Arcanjo (para rapazes)
- * Instituto Santa Família (para casais).